

FIM DE MUNDO

ATLAS

nem o livro nem a areia têm princípio ou fim

Borges, 1995



Atlas, “o mundo desde o fim”

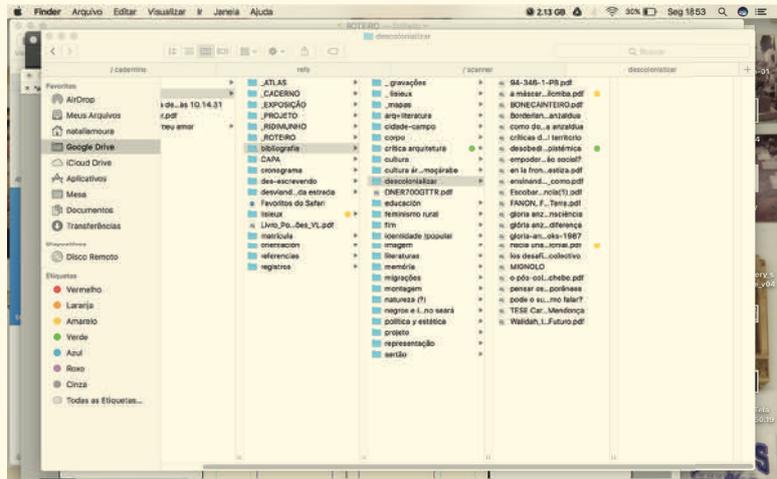
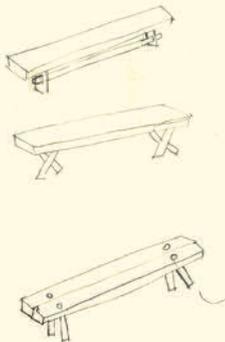
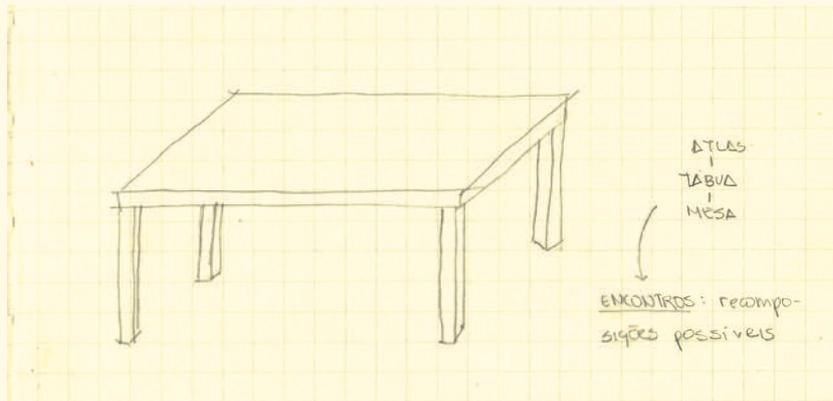
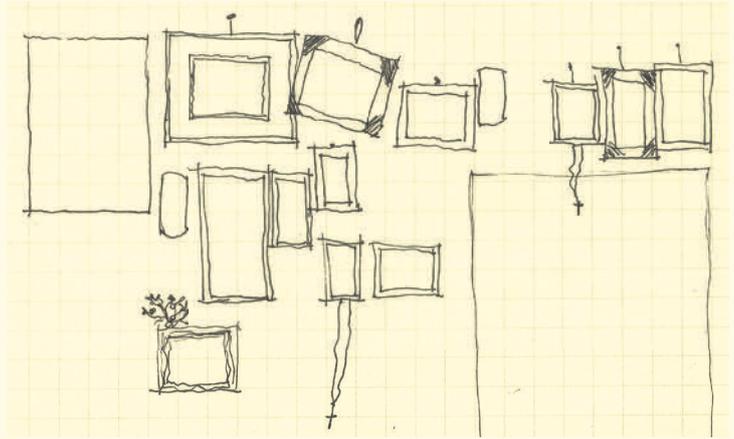
Visando tencionar o lugar do projeto em arquitetura, proponho um caminho por associações e referências outras, através da coexistência, em uma mesma mesa, de maneiras diferentes de representar um lugar. Uma busca pela criação de conexões não óbvias e não esperadas, defendendo o poder de se imaginar e desenhar possibilidades de passado e de futuro, confrontando as ficções que compõe os poderes dominantes. Quando se narra uma cidade está também a “montando” e, montá-la é uma forma de redescobri-la. Logo, a necessidade de se reivindicar vozes e escutas *outras*.

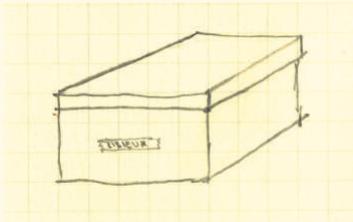
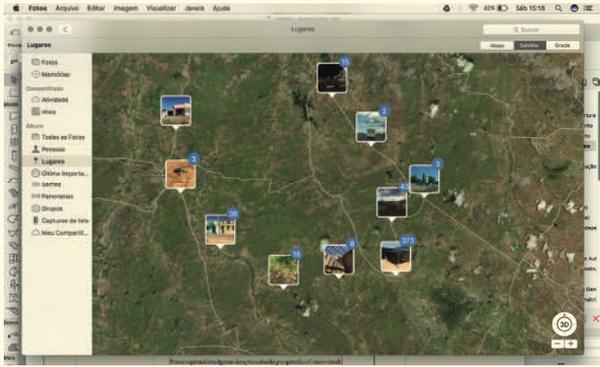
Atlas é um dispositivo de montagem, uma confrontação, um deslocamento, uma ruptura das antigas lógicas e processos (Didi-Huberman, 2010). Método não linear que perpassa a ideia de redemoinho, de uma incompletude (desejada e bem-vinda) ocorrida pela ação do que chega e desordena as coisas de lugar, abrindo-se a novos significados e possibilidades de narrativas e atuações. Uma forma visual de tradução do conhecimento aqui defendido, aberta também a ocorrência de (des)orientações, mas nunca a um saber fechado.

Leitura e mapeamento de registros na formação de espaços fins de mundo e entremeios, refletindo seus desdobramentos em diferentes escalas, inclusive as não-espaciais, mas que constituem histórias e memórias do *ali*. O atlas “o mundo desde o fim” é uma escuta, uma justaposição de fragmentos visando o escancaramento de complexidades existentes na construção de cidades-Lisieux, através de materiais de arquivo organizados e coletados em torno de conversas, escutas, fotografias, vídeos, mapas, notas e desenhos em campo, recortes retirados da internet. A que futuro estas apontam? O que sobrevive?

Este trabalho é, pois, um constante desejo de montagem e remontagem de si, desde fotos e mapas ao próprio texto e sua organização em cadernos, em tentativas permanentes de re-orientação e de se pensar as várias possibilidades de contar algo.

Os exemplos a seguir devem ser vistos antes como uma preparação do terreno, arrumação de um chão e estrutura, visando novos significados e narrativas a partir das suas combinações e dos seus porvires, do que uma apresentação de algo pronto, fechado e emoldurado. Deixo-os com os esboços da minha mesa de trabalho, continuamente aberta a recomposições e encontros possíveis e a adição de novos objetos ou novas questões. E por fim, convido-as/os a um deslocamento, uma espécie de desterritorialização do que se conhece enquanto processo de projeto, tendo no Fim de mundo, Lisieux, seu ponto de projeção, a fim de transpor e expor certas camadas antes pouco visíveis, tanto da história deste enquanto espaço construído e vivido, quanto do que aqui chamo de Ampliação do campo de atuação da arquitetura.





ATLAS PARA O PIM

camalote x máscaras índias pãnkayari

SHARE LIKE REBLOG 0 NOTES



colônias, distrito Itaxux, santa quitéria-cx

SHARE LIKE REBLOG 0 NOTES



É importante falar que para a elaboração desse trabalho buscou-se não só textos e pesquisas acadêmicas, mas, principalmente, um conhecimento passado oralmente, a partir de memórias e relatos de quem viveu o habitat ali. Tanto a literatura, quanto o cinema, a música e a dança estão fortemente presentes aqui, vindos de manifestações culturais populares presentes nessas regiões visitadas. Éria que tudo começou com um ensaio de Tom Zé, camaleão sobre um mapa-tapete, desde a Pátria, passando pelo norte da África até chegar ao Califórnia de Córdoba, onde se encontrava os dois principais países colonizadores da América Latina, visando o que ele chama de tríada miscigenada que forma a primeira tríada da canção popular brasileira. Isso me abriu caminhos de conexões para pensar as cidades através de outras gentes. Mas isso também depende do que eu considero começo ou fim aqui.

[14:30]

SHARE LIKE REBLOG 0 NOTES

[@xi-ATLAS]

1/ autoconstrução

SHARE LIKE REBLOG 0 NOTES



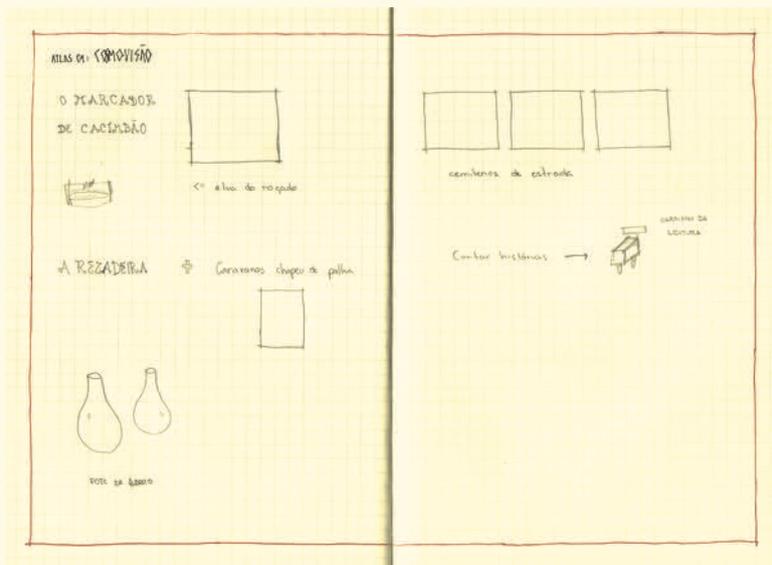
omêlões beira de estrada, Itaxux, santa quitéria.

[arquitetura, como necess pesquisas ptoçadas não tinha cemitério, quando morri uma criança, ela podia ser enterrada ali, pois eram considerados arjos - não viariam viagem, e se alguém mais velho morresse, teria que ser levado para uma localidade onde tivesse cemitério, muitas vezes percorrendo longas distâncias a pé.]

SHARE LIKE REBLOG 0 NOTES

[NO SOY DE AQUÍ, NI SOY DE ALLÁ]

Because I am mixed, continually walk out of one culture and into another; because I am in all cultures at the same time, alive entre dos mundos, tres, cuatro, me zumbos la cabeza con lo contradictorio



I. Cosmvisão

O mí e as fases da lua

...é bom também plantar roça ela tando cheia... e tando minguando, ninguém pode plantar também não... se a gente plantar o bicho num cresce, fica bem baixinho, miúdo. E ela tando na lua crescendo até um pé de planta... na lua cheia...crescendo... o pé de planta cresce. Se a gente vai dobrar o mí, também dobrar o mí é do mermo jeito...Eu só dobro o mí quando a lua tá escura. Quebrar o mí quando a lua tá qualara...tando aqui...o mí fura todim. Eu quebrei...tá no saco aí... fica do mermo jeito...Pode passar é ano aí. Fura não! Eu já quebrei um saco num ano desse que passou...Um vei...um vei tinha me dito que se alguém vai plantar alguma coisa...é tando na lua cheia. Tando tá bom, que já tá grande. E quando ela tá crescendo e cheia...ela tando cheia...tando grandona...crescendo...Depois vai diminuindo...quando crescendo.

eu só dobro o meu mí na lua cheia e na lua crescendo...eu só num “arrumei” na lua escura...que tá clareando o Japão...de dia ninguém vê ela. Ela clarea uma semana...uma noite pra nós...e outra no Japão. Ela tá...assim às 6h ela tá assim, a gente ver ela...ela tá assim quase se pondo...Quando for assim, mas de 10h, 8h...já pode quebrar ou dobrar o mí, já tá escuro...e ela já tá clareando o Japão, né? Eu não, né...eu só dobro o mí...quebrei o saco de mí...o véi, o homem já tinha me falado isso. Um véi de quase noventa ano. Noventa e cinco ano, o véi...Tí do papai...tí Zé Carneiro. Aí...tí Zé Carneiro. Aí, ele disse...eu quebrei um saco de mí na lua culara...quebrando já era aqui, né? Aí botei ali no quarto.

aí fui e quebrei o outro na lua escura, quando tava clareando o Japão. Aí quebrei...e botei tudo pertim. O que eu quebrei na lua escura...num espai ei não, deixei no quarto aí, numa ruma...Ficou junto do outro, tudo impariado. O da lua culara ficou só o pó. E o outro...eu plantei foi mí... plantando...e tirando do saco ainda. Ispaiando e plantando. Do mesmo jeitim.

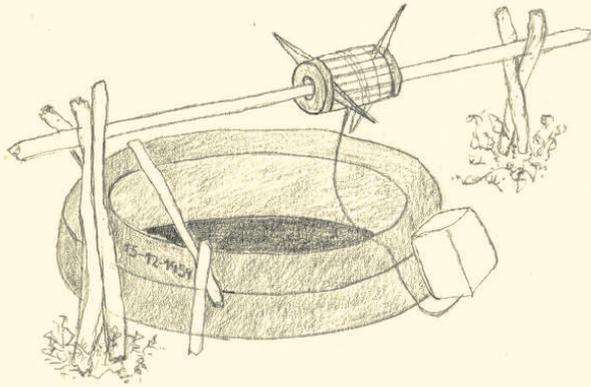
fura não, fura não!

pode plantar roça. É...que pode arrancar na lua...tem um negócio de lua...eu acredito. Eu acredito na lua...Esse saquinho que eu plantei...furou de jeito nenhum, não.

Deca, roçado, 17 de setembro de 2017



O MARCADOR DE GAGUMBÃO



ORAÇÃO PARA ESPINHELA CAIDA



LISIEXU

MORTE
RITUAL
ENCROZILHADO

ANJOS DE ESTRADA

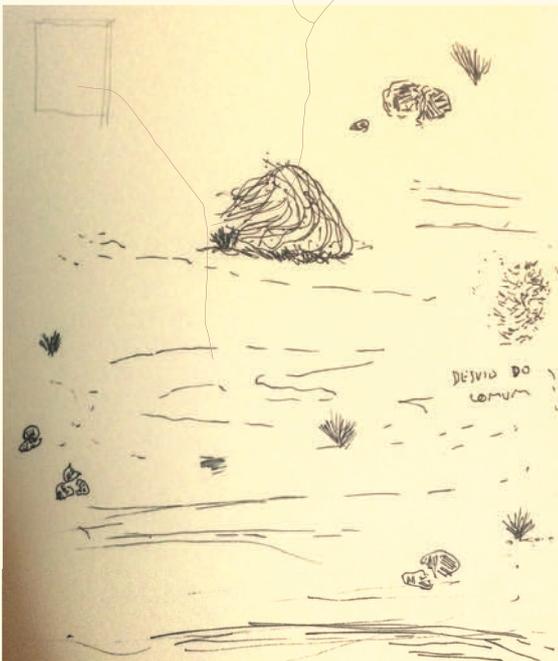
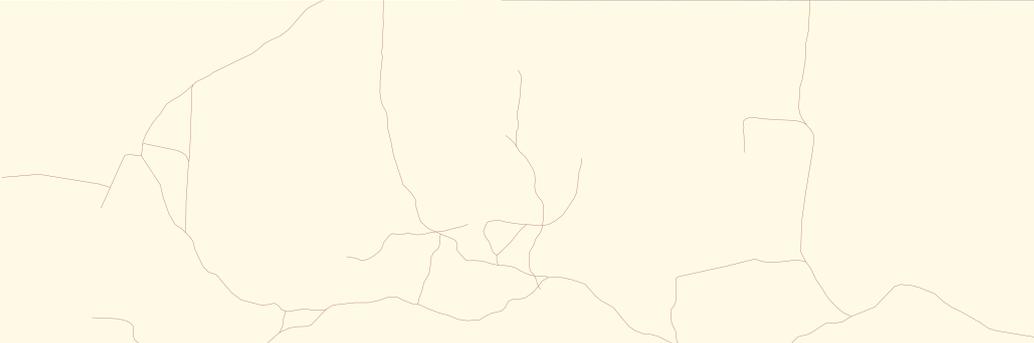
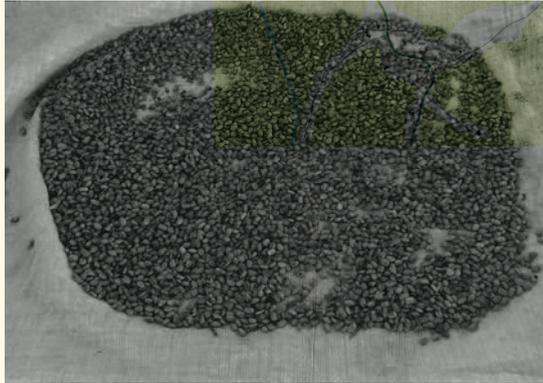


Lá vem o Reisado!

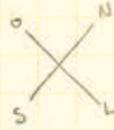


CREMAS

II. Cartografias

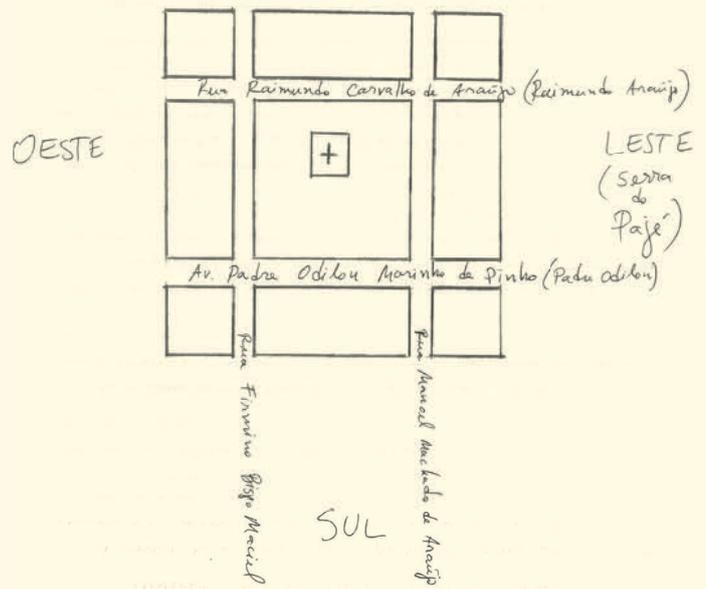


COMO CARTOGRAFAR O SERTÃO?

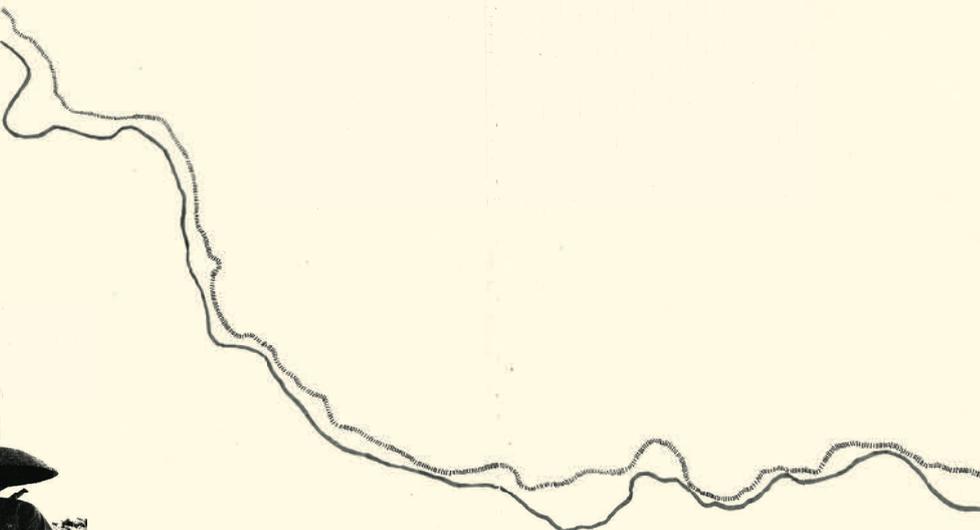
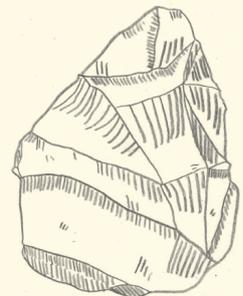


NORTE

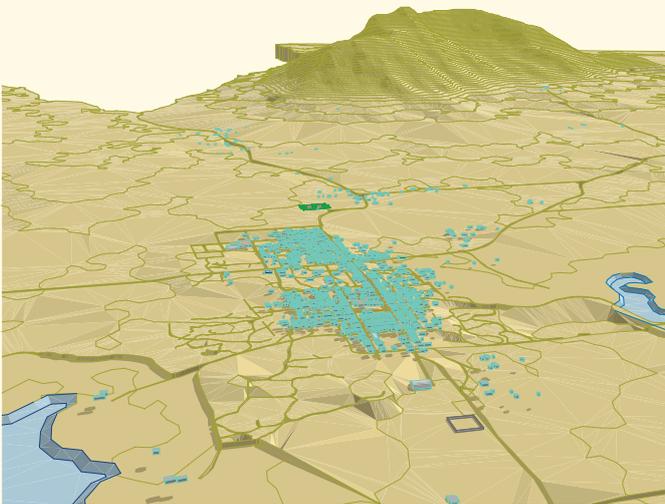
Planta do terreno originário de Lisieux



LISEUX

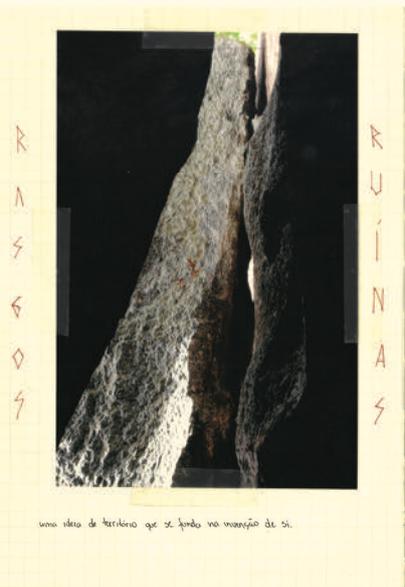
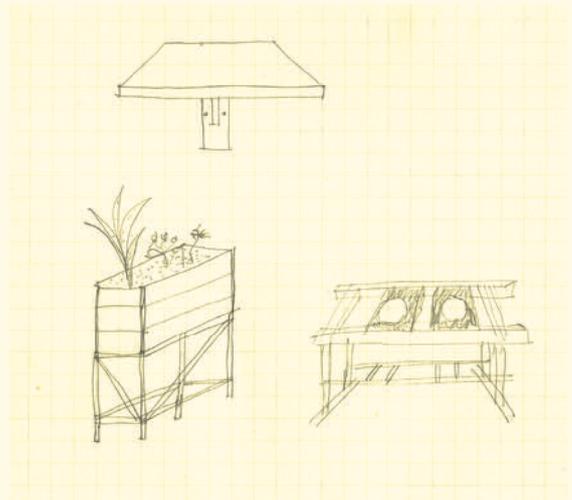
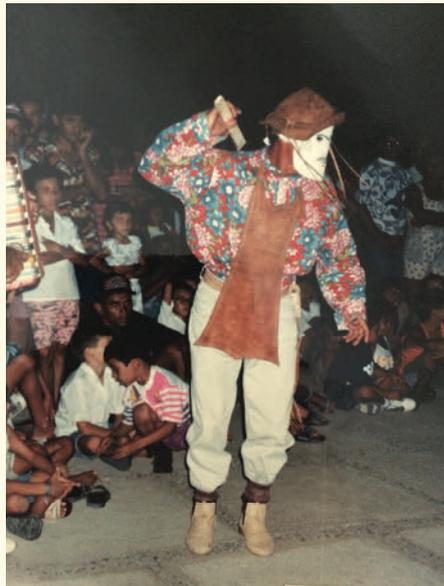


III. A cada momento as coisas se bifurcam

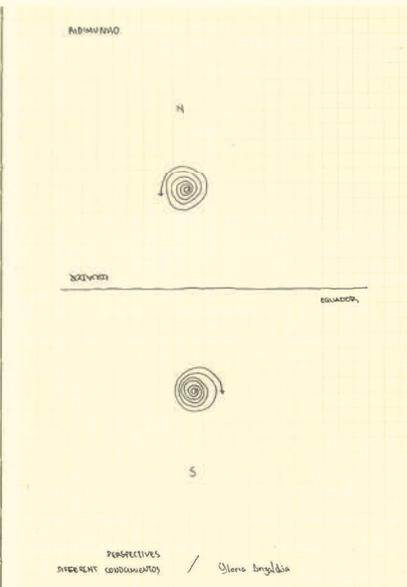




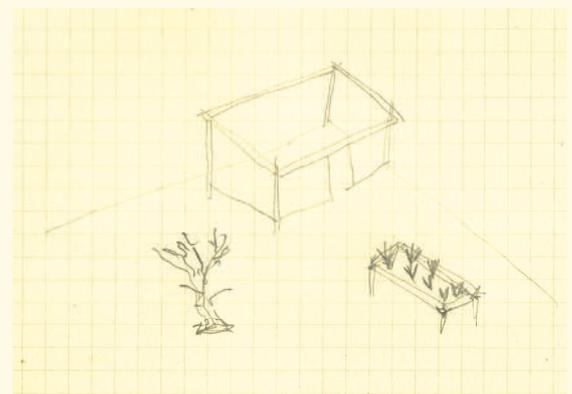
serra do pajé
748 visualizações



uma vista de terrilho que se funda na formação de si.



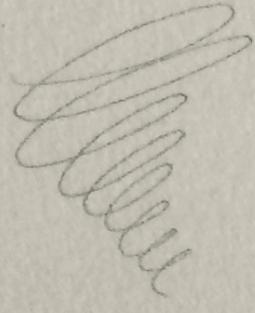
PERSPECTIVES
INTEREPT CONSIDERATION / Olavo Angelini



Ridimuim

PELEJA

ARQUITETO PRA QUE?



ORALIDADE

RASGOS

CORPOGRAFIA

CARTOGRAFIA

MAPAS

DESCOLONIZAR !!!

FRONTEIRAS

FIM DE M

BIDIMENSIONAL

HABITAR ENTRE, NOS E BORDOS

FICÇÃO

o QUE F
o QUE

DISTRITO

É URBANO OU RURAL?

TRÂNSITOS

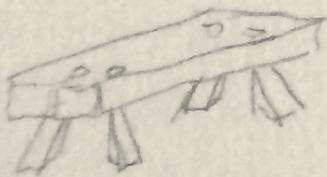
RELACAO
MERCADO

EXCOTOMIA

SERTÃO /

NATURAL

CONCRE



MUNICÍPIO / DISTRITO

LISEUX

HISTÓRIA

MEMÓRIAS

CENTRO CULTURAL
E DE MEMÓRIAS



ATLAS

EXPOSIÇÃO

INSTALAÇÃO

MONTAGEM

NOVO ACESSO

TÁCTO

NÃO FALAMOS

DE ARQUITETURA

[DISPOSITIVO]

UNDO

DO

CA /
RESTA

S :

CIDADE

EDIFICADO

SIMBOLICO

1 PELEJA

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE TECNOLOGIAS
DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA, URBANISMO E DESIGN
TRABALHO FINAL DE GRADUAÇÃO
Dezembro/2017

FIM DE MUNDO

Natália de Sousa Moura

sob a orientação da prof. Dra. Anna Lucia dos Santos Vieira e Silva

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

M888f Moura, Natália de Sousa.
Fim de mundo / Natália de Sousa Moura. – 2017.
190 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Tecnologia,
Curso de Arquitetura e Urbanismo, Fortaleza, 2017.
Orientação: Profa. Dra. Anna Lucia dos Santos Vieira e Silva.

1. construção de lugar. 2. memória. 3. cartografia. 4. montagem. 5. sertão urbano. I. Título.
CDD 720

Natália de Sousa Moura

BANCA EXAMINADORA

Anna Lucia dos Santos Vieira e Silva

Gabriela Leandro Pereira

Luis Renato Bezerra Pequeno

11 de dezembro de 2017

*“Naquela ventania ô gangá
Que sobe o pé da serra
Vejo a bombogira ô gangá
Que vem girar na terra”*

(canção de domínio público)



Ridimim. Aquarela sobre papel. Camila Matos, Belo Horizonte, 2017.

As redemoniades.

É NOSSO

à danza y los degradados, por me salvarem das explosões e serem milhões delas.
ao Canto, à Quintal e ao Lehab, por serem a universidade que eu sonhei.
à Lilu, por ser tão aberta às minhas maneiras de pensar e fazer. *gracias* por acreditar e ser parte disso.
ao Renato, por todo o saber partilhado e pelo trabalho constante e atento ao mundo.
à Gaia, por ter aceitado participar de parte desse processo e por me inspirar com seu trabalho.
ao Victor, Lessa e Clarisse pelo que somos desde o início. muito do aqui é de vocês.
ao Fred, por ser presente nos silêncios e nas palavras. e nisso aqui também.
à Gabi e à Manu, onde minha admiração não tem fim.
à Jana, Barbs e Nat, *que es como se dice casa y amor en español*.
à Mari, Clara e Marina, por permanecermos além dos mares e distâncias.
à Tai, por todos os lugares que me levou, especialmente desertos, pães e irarás.
ao Dudu, *hermana de sueños, pociones y bebidas*.
à Gabi e à Bel, porque sempre me apaixonei pelas terras.
à Camis, pelos mundos e palavras que inventamos e ainda inventaremos.
à Luna, por todas as horas, especialmente as abertas. pelas palavras que reverberam nos tempos-espacos e em mim.
à Cibele, por ter atravessando esse trabalho tantas vezes. pelas conversas de mar, de vida e de guerra. é nós e é nosso isso aqui.
à Lindi, por ser um lugar no mundo pra mim, *linde* entre a terra e o mar.
à Jéssica, por ter sido quem primeiro compartilhou o sentimento de deslocamento comigo.
à Bia, pelo que não precisamos dizer para sentir e estar.
às minhas tias Fanca e Cléia, por toda a beleza de ser o que se é e a verem em mim apesar do que não compreendem.
ao tio Deca e à dona Raimunda Madeira, pela partilha de saberes esquecidos.
ao meu pai, que construiu esse trabalho junto comigo.
à minha mãe, que talvez ela nem sabe, mas esse trabalho é sobre e para ela.

aos fins de mundo,
y de tudo.

¹ Porque eu, uma mestiça,/ estou continuamente saindo de uma cultura a outra,/ porque eu estou em todas as culturas ao mesmo tempo, / alma entre dois mundos, três, quatro, / movendo minha cabeça com o contraditório. / Estou noritada por todas as vocês que falam comigo simultaneamente. (traduzido livremente pela autora)

*Because I, a mestiza,
continually walk out of one culture
and into another,
because I am in all cultures at the same time,
alma entre dos mundos, tres, cuatro,
me zumba la cabeza con lo contradictorio.
Estoy noritada por todas las voces que me hablan
simultáneamente.¹*

Una lucha de fronteras/ A struggle of Borders, Gloria Anzaldúa

NO SOY DE AQUÍ, NI SOY DE ALLÁ²

Este trabalho surge antes mesmo de o ser como intenção. Toma forma a partir de incômodos e inquietações no decorrer da minha formação enquanto estudante de Arquitetura e Urbanismo em uma Universidade Pública de um país dito como Terceiro Mundo. Atravessa minha vivência enquanto moradora de uma cidade (ou várias), considerando as posições que alternadamente ocupei e ocupo dentro dela(s). Perpassa desejos e encontros surgidos a partir destas questões, principalmente no que tange a busca pelo entendimento do que está por fora, à margem, como uma forma de se pensar outros modos de habitar e construir cidade, muitos destes já existentes, porém invisibilizados, sem-voz e sem-lugar, historicamente desconsiderados nos mapas, planos e projetos. A escolha por tomar como meio e linha que costura este trabalho o entre, a fronteira é, então, um posicionamento diante do que se está em jogo dentro das disputas que constituem um território. Reflito sobre os silêncios nos discursos que são materializados nos espaços. Penso o lugar-sertão como um exemplo desse entre-lugar e, portanto, coloco em questão também o que está em movimento hoje em dia, tentando romper com as dicotomias presentes como: urbano/rural, natural/edificado, concreto/simbólico. Este é um estudo que se localiza em e a partir da fronteira (inclusive minha implicação nela), negando a existência de uma história, voz e fazer únicos. É dedicado aos corpos expostos a margens, em um desejo contínuo e coletivo de alargá-las. Um impulso de colocação, de um fazer político inerente à qualquer atuação que se implique a propor algo. Sendo também um exercício de baixar a guarda para um saber e uma escuta que nem sempre estiveram presentes nos discursos e, principalmente, para se permitir habitar um novo campo do fazer projetual dentro da arquitetura e do urbanismo, a partir de um olhar crítico sobre este.

Existir na fronteira é estar em constante movimento de demarcação e apagamento. *Escoregar por entre rasgos*³. *Não habitar nós*. Não estar dentro, ou para estar, ter que ser *outro*, ter em nossos corpos e espaços as marcas do não-pertencimento. Não ser daqui, nem de lá.

² Nome de uma das canções do compositor, cantor e escritor argentino Facundo Cabral, composta em 1970. Tornou-se mais conhecida na voz da cantora mexicana Chavela Vargas.

³ Jota Mombaça em texto de apresentação do livro de Nina Rizzi, *A duração do deserto* (2016).

Índice

Atlas, 0

1. Peleja

No soy de aquí, ni soy de allá, 13

A volta do meio pra trás, 19

Bibliografia, 24

Lista de imagens, 26

Lista de desenhos, 30

Lista de diagramas, 31

Lista de mapas, 32

Lista de álbuns, 33

Lista de poemas e músicas, 34

Anexos, 35

2. Rasgos,

Direito à Ficção I, 8

3. Fronteiras

Toda cidade é uma ficção, 7

Habitar entre, nós e beiras, 10

4. Trânsitos

A esperança não vem do mar nem das antenas de tv, 6

Incelança para permanência no sertão, 8

Há algo que resta e reverbera, 9

5. Fim de mundo

Fim de mundo é um lugar no mundo, 9

Cielo al revés, 10

Ridimunho, 14

6. Lisieux

Começo do fim, 8

A quem pertence a história?, 16

Fim do fim, 18

7. Visitas, 5

viagens, 26

8. Não falamos de arquitetura

Arquitetura de não-arquitetos, 7

Centro Cultural de Lisieux, 12

Centro de Memórias, 18

Direito à ficção II, 23

*Falar do lugar em que permanecemos: habitar no bagaço depois de moída a
cana: lidar com o resto: com o que sobra: com as idas: partidas e vindas: sempre
o novo: quando dos escombros de nós mesmos somos a vida que insiste: raiz
resistente de alguma coisa plantada ainda: surgindo. E tudo finda e se renova: de
novo: tudo de novo e tudo em jogo diante do que se anuncia.*

Paulo José, em texto de divulgação para o espetáculo de dança Degradação: um
sacrifício pela novidade (2017)

PELEJA, “a volta do meio pra trás”

– Arquiteto pra quê?

Era o que dizia uma das placas da oficina do Canto⁴ a qual participei na minha primeira semana de faculdade. O exercício consistia em sair perguntando a opinião das pessoas de um shopping próximo sobre as frases que carregávamos, relacionadas à atuação dos arquitetos. Esse primeiro contato, de sair do espaço físico da universidade e nos encaminhar para a rua, constituiu a base do meu pensamento dentro do curso, onde o conhecimento ali gerado só encontraria sentido ao sair, ao transbordar. Era preciso perpassar e ultrapassar o campo acadêmico para ampliar o saber, ir de encontro a outros saberes que também constituem a nossa sociedade.

É a partir da inquietação em relação aos estudos das teorias e práticas arquitetônicas e urbanísticas dadas no decorrer do curso que este trabalho nasce. Um questionamento sobre a própria construção e repasse do ensino dentro deste, centrada, na maioria das vezes, em um conhecimento de fora, eurocêntrico e/ou americano, que pouco tem a ver com a realidade brasileira e quando sim diz respeito a um eixo sul-sudeste do país. Nossos modelos teórico-projetuais muitas vezes estiveram direcionados a um fazer utópico (pra quem?), ligado a um pensamento modernista, numa busca pelo ideal de cidades planejadas, tendo como base o modelo ocidental (e distante) e o sistema capitalista-mercadológico (seja este apoio declarado ou não), contribuindo para um cenário mais próximo à distopia, alargando desigualdades territoriais e sociais, comum à maioria das metrópoles brasileiras, não deixando de estar presente também em cidades de médio e pequeno porte.

A partir disso, tomo como impulso-desejo desconstruir e reconstruir a base do meu fazer projetual a partir de referências e histórias outras, ver o que está fora dos eixos hegemônicos, onde também se constroem pensamentos e modos de fazer. Pensar decolonialmente⁵. Para isso, seria necessário, por exemplo, um

⁴ Criado em 2009 por estudantes do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Ceará, o Canto é um Escritório Modelo de Arquitetura e Urbanismo – EMAU, sendo este um projeto de extensão idealizado pela Federação Nacional dos Estudantes de Arquitetura e Urbanismo – FeNEA –, surgido no início dos anos 90 e que conta hoje com mais de 20 espalhados por todo o Brasil.

⁵ Em termos gerais, aqui pode ser entendido como uma invocação à epistemologia, sujeitos e projetos políticos que questionam os modelos eurocêntricos e coloniais do conhecimento.

aprofundamento nas questões da colonização do Brasil, mais precisamente do Ceará, de como isso conformou e conforma, constantemente, a construção de nossas cidades e territórios em geral, as marcas deixadas que representam, muitas vezes, um passado fortemente presente. Como isso exigiria um estudo relativamente grande e profundo, o qual não caberia a este trabalho, tomo como possibilidade e válvula inicial de percurso um caminho pelo entendimento do sertão cearense como um território de (re)existência no entre e na fronteira, localizando-o dentro desse contexto de rastros coloniais, tomando o cuidado para não vê-lo com o olhar homogeneizante do senso comum, atrelado muitas vezes a um lugar de retirantes da seca (no caso do Nordeste), olhar este que o simplifica a um só universo, enquanto existem vários.

Impulsionada por essa questão, percorro este caminho de incômodo, na ausência observada no curso de pouca ou quase nenhuma abordagem no que diz respeito aos estudos e intervenções em territórios rurais. Cidades que se constituem (também) a partir de uma nova ruralidade e de uma existência-sertão, conhecidas territorialmente como Distritos, dependentes administrativa e financeiramente de um Município, podendo englobar uma sede (onde existe a maior concentração de casas), assentamentos rurais e outros povoados. Lugares que contêm complexidades outras e que por mais que suas existências, em alguns casos, sejam fisicamente distantes das grandes cidades, sua proximidade relacional e simbólica está fortemente presente nestas, e vice-versa, seja no trânsito e migração interior/cidade observados, e/ou a partir do advento e chegada das tecnologias e da cultura industrial de massa nestes locais, encurtando certas distâncias.

Ao assumir a posição e o desafio de propor um estudo dentro de cidades-limites, cidades-fronteiras, cidades des-planejadas, **não-cidades**, quase sempre “esquecidas” pelo poder público e onde, constantemente, se observa o apagamento e silenciamento de seus cotidianos enquanto modos de habitar e fontes de práticas e saberes que conformam identidades culturais, identifico um choque com o modelo comumente utilizado de se projetar em arquitetura, o que me leva a também ocupar um lugar de trânsito-em-borda e beira dentro do que se espera desta atuação. Busco, então, a partir da cartografia e montagem, tentar costurar espacialmente o meu pensamento, tendo como objetivo inicial evidenciar experiências e vivências territoriais que historicamente não pertencem nem aparecem nos mapas existentes (entendendo estes como um lugar de poder), tendo sido muitas vezes retratados como vazios cartográficos, mas que resultam em construção de espaços vividos, afim de entendê-las também como material de referência necessário aos nossos estudos arquitetônicos e urbanísticos.

Ou seja, entendê-las também como resistências e existências apesar de. Temos exemplos disso na própria arquitetura, que em sua maioria é feita por não-arquitetos, apresentando a autoconstrução como característica das suas realidades e isso deve ser considerado dentro de uma faculdade de arquitetura. Não como uma visão meramente folclórica e romantizada ou ligada à precariedades, a algo ruim que deva ser reparado pelos senhores detentores do saber técnico-projetual, mas como um saber, um conhecimento, assim como também uma **denúncia**. Uma denúncia da ausência, da elitização de uma profissão que é restrita a poucos e que, muitas vezes, contribui para a manutenção de um sistema que é opressor.

A partir de uma produção de conteúdos relativos à área de intervenção, o projeto consiste na realização de uma espécie de Atlas: dispositivo de atuação, compartilhamento e expansão destes, com a intenção de se pôr a frente camadas da história de um lugar que pouco ou quase nunca foram projetadas (entendendo projeto em seu sentido convencional, feito por arquitetos), estando mais próximo ao sentido de prospecto, do fazer-se ver, fazer visível algo que não era (ou transformar o que é), e não de programa (MIGNOLO, 2013), onde facilmente se pode cair em conceitos universais abstratos (marcas da modernidade), gerando uma ansiedade constante de substituir o que veio antes por algo novo, alimentados pelo plano das novidades a qualquer custo. Como exemplo temos em nossas disciplinas de projeto, onde nos ensinam muitas vezes a projetar a partir do zero, como em um território neutro, discursos legitimados pelo desenvolvimento, progresso e busca por melhorias e bem-estar social, por vezes fantasiados de boas-intenções, cunhados por quem detêm o poder e acham-se mais aptos a ditar as necessidades de cada indivíduo e lugar, desconsiderando falas, histórias e culturas locais.

Considerando memória e construção de lugar, tomo como exemplo, estudo de caso e aplicação, o distrito de Lisieux, pertencente ao município de Santa Quitéria, localizado em limite deste com os municípios de Sobral, Groaíras e Forquilha [coordenadas: longitude 368005.50 E e latitude 9557494.04 S], no interior do Ceará. Essa escolha parte de um sentimento de pertencimento: local de origem da minha família, freqüentado desde que nasci, concedendo-me um conhecimento sobre, não só dentro da possibilidade de pesquisa e leitura, mas também de corpo, de ser dali, raízes, reverberando também no aqui, habitabilidade. E vem do entendimento deste como um lugar de fronteira, seja por estar fisicamente em uma (ou várias), ou pelas características urbana e rural que se mesclam em seu território, principalmente na sua sede, habitando esse entre-lugar, rito de passagens e ambiguidades. Não há arquitetos ali, embora existam gestos e atos arquitetônicos.

Este trabalho não segue uma linearidade, a ideia de redemoinho é incorporada na própria [de]formação do trabalho, em uma tentativa e exercício constante de deslocamento do que é conhecido, levantar a poeira do chão, dispersar: para enfim se re-conhecer no que sempre esteve ali. O trabalho tange ao habitar desde as fronteiras: como a arquitetura (materialidade destas) pode contar, e ao mesmo tempo esconder, histórias de um lugar, considerando que toda cidade é uma espécie de ficção. Lisieux será o ponto de projeção, a trajetória ficcional que escolho para retratar espacialmente, partindo de uma proposição do imaginário do lugar posto em Atlas-instalação. As intervenções que surgirem a partir daí devem ser vistas como possibilidades de invenção, ressignificações do real, afinal, *não há real que não seja inventado* (BARROS, 1997), abrindo caminhos para o rompimento de antigas estruturas, como uma forma de compreensão da nossa própria sociedade. E considerando um projeto como um exercício constante e diário de atualização de si.

É importante falar que para a elaboração desse trabalho, apoiada nas teorias e práticas que abordam a descolonização, busquei não só textos e pesquisas acadêmicas, mas, principalmente, olhares outros, um conhecimento passado oralmente, a partir de memórias e relatos de quem exerce o habitar ali. Tanto a

literatura, quanto o cinema, a música e a dança estão fortemente presentes aqui, vindos de manifestações culturais populares, características desse tipo de região. Diria que tudo começou com um ensaio de Tom Zé⁶, caminhando sobre um mapa-tapete, desde a Pérsia, passando pelo norte da África até chegar ao Califado de Córdoba, onde se encontrava os dois principais países colonizadores da América Latina, trilhando o que ele chama de trindade miscigenada que forma a primeira triagem da canção popular brasileira. Isso me abriu caminhos de conexões para pensar as cidades através de outras janelas. Mas isso também depende do que se considera começo ou fim aqui.

Logo, este estudo é antes um ensaio, onde não se busca uma representatividade da verdade, mas uma reflexão sobre o mundo desde *el sur*, lugar-sertão⁷, e sua ordem social, a sistematização de registros (orais, escritos, fotografados, coletados etc) e *organização de complexidades antes de uma documentação de realidades*⁸. Ensaio como deslocamento, se pôr em movimento por caminhos outros, a partir da existência em beiras. Pensar novas aberturas, novas falas e novas escutas. O novo aqui não deve ser lido como algo inédito que só existe a partir do dizer-agora, mas como algo que sempre existiu, mas antes era invisibilizado, não-escutado. Não são descobertas, mas sim: encontros, choques.

⁶ PROGRAMA ENSAIO. Ensaio | Tom Zé | 10/08/2013. Youtube, publicado em 14 de agosto de 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yWJC_VVkJThE&t=872s> Acessado em: 24 de novembro de 2016. Ver a partir de 14'30".

⁷ Referência ao seguinte trecho do livro Grande Sertão Veredas, de Guimarães Rosa: "Lugar sertão se divulga: é onde os pastos carecem de fechos; onde um pode torar dez, quinze léguas, sem topar com casa de morador; e onde criminoso vive seu cristo-jesus, arredado do arrocho de autoridade..." (2015, p.19)

⁸ BIEMANN, Ursula. Fronteiras transnacionais. PISEAGRAMA, Belo Horizonte, número 01, página 18 - 22, 2010.



imagem 01: cena do filme “Girimunho” (2011), com direção de Clarissa Campolina e Helvécio Marins Jr., que aborda a história de duas mulheres que habitam o sertão mineiro.

BIBLIOGRAFIA

ADRIÃO, Maria Antônia V. **Memórias do sertão: a migração sertaneja entre imagens e discursos literários**. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2002.

ANZALDÚA, Glória. **Borderland/ La frontera: la nueva mestiza**. Traducción de: Carmen Valle. 1.ed. Madrid: Capitán Swing. Colección Entrelíneas, 2016.

BALTAZAR, Ana Paula; KAPP, Silke. **Por uma Arquitetura não planejada: o arquiteto como designer de interfaces e o usuário como produtor de espaços**. Impulso (Piracicaba), v. 17, p. 93-103, 2006.

BALTAZAR, Ana Paula; KAPP, Silke. **Assessoria Técnica com interfaces**. In: IV ENANPARQ, 2016, Porto Alegre. IV ENANPARQ: Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo - Estado da arte. Anais... Porto Alegre: UFRGS, 2016. v. 1.

CALVINO, Italo. **As cidades invisíveis**; tradução Diogo Mainardi. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

CARBALLO, F. (2012). **Hacia la cartografía de un nuevo mundo: pensamiento descolonial y desoccidentalización (un diálogo con Walter Mignolo)**, Otros Logos, 3: 237-267. Disponível em: <<http://www.ceapedi.com.ar/otroslogos/Revistas/0003/13.%20Carballo.pdf>> Acessado em: maio de 2017

CHILE. Ministerio de Obras Públicas, Dirección de Arquitectura. **Guía de Diseño Arquitectónico Aymara**. Primera edición, diciembre 2016. Santiago del Chile.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Atlas - ¿Cómo llevar el mundo a cuestas?** 1.ed. TF Editores/Museo Reina Sofia, Madrid. 2010

FARRÉS DELGADO, Y. y MATARÁN RUIZ, A. **Hacia una teoría urbana transmoderna y decolonial: una introducción**. Polis [En línea], 37 | 2014, Publicado el 07 mayo 2014, consultado el 02 septiembre 2016. Disponible en: <http://polis.revues.org/9891>

FERRAZ, Marcelo (Org.). **Lina Bo Bardi**. São Paulo: Imprensa Oficial/ Instituto Lina Bo e P.M. Bardi, 1993.

FLUSSER, Vilém. **Guimarães Rosa e a Geografia**. Kriterion: Revista de Filosofia. Belo Horizonte: UFMG, v.10, n.3, p. 275-278, 1969. Disponível em: <<http://www.flusserbrasil.com/art25.html>>

FOUCAULT, Michel. **O corpo utópico, as heterotopias**. Posfácio de Daniel Defert. São Paulo: Edições n-1, 2013.

ILLICH, Ivan. **Necessidades**; tradução Silke Kapp. 1990 (texto não publicado).

Disponível em: <http://www.mom.arq.ufmg.br/mom/arq_interface/1a_aula/Illich_1990_Necessidades.pdf>. Acessado em: 09 fev. 2017

LISIEUX. Ponto de cultura. **As gincanas histórico-culturais de “aniversário” de Lisieux**. 1. ed. Lisieux, Santa Quitéria, Ceará, 2013.

KAPP, Silke; NOGUEIRA, Priscilla; BALTAZAR, Ana Paula. Arquiteto sempre tem conceito - esse é o problema. In: *Projetar*, 2009, São Paulo. Projeto como investigação: antologia. São Paulo: Altermarket, 2009. v. 1.

MELO, Adriana Ferreira de. **Sertões do mundo, uma epistemologia; Uma cosmologia do sertão**. 2011. 2v : il. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Instituto de Geociências, 2011.

MOMBAÇA, Jota. **Rumo a uma redistribuição desobediente de gênero e anticolonial da violência**. Oficina de imaginação política. Publicado no issue em 12/12/2016. Disponível em: https://issuu.com/amilcarpacker/docs/rumo_a_uma_redistribuicao_a_o_da_vi. Acessado em: 13/12/2016.

MOURA, Braga. **Trajecto Sinuoso: Intans - Lisieux - CE**. Fortaleza, Colégio Batista - Setor gráfico, 1998. 122 p.

PEREIRA, Gabriela Leandro. **Corpo, discurso e território: a cidade em disputa nas dobras da narrativa de Carolina Maria de Jesus**. 2015. 252 f. : il. Tese (doutorado) - Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Arquitetura, 2015.

ROSA, João Guimarães. **Grande sertão: Veredas**. 21.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015. 496 p.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 20. ed. Rio de Janeiro: Record, 2011.

LISTA DE IMAGENS

Peleja

Imagem 01 - Cena do filme “Girimunho” (2011), com direção de Clarissa Campolina e Helvético Martins Jr.

Rasgos

Imagem 01 - “Mano Zurda”, Gloria Anzaldúa, 1995. Fonte: Casa de Cultura Tlalpan, México. Disponível em: <http://www.uaemculturatlalpan.com/entrepalabraeimagen.html>, Acessado em: 25/09/17

Imagem 02 - Caderno de Maria Neusa encontrado em uma das visitas de campo. Fonte: autoras, Lisieux, Santa Quitéria, 2017.

Imagem 03 - Vista roçado Lisieux. Fonte: Google Earth, 2017.

Imagens 04, 05, 06, 07 - Visitas de campo. Fonte: autoras, Lisieux, 2017.

Fronteiras

Imagem 01 - Igreja de Santa Terezinha de Lisieux. Fonte: acervo Centro de Memórias, data desconhecida.

Imagem 02 - Assentamento Fazenda Jardim. Fonte: autora, Lisieux, 2017.

Trânsitos

Imagem 01 - Campo de concentração do Pirambu, Fortaleza, 1932. Fonte: acervo Valdecy Alves. Disponível em: <http://valdecyvalves.blogspot.com.br/2017/09/campos-de-concentracao-no-ceara-e-os.html>

Imagem 02 - Candangos fazem fila para identificação na Novacap, Brasília, 1959. Fonte: arquivo público do DF. Disponível em: <http://memorialdademocracia.com.br/card/construcao-de-brasilia/5>

Imagem 03 - Os camponeses acostumados à sentar no parapeito das janelas de suas casas rurais, continuam à fazê-los nos edifícios de apartamentos. Ho Chi Minh, Vietnã, 1995. Foto de Sebastião Salgado.

Imagem 04 - “A criação das sereias - alegoria barroca” Gilvan Samico, 2002.

Imagem 05 - ‘A Logo for America’, Times Square, 1987, intervenção do arquiteto chileno Alfredo Jaar. Disponível em: <https://www.whitewall.art/art/alfredo-jaars-this-is-not-america-returns-to-times-square>. Acessado em: 02/12/2017.

Fim de mundo

Imagem 01 - Placa de Lisieux coberta de tiros. Fonte: acervo pessoal, Lisieux, 2012.

Imagem 02 - Placa Fim da zona Urbana. Fonte: autora, Lisieux, 2017.

Imagem 03 - Map of South America by J.B. D'Anville, Paris, 1748. Disponível em: <http://archivisionsubscription.lunaimaging.com/luna/servlet/detail/RUMSEY~8~1~203996~3001758:-Facsimile--D-Anville---1748--39--S>

Imagem 04 - A New Map, or Chart in Mercators Projection of The Ethiopic Ocean with Part of Africa and South America. William Herbert, Londres, 1763. Disponível em: <https://latinamericandiaries.blogs.sas.ac.uk/2016/03/30/the-ethiopic-ocean-and-luiz-felipe-de-alencastros-new-perspectives-on-the-south-atlantic/>

Imagem 05 - América Invertida. Joaquín Torres García, 1943.

Imagens 06 e 07 - Mapeamento Taureg, Nigéria. Disponível em: <https://decolonialatlas.wordpress.com/2017/06/05/the-transformable-orientations-of-tuareg-mapping/>

Imagem 08 - Remolino, Gloria Anzaldúa, 1995. Fonte: Casa de Cultura Tlalpan, México. Disponível em: <http://www.uaemculturatlalpan.com/entrepalabraimagen.html>, Acessado em: 25/09/17

Imagem 09 - Cena do filme “Girimunho” (2011), com direção de Clarissa Campolina e Helvético Martins Jr.

Lisieux

Imagem 01 - Poesia de Paulo Régis Araújo Moura escrita na gincana de aniversário de 35 anos de Lisieux, 1995. Fonte: acervo Centro de Memórias, Lisieux, 2017.

Imagens 02 e 03 - Visitas de campo. Fonte: autoras, Lisieux, 2017.

Imagem 04 - Gado na estrada que liga as localidades de Arial e Lisieux. Fonte: autora, Santa Quitéria, 2017.

Imagem 05 - Captura de vídeo chapeleiras de Lisieux. Fonte: autoras, Lisieux, 2017.

Imagem 06 - Estação de trem principal de Lisieux, França. Fonte: Jéssica Chaves, Lisieux, França, 2014.

Imagem 07 - Missa campal em Lisieux, 1960. Fonte: acervo Centro de Memórias de Lisieux.

Imagem 08 - Família Araújo, 1972. Fonte: acervo Centro de Memórias de Lisieux.

Visitas/viagens

Imagem 01 - Ponte sobre o rio Groaíras, rodovia CE-179. Fonte: autora, Groaíras, 2017.

Imagem 02 - Ruínas antiga fazenda Intans. Fonte: autora, Lisieux, 2016.

Imagens 03 e 04 - Lajeiro. Fonte: autora, Lisieux, 2017.

Imagens 05, 06 e 07 - Fotografias de álbuns antigos. Fonte: acervo Cléia Araújo.

Imagens 08 e 09 - Casa de pedra. Fonte: autora, Lisieux, 2017.

Imagem 10 - Antiga casa de farinha. Fonte: autora, Lisieux, 2017.

Imagem 11 - Recipiente para guardar goma, fazenda Barro Vermelho. Fonte: autora, Lisieux, 2017.

Imagem 12 - Casa de taipa, fazenda Barro Vermelho. Fonte: autora, Lisieux, 2017/

Imagem 13 - Armador antigo, embutido na parede de taipa, Fazenda Barro Vermelho. Fonte: autora, Lisieux, 2017.

Imagem 14 - Objetos doados para o acervo do Centro de Memórias de Lisieux. Fonte: autora, Lisieux, 2017.

Imagem 15 - Fábrica de tijolos. Fonte: autora, estrada Arial, 2017.

Imagem 16 - Casa abandonada. Fonte: autora, estrada Arial, 2017.

Imagem 17 - Barragem sobre o Rio Groaíras. Fonte: autora, estrada Arial, 2017.

Imagem 18 - Capota de caminhão sobre forquilhas. Fonte: autora, Arial, 2017.

Imagem 19 - Estabelecimento comercial. Fonte: autora, Arial, 2017.

Imagem 20 - Campo de futebol de estrada. Fonte: autora, estrada Arial, 2017.

Imagem 21 - Construção encontrada na estrada do Arial. Fonte: autora, Arial, 2017.

Imagem 22 - Encruzilhada, de um lado Furado e do outro Jardim. Fonte: autora, 2017.

Imagem 23 - Cemitério de estrada. Fonte: autora, 2017.

Imagem 24 - Assentamento do MST, Fazenda Jardim. Fonte: autora, Lisieux, 2017.

Imagem 25 - Parede casa do seu Joaquim Ferreira e dona Gecina. Fonte: autora, Floresta, 2017.

Imagem 26 e 27 - Barragem construída em 1895. Fonte: autora, Floresta, Lisieux.

Imagem 28 - Rua Natal. Fonte: autora, Lisieux, 2017.

Imagens 29, 30, 31, 32, 33, 34 - fotografias retiradas do álbum da gincana de comemoração de Lisieux 35 anos. Fonte: acervo Centro Cultural de Lisieux.

Imagem 35 - acervo de objetos doados para o Centro de Memórias de Lisieux. Fonte: autora, 2017.

Imagem 36 - Dona Raimunda Madeira fazendo chapéu. Fonte: autora, Lisieux, 2017.

Imagem 37 - Roçado do Deca. Fonte: autora, Lisieux, 2017.

Imagem 38 - Deca na beira do açude Angiquins. Fonte: autora, Lisieux, 2017.

Imagem 39 - Pedras. Fonte: autora, Santana do Cariri, 2016.

Imagem 40 - Fundação Casa Grande, Memorial do homem do kariri. Fonte: autora, Nova Olinda, 2016.

Não falamos de arquitetura

Imagem 01 - Apresentação de capoeira no Grêmio Recreativo de Lisieux. Fonte: acervo Centro Cultural, Lisieux, data desconhecida.

Imagem 02 - Construção de cacimbão, fevereiro de 93. Fonte: acervo Centro Cultural, Lisieux.

Imagem 03 - Vista de Lisieux desde a barragem do açude (velho) Angiquins. Fonte: autora, Lisieux, 2017.

LISTA DE DESENHOS

Trânsitos

Desenho 01 - Capoeira da América. Fonte: caderno pessoal da autora, 2014.

Fim de mundo

Desenho 01: Serra do Pajé. Unipin sobre papel pólen, Lisieux, 2017.

Lisieux

Desenho 01 - Planta do terreno que originou a localidade de Lisieux com a Igreja em seu centro. Fonte: Paulo Régis, 2015.

Desenho 02 - Esquemático da relação entre o assentamento Faz. Groaíras e seu entorno. Fonte: autora, 2017.

Desenho 03 - Relação Rio Groaíras e Jacurutu e as estradas que os percorrem. Fonte: autora, 2017.

Não falamos de arquitetura

Desenho 01 - Plantas baixas feitas por um mestre de obras de Lisieux. Fonte: Seu Antônio.

Desenho 02 - Canteiro, casa de taipa e palha, banco, cadeira de balanço. Fonte: autora, 2017.

Desenho 03 - Levantamento Centro Cultural. Fonte: autora, 2017.

Desenho 04, 05 e 06 - Planta, corte e fachadas pensadas pela organização do Centro junto ao mestre de obra responsável, Seu Antônio. Fonte: acervo Centro Cultural de Lisieux, 2016.

Desenho 07 - Perspectiva do mezanino. Fonte: autora, 2017.

LISTA DE DIAGRAMAS

Rasgos

Diagrama 01 - Rasgos. Fonte: caderno pessoal, 2017.

Fim de mundo

Diagramas 01 e 02 - Ridimuiim. Fonte: caderno pessoal, 2017.

Visitas/viagens

Diagrama 01 - o que se espera do Centro de Memórias de Lisieux? Fonte: dinâmica sobre museologia comunitária, Centro Cultural de Lisieux, 2017.

Diagrama 02 - notas caderno de campo. Fonte: autora, 2017.

Não falamos de arquitetura

Diagrama 01 - plantas expansão Centro Cultural de Lisieux. Fonte: autora, 2017.

Diagrama 02 - plantas do Centro de Memórias de Lisieux. Fonte: autora, 2017.

Diagramas 03 - proposição de objetos para auxiliar nas exposições. esc: 1/20

LISTA DE MAPAS

Lisieux

Mapa 01 - Localização de Lisieux em escala estadual. Fonte: autora, 2017.

Mapa 02 - Expansão de Lisieux entre 2007 e 2017. Fonte: autora via imagens do google earth, 2017.

Mapa 03 - Lisieux e suas relações entre cidades. Fonte: autora, 2017.

Mapa 04 - Uso e ocupação do solo, sede de Lisieux. Fonte: autora, 2017.

Mapa 05 - Densidade populacional região Noroeste do Ceará. Fonte: autora, a partir de banco de dados IBGE, 2017.

Mapa 06 - Localidades do distrito de Lisieux e seu entorno imediato. Fonte: autora, 2017.

Mapa 07 - Gráfico esquemático espacial das localidades do distrito de Lisieux .
Fonte: autora, 2017.

Visitas/viagens

Mapa 01 - percursos visitas, sede de Lisieux. Fonte: autora, 2017.

Mapa 02 - Estradas entre as localidades de Lisieux e as cidades circunscritas.
Fonte: autora, 2017.

Mapa 03 - Mapeamento do breu, Lisieux. Fonte: autora, 2017.

Não falamos de arquitetura

Mapa 01 - Centro Cultural de Lisieux e entorno imediato. Fonte: autora, 2017.

LISTA DE ÁLBUNS

Visitas/viagens

Álbum 01 - seleção a partir do acervo objetos doados para o Centro de Memórias de Lisieux. Seleção: autora, 2017.

Não falamos de arquitetura

Álbum 01 - Construções em Lisieux. Seleção: autora, 2017.

Álbum 02 - Objetos e utilidades documentados durante as visitas. Seleção: autora, 2017.

Álbum 03 - Cartazes e convites de eventos do Centro Cultural de Lisieux no decorrer dos anos. Fonte: acervo Centro.

LISTA DE MÚSICAS E POEMAS

Peleja

Poema 01 - Una lucha de fronteras/ A struggle of Borders, Gloria Anzaldúa

Rasgos

Poema 01 - “Descolonizando o conhecimento”, Grada Kilomba, 2016.

Fronteiras

Poema 01 - Viver na Fronteira significa que você, Glória Anzaldúa

Música 01 - Conheço o meu lugar, Belchior.

Trânsitos

Música 01 - Menina Jesus, Tom Zé, 1978.

Poema 01 - A Rede ou o que Sevilha não conhece, João Cabral de Melo Neto.

Fim de mundo

Poema 01 - Grandes são os Desertos e tudo é Deserto, Álvaro de Campos

Não falamos de arquitetura

Poema 01 - deixe, deixe, meu amor, Manoel de Barros.

LISTA DE VÍDEOS

Visitas/viagens

Vídeo 01 - Fazenda do Tomé em Lisieux Santa Quitéria. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=c5GtAt4MuZQ&t=414s>

Vídeo 02 - Serra do Pajé. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7WGaZwuU4UY&t=345s>

Vídeo 03 - Lisieux Construções. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=iMeA9M8FeTU>

Vídeo 04 - Vista aérea de Lisieux - Teste com o Mi Drone 4K! Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CVoQTwkQ8pA&t=107s>

ANEXOS

Fronteiras

Anexo 01 - Nome dos operários que construíram a Igreja de Lisieux, em 1960.

Anexo 02 - Assentamento Fazenda Jardim, Lisieux, Santa Quitéria.

Trânsitos

Anexo 01 - Campos de concentração do Ceará.

Anexo 02 - Capoeira da América, Lisieux.

2 RASGOS

*quando eles falam, é científico
quando nós falamos, não é científico
quando eles falam, é universal
quando nós falamos, é específico
quando eles falam, é objetivo
quando nós falamos, é subjetivo
quando eles falam, é neutro
quando nós falamos, é pessoal
quando eles falam, é racional
quando nós falamos, é emocional
quando eles falam, é imparcial
quando nós falamos, é parcial
eles têm fatos, nós temos opiniões
eles têm conhecimento; nós, experiências*

*Nós não estamos lidando aqui com uma “coexistência pacífica de palavras,” mas
sim com uma hierarquia violenta que determina Quem pode falar.*

Grada Kilomba, em ‘Descolonizando o conhecimento’ (2016)



“Rasgar,” no dizer popular significa falar algo que não devia, que não era esperado, como uma reclamação ou um segredo. Aqui a utilizo também no sentido de romper, abrir rasgos, ampliar. Gosto da junção dos dois significados porque conseguem traduzir o sentimento de se transitar (e transpor) barreiras, rasgar parâmetros e ordens pré-estabelecidas, utilizar-se dos nossos próprios rasgos-feridas para se pensar um outro futuro possível. É voz e ação ao mesmo tempo, um dizer do corpo que se transmuta em construção, barricada. Contra apagamentos e desaparecimentos de saberes, culturas e povos à margem da lógica capitalista e colonial.

Nossos territórios e corpos, principalmente os marginalizados, estão marcados por cicatrizes históricas, resultado de uma colonização que ainda permanece. Apesar de serem outros os agentes e meios de sua difusão, muitas vezes em nome de um progresso, desenvolvimento e crescimento econômico¹, onde prevalecem interesses privados de uma minoria proprietária de recursos e de capital, escondem em si discursos que operam a manutenção de poder das classes dominantes. É o caso, por exemplo, de programas de requalificação de espaços urbanos estratégicos localizados em determinados setores de bairros mais pobres das grandes cidades, onde a população originária é progressivamente deslocada por outra de maior poder aquisitivo, a partir do aumento dos preços no setor imobiliário, gerando um processo conhecido como gentrificação.

Toda construção de espaço habitado tem um sentido cultural, assim como a própria produção de conhecimentos, portanto não são algo impessoal e neutro, seus desenhos constroem e reproduzem estruturas de poder fundamentalmente hierarquizadas, perpetuando sistemas de dominação, como os citados anteriormente (NOVAS, 2014). A existência de cidades cada vez mais massacrantes para grande parcela da população é consequência desse *modus operandi*, onde dificilmente se considera, nos seus planos e projetos, as especificidades e culturas diversas que as permeiam, seguindo contudo a lógica violenta do capital, do controle, do consumo, do destaque, da concorrência, do

¹ Ivan Illich em conferencia dada no México, em 1968, intitulada “Ao inferno com boas intenções” e, posteriormente, em seu texto “Necessidades” (1990), ao se referir a certas ações voluntárias que partem de países desenvolvidos aos tidos “subdesenvolvidos” (mas também cabem para situações em um mesmo território), onde propaga-se um modo de vida baseada nessa ideia e busca por desenvolvimento, tornando essas populações mais dependentes de instituições, como o mercado, indústrias etc., evidencia a também imposição de uma cultura dominante e deslocada, contribuindo para processos de silenciamento e apagamento de culturas locais.

concurso, dos projetos-prontos, ou seja, do universal, pautado numa identidade cultural branca, masculina e ocidental.

Quando o discurso acadêmico coloca-se como universal e neutro, ele está falando de um lugar específico, que é dominante, ou seja, a partir de um lugar de poder. Entender onde se conformam as teorias e práticas significa considerar que sua escrita foi feita por determinados grupos e que estes têm uma história (oficial). Os perigos da *história única*² também habitam nosso pensamento arquitetônico e urbanístico, fortemente consolidado no racionalismo moderno e na cultura ocidental, tão valorizados nas nossas academias, levando-nos a reproduções de modelos distantes das nossas realidades, contribuindo para processos globais de homogeneização e perda de identidade (DELGADO, 2014), que embora mais facilmente observadas nas grandes metrópoles brasileiras, já difunde-se cada vez mais por todo o território nacional. Essa leitura oficial, além de ter interesses específicos de manutenção da posição de poder das classes dominantes, oculta vários outros processos e histórias. É “editada”, “lisa” e comporta no seu discurso um baixo grau de complexidade. Estabelecer fissuras nessa estrutura acadêmica hegemônica e arcaica coloca-se mais que necessário nessa busca por enxergar e ouvir o outro, uma real virada epistemológica nas nossas formas de pensar, projetar e planejar cidades.

² A escritora nigeriana Chimamanda Adichie em sua fala para TEDGlobal, em 2009, intitulada “O perigo da história única”, nos lembra a existência de sobreposição de histórias e vozes em nossas culturas e, a necessidade de se atear a essas escutas outras. Aponta também a insistência na história única como fonte para o fortalecimento de estereótipos: “mostre um povo como uma coisa, como somente uma coisa, repetidamente, e será o que eles se tornarão”. Para a escritora, “poder é a habilidade de não só contar a história de uma outra pessoa, mas de fazê-la a história definitiva daquela pessoa”. Embora sua fala se refira, essencialmente, aos povos africanos, podemos traçar paralelos a outros povos, saberes e conhecimentos, historicamente, à margem, invisibilizados e calados.

³ Usina que está sendo construída, desde 2011 (ano em que o IBAMA concedeu a licença para a instalação), na bacia do Rio Xingu, próximo ao município de Altamira, no sudoeste do estado do Pará, já em funcionamento parcial, tendo sido alvo de diversos protestos e denúncias de irregularidades, a partir dos fortes impactos causados ao meio ambiente e às populações indígenas do seu entorno.

⁴ É o discurso científico que confere poder no espaço da universidade. A universidade em si é diversa e maior que o discurso da ciência, mas é através deste que ela se respalda e é reconhecida socialmente.

⁵ BRUM, E. O que o velho Araweté pensa dos brancos enquanto seu mundo é destruído? El País, Brasil, nov. 2017. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2017/02/06/opinion/1486385972_496318.html>

Certa vez, li em um artigo sobre o relato de um dos momentos em que lideranças de vários povos indígenas atingidos pela implantação da hidrelétrica Belo Monte³ denunciavam seus avanços e a impossibilidade da vida depois que esta se impôs no Xingu. A reunião consistia em um modelo clássico, onde tinha-se instituições do poder público e iniciativa privada de um lado, à frente, e população do outro, platéia, deixando claro quem detinha o poder ali, embora fantasiado de lugar de escuta dessa. Dentro desse lugar de fala e escuta, havia a presença dos que se esforçavam para se expressar no idioma daqueles que os destruíam. Muitos indígenas que ali estavam não falavam português, mas ainda assim, era com aquelas palavras que sua existência e a de seus territórios eram decididas, e conseqüentemente, aniquiladas (BRUM, 2017). Ou seja, o controle e a transmissão da informação e do conhecimento se inicia também a partir da língua, de quem domina a linguagem da justiça, da burocracia, da ciência⁴, enquanto silencia aqueles que não a detêm.

“[...] As violações são denunciadas e nada acontece. A violência é anunciada e não é impedida. A lei, assim como o rio, está barrada no Xingu.

Como o velho Araweté vai compreender esse mundo dos brancos que destrói o seu mundo e o mundo de outros povos indígenas? Como vai compreender uma lei que existe para não existir? Mas ele está lá, ereto, há quase 12 horas sem comer, sem vergar. Sentado na cadeira de plástico vermelho. A reunião, necessária para que não seja ainda pior, fundamental para que a Norte Energia seja pressionada a cumprir os acordos que já deveria ter cumprido há anos e a Funai a proteger os indígenas que nunca deveria ter desprotegido, é ela mesma uma violência. É outra língua, é outra organização social e política. O velho Araweté está ali, sentado entre representantes de outros povos indígenas que são seus inimigos históricos, ouvindo palavras que não decifra. Como é possível esse tanto de impossível, essa realidade absurda?” (BRUM, 2017)⁵

A partir disto é possível questionar e refletir ausências. Ausência de certos corpos e vivências dentro desses lugares de poder e o que contribui para esses

distanciamentos. A quem pertencem esses corpos? Onde eles habitam? Quais disputas estão em jogo ali? Por onde precisam transitar para que suas experiências sejam validadas e ouvidas? Por quê precisam? Penso que essas são questões essenciais para a compreensão de aspectos territoriais e espaciais e como podemos atuar neles, enquanto arquitetas(os)-urbanistas e, antes disso, enquanto corpos que os percorrem.

Pensar a língua como conformação e delimitação de espaços, significa também considerar quem os habita. Ela pode ser barreira, como no exemplo anterior, mas também identificação, memória, rito de passagem. Por exemplo, o modo de falar das pessoas do interior: tem-se ali um português com características próprias, tanto sua entonação e tempo de fala quanto modo de dizer e escrever – quem escreve, escreve-se como se entende. Quando me refiro a esses lugares, algumas palavras me vêm a tona como característica destes – *engripada, alfilhada, ridimuim, arrudiar, barrer*⁶ – e tencionam um olhar para possíveis marcas de um passado pré-colonial e colonial, numa tentativa constante de entendimento da história desses territórios e do que veio a partir de. Ir além: com que palavras e gestos pôde-se afirmar as suas [re]existências?

O músico Tom Zé, no seu livro *Tropicalista Lenta Luta* ao citar um dizer de Nelson da Rabeca⁷, onde este diz não querer “saber de rusga nem de questão com ninguém”, alerta para a necessidade da tradução da fala no seu texto, ao mesmo tempo em que o localiza, a partir da linguagem, no seu lugar de origem:

“Porque as palavras são as da língua portuguesa, são as mesmas do Aurélio, mas a caixa de ressonância, no ambiente onde vive seu Nelson [sertão], é outra. Euclides da Cunha fala em “reações do meio”. É outra safra filosófica, outro o estar-no mundo, *Weltanschauung*; a antologia e a metafísica do cotidiano são outras. É outra caixa. [...]

De forma, seu Nelson, que estamos perto do senhor, na mesma língua. Mas cada expressão sua é um abismo para nós, da cidade. E eu, rês por aqui desgarrada, quanto mais encho a mochila com a luz das letras, mais no escuro me vejo. Neste breu, querendo virar branco civilizado, faço como Tântalo, pois quando a mente ganha o senso a alma perde o incenso.”⁸

Lá também desde muito novo aprende-se a estar calado, contido, na sua. É ensinado como modo de ser. A palavra tem peso, é moeda, quem a detém tem “valor” – grandes fazendeiros, políticos, a Igreja. No caso de “questão” que significa recorrer à justiça, às leis, parece uma realidade distante àqueles que vivem no sertão, não pertence àquela humanidade, é coisa longe, da cidade grande. Ou seja, a partir da língua falada e escrita também podemos identificar modos de estar e viver no sertão e, observar micro-violências muitas vezes colocadas e aceitas ali como naturais, como costume ou tradição.

Reconhecer as múltiplas realidades e modos de existir, implica enxergar processos e temporalidades outras, muitas vezes contrárias aos ideários dominantes, onde predominam a velocidade, a pressa, a competição. Milton Santos em seu texto “Elogio à lentidão”, refere-se aos homens lentos como aquelas pessoas que estão à margem da aceleração do mundo contemporâneo, arrastados e excluídos da própria produção da história. A partir da espetacularização das cidades, suas

⁶ Ver música “Eu vim de longe”, do Grupo Bongar, de Recife-PE.

⁷ Rabequista, acordeonista e compositor brasileiro, nascido em 1929 no município de Marechal Deodoro, em Alagoas, onde paralelamente ao seu trabalho na lavoura de cana-de-açúcar, começou a construir rabeças alcançando reconhecimento dentro e fora do Estado, como um dos grandes representantes da cultura popular local.

⁸ TOM ZÉ, 2007, p. 96-97

existências tornam-se micro-resistências, desvios, linhas de fuga, cartografias do corpo e no corpo, corpografias (BERENSTEIN, 2008).

A partir do pensamento de Santos, penso em “cidades de tempo lento”, referindo-me tanto às periferias das grandes cidades⁹, quanto à localidades rurais, especialmente às que performam uma ruralidade contemporânea, com características que mesclam-se com o urbano e, todos aqueles lugares outros, desviantes, heterotópicos¹⁰, cujas tessituras são marcadas pela utilização de técnicas e velocidades diversas, em sua maioria contra-hegemônicas, configurando contra-espacos em uma multiplicidade de modos de ser e fazer inerente às suas próprias realidades.

[DIREITO À FICÇÃO]

Pensar a partir desses lugares outros, significa *perturbar a ordem dos silêncios*, intervir nos corpos e nos tempos. Abrir rasgos dentro de uma existência de margem, de fronteira e, com isso, alargá-las. Trazê-las às vistas.

Como diz o escritor Guimarães Rosa, “Narrar é resistir”. A escritora mineira Conceição Evaristo, por exemplo, narra a partir das suas experiências enquanto mulher negra, nascida na periferia, chamando-as de *escre(vivências)*¹¹, tensionando e rompendo com esse lugar pré-determinado de uma presença invisível e velada de certos corpos (corpo racializado, corpo preto) nos espaços urbanos. A literatura e, mais precisamente, a ficção literária, aparece como uma forma de combater e enfrentar as ficções e os discursos oficiais, tais como as do Estado e de grandes empresas, transgredir e rasurar a paisagem do mundo em seu sentido hegemônico, uma forma de alimentar imaginários, ser fonte inspiradora de pensamentos e ações.

Lembro-me de encontrar um caderno de minha avô paterna numa das buscas que fiz sobre a história de Lisieux, através de objetos acumulados e espalhados em vários dos seus lugares. Nele, ela anotava acontecimentos sociais e religiosos do lugar, desde datas de missas e aniversários a relatos sobre as gincanas que aconteciam por lá, passando por um dado a cerca do número de habitantes em 1990: mil cento e quarenta. Esse exercício de relato em tempo real, onde reside a memória do detalhe, da minúcia, resulta em uma consciência não soberana sobre os acontecimentos, em que o sujeito que pretende conhecer é também objeto, esteve lá (DELAMUTA e col., 2014). A memória entra aqui como algo dinâmico, um processo de recomposição, regresso, revisão, remendos de um passado, onde tudo o que passou está co-presente ao que acontece, sendo constantemente, reescrito por meio de narrativas, não como uma simples volta à origem, mas como uma reinscrição. Um regime de oralidade, mais do que de documentação, no sentido de evitar novos apagamentos. Uma forma de resistir: *ali foi, porque aqui é.*¹²

Como, então, pôr isso à tona?

A oralidade, ou seja, a língua da tradição falada, é um dos principais meios por onde esses saberes e conhecimentos são passados nesses lugares. É a base da sua epistemologia, herança secular. Pensá-la interligada a uma cartografia, a uma

⁹ Ver texto “Corpografias Urbanas” da arquiteta e pesquisadora Paola Berenstein de 2008, para a revista Vitruvius. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/08.093/165>> “

¹⁰ “As heterotopias de crise, desaparecem cada vez mais e são substituídas por heterotopias de desvio: isso significa que os lugares que a sociedade dispõe em suas margens, nas paragens vazias que a rodeiam, são antes reservados aos indivíduos cujo comportamento é desviante relativamente à média ou à norma exigida. Daí as casas de repouso, as clínicas psiquiátricas, daí também, com certeza, as prisões. (...) As heterotopias têm como regra justapor em um lugar real vários espaços que, normalmente, seriam ou deveriam ser incompatíveis. São frequentemente ligadas a recortes singulares do tempo.” (FOUCAULT, 2013, p.22-25)

¹¹ EVARISTO, Conceição. Gênero e etnia: uma escre(vivência) de dupla face. In: MOREIRA, Nadilza Martins de Barros; SCHNEIDER, Liane (Org.). Mulheres no mundo: etnia, marginalidade e diáspora. João Pessoa: Ideia; Editora Universitária UFPB, 2005.

¹² Trecho da fala da professora doutora do curso de Cinema da Universidade Federal do Ceará, Beatriz Furtado, na mesa “Em volta da fogueira – sobre o incontornável trabalho do real”, compondo o seminário O trabalho das ruínas: genealogias, ficções e (re)montagens, realizado em agosto de 2017, no Centro Cultural Banco do Nordeste.

escrita das cidades, elucidando como se dá a transmissão de conhecimento nesse território historicamente deslocados dos centros hegemônicos de produção (apesar de sempre terem sido quintal/curral destes), com acesso a serviços públicos e infraestrutura geralmente precários e como isso se reflete nele. Ou seja, como a oralidade se manifesta nos corpos e espaços e coloca-se nesse lugar de transposição – de barreiras, de ordens, daquilo que é esperado? Uma busca por algo que seria uma espécie de narração corpográfica do lugar. De um chão rasurado por corpos e destes impregnados pelo que os rodeia, espacial e temporalmente.

Trazer o conhecimento através da tradição oral e com isso também reivindicar um direito à ficção, à criação e escancaramento de narrativas outras, do que sempre esteve ali. A língua, como diria Gloria Anzaldúa, *é um símbolo do discurso, de romper com o silêncio ao falar, ao comunicar-se e escrever*, ou seja, ao contar histórias.

[palavras-chaves: rasgos, fissura, apagamento, desaparecimento, oralidade, corporalidade, temporalidade, memória]



↑ imagem 01: Mano zurda. Gloria Anzaldúa. Apresentado na Conferencia de las Escritoras Americanas de Color, México, 1995

DESVIAR
SIGNIFICADOS
CONHECIDOS



ABRIR

RASGOS

DENTRO DAS TEORIAS E PRÁTICAS
OCIDENTAIS, ACADEMICAS E
DOMINANTES

Acontecimentos sociais e religiosos

Santas missões ^{Protestantistas} em Lóisieux de 28 de julho à 10 de agosto de 1989

Lóisieux completou 30 anos de fundação, em 20 de 12 de 90

Comemorações:
missa em ação de graças
dia 20/12/90

gincana histórica:
dia 29/12/90

alguns dados da gincana:

1º nº de habitantes de Lóisieux
mil cento e quarenta → 1.140

- 3º composição de músicas e poesias
- 4º biografia de F^{co} Milton Araújo
- 5º homenagem a F^{co} Milton (em memória)

O organizador e apresentador das comemorações de 30 anos de Lóisieux foi Paulo Régis Araújo Moura

Houve também, exposição de fotografias, que lembram, mostram acontecimentos importantes na vida de Lóisieux



imagem 03: Corpografia do roçado em Lisieux, print Google Earth, 2017.



imagem 04: Cartografia da seca, estrada Arial, Santa Quitéria, 2017.

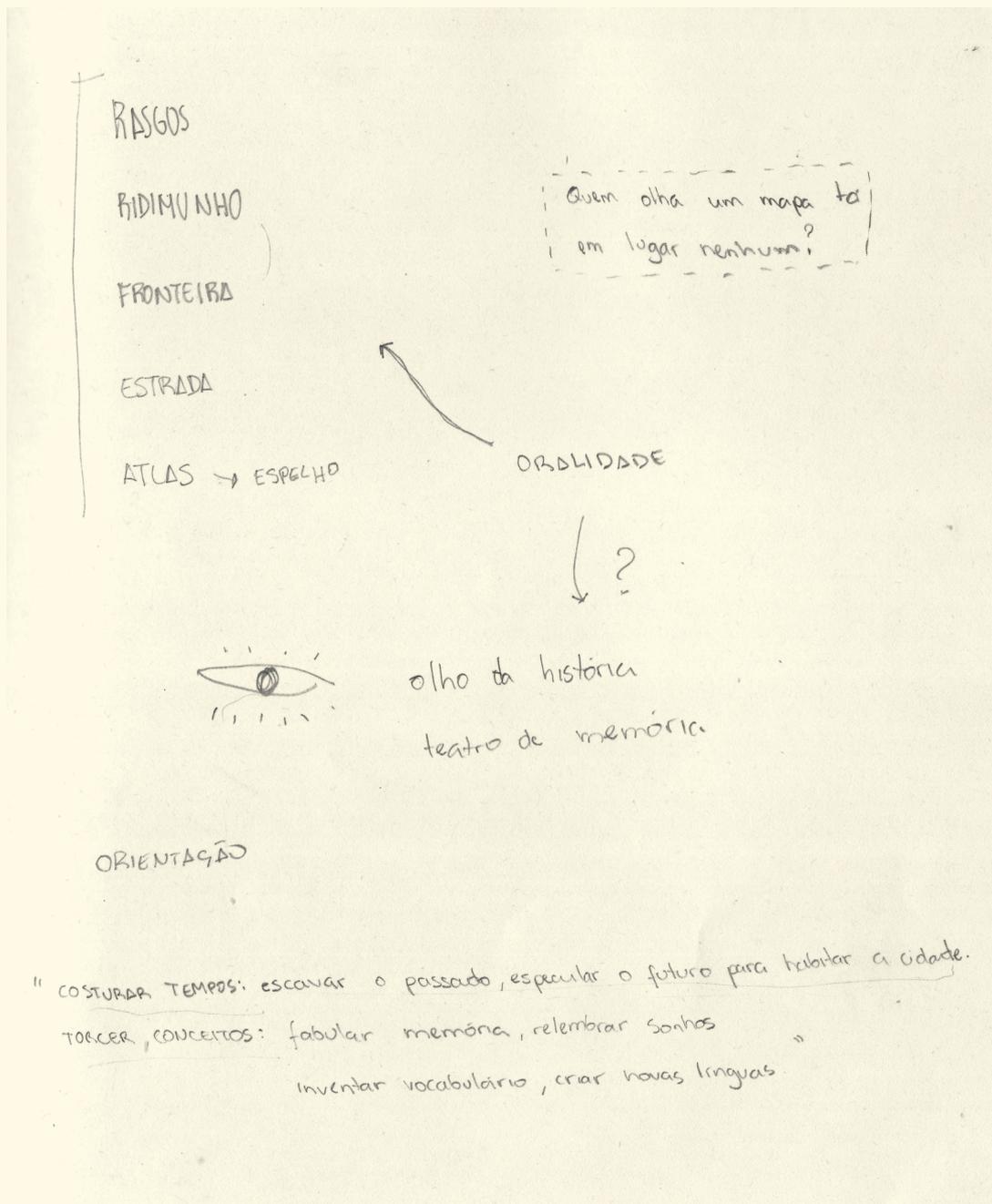


diagrama 01: Rasgos, caderno pessoal, 2017.



imagem 07: Encruzilhada, Floresta, Lisixu, 2017.

3 **FRONTEIRAS**

[...]

*Quando se vive na fronteira
pessoas passam por você, o vento rouba sua voz,
você é burra, toupeira, bode expiatório,
precursora de uma nova raça,
meio a meio – mulher e homem, nenhum deles –
um novo gênero;*

[...]

*Na Fronteira
você é o campo de batalha
onde os inimigos são parentes;
você está em casa, uma estranha,
as disputas na fronteira cessaram
a chuva de disparos acabou com a trégua
você está ferida, fraca
morta, reagindo;*

*Viver na Fronteira significa
que o moedor, de dentes brancos, quer dilacerar
sua pele oliva, tirar o grão, seu coração
te socar te apertar te esticar
que você cheire a pão branco, mas morto;*

*Para sobreviver à Fronteira
você deve viver sem fronteiras
ser uma encruzilhada.*

– Glória Anzaldúa, *Viver na Fronteira* significa que você,



[mares inexplorados : COLISÃO]

O entendimento da área de estudo deste trabalho, distrito de Lisieux, como um entre-lugar, entre sertões, estradas e seus povoados e cidades, simultaneamente rural e urbano, me aproximou do conceito de fronteira desenvolvido pela escritora chicana Glória Anzaldúa, onde esta fala a partir de alguém que navega no espaço liminar entre mundos, identidades e formas de conhecimento. Enxergar-se nesse lugar de ambiguidades, ser muro, não no sentido de barreira, impedimento, mas de ser matéria, tendo em suas superfícies camadas que carregam multiplicidades de lados, poeira de lá e de cá. Ser-do-sertão ao mesmo tempo que ser-da-cidade, implica, conseqüentemente, em um habitar a contradição, localizando a fala desde um lugar-limite: ruínas, numa busca por ruir padrões e normas estabelecidos pela ordem vigente.

Ainda segundo Anzaldúa,

As fronteiras estão desenhadas para definir os lugares que são seguros e os que não são, para distinguir nosotros de ellos. Uma fronteira é uma linha divisória, uma faixa tênue ao longo de uma margem íngreme. Um território fronteiriço é um lugar vago e indefinido, criado por resíduo emocional de uma fronteira contra a natureza. Seus habitantes são os proibidos e os banidos. Ali vivem os atravessados: os perversos, os queers, os problemáticos, os moradores de rua, os negros, os de raça mestiça; resumindo, quem o cruza, passa por cima ou atravessa os confins do que se considera “normal”. (ANZALDÚA, 2016, p.42)¹

Logo, habitá-las implica em um exercício de reimaginação e povoamento de uma geografia que consola, cotidiana e historicamente, apenas o que lhe é centro, deixando às suas bordas como principal destino a esses indivíduos marginalizados e deslocados social, política e territorialmente. Como, então, re-inventar possibilidades de reorganização e atravessamentos desta?

A concentração de forças em uma centralidade, reflete na paisagem das cidades

¹ Traduzido livremente pela autora.

através da densidade dos seus muros e cercas, dos seus espaços vazios, dos seus controles velados ou não e, das densas ocupações em determinadas áreas, configurando (e isso não podemos esquecer) uma espécie de violência geográfica, onde mantêm-se um sistema que privilegia certos lugares em detrimento de outros, inferiorizados, muitas vezes apenas demarcado por divisões simbólicas (não necessariamente físicas), criando a sensação de cidades dentro de uma mesma.

Essa violência também se manifesta, para além das grandes cidades e suas periferias urbanas, por meio de uma hegemonia do “ser-urbano” sobre o resto das formas de existência humana não-urbanas (ou, no caso de Lisieux, *rururbanas*²), consolidada a partir da atual organização das nossas sociedades, em que temos uma população mundial cada vez mais urbana e onde *viver é cada vez mais sinônimo de viver na cidade* (DELGADO, 2014).

>>

Em tempos de crise: climática e humana (antropoceno³), o urbano localiza-se no centro das nossas preocupações. *Tudo gira em torno das suas quantidades, escalas e densidades. As cidades se expandem, se multiplicam, se obstruem*⁴. Por cima de que e de quem elas se constroem? Que visões e pensamentos guiam sua continuidade? Considerando que há diferentes formas de atuação dele (do urbano), como podemos estabelecer linhas de ações que evitem apagamentos de outros modos de viver e ocupar e deste mesmo, dentro de suas configurações diversas?

<<

O fato de determinado lugar apresentar em suas configurações espaciais, influências urbanas e rurais, localiza-o em um interstício, onde não se é uma coisa nem outra, mas se é ao mesmo tempo tudo, complexificando os campos de intervenção nele, ou como diria Riobaldo⁵, “*tudo é e não é*”. De forma análogo, as temporalidades mesclam-se e confundem-se entre si, intensificadas pela globalização que chega a esses ambientes, muitas vezes, de forma brutal, causando desequilíbrios a seus cotidianos, quase sempre, desprevenidos de sua chegada, reverberando, contudo, no surgimento de novas maneiras de habitar, existir e fazer.

A compreensão dos conceitos de território e lugar e quais ferramentas contribuem para a desproporcionalidade dos poderes ali mantidos, junto à permanência de uma mentalidade colonial posta nos discursos e escritos oficiais como coisa do passado, esquecendo o fato de que presente, passado e futuro andam juntos e reverberam entre si, não podendo falar de um sem considerar o(s) outro(s), leva à pergunta: quem aqui tem direito ao passado? E ao presente e ao futuro? A quem pertencem os corpos expostos às margem nos tempos e espaços? Corpos dissidentes, negros, ‘sertanejos’, gordos, imigrantes, etc. E que corpos modelam as ficções espaciais do nosso tempo?

² Termo usado pelas arquitetas Ana Baltazar e Silke Kappe, para designar territórios que apresentam características, simultaneamente, rurais e urbanos, em seu artigo “Assessoria técnica com interfaces”. Disponível em: <http://www.mom.arq.ufmg.br/mom/arq_interface/2a_aula/2016_06_20_baltazar_kapp_enanparq.pdf>

³ Onde estabelece-se o papel da humanidade como agente geológico global e, suas implicações climáticas e geradoras de conflitos territoriais, por exemplo.

⁴ Trecho extraído na plataforma Baula sobre apresentação da exposição Panoramas do Sul, realizado no vigésimo Festival de arte contemporânea Sesc_Videobrasil, em São Paulo neste ano de 2017. Disponível em: <http://www.buala.org/pt/vou-la-visitar/visoes-alargadas-do-mundo-20-edicao-do-videobrasil>. Acesso em: 04/11/17

⁵ Personagem do romance Grande Sertão: veredas do escritor mineiro Guimarães Rosa.

[3.1] TODA CIDADE É UMA FICÇÃO

*Ninguém é gente!
Nordeste é uma ficção! Nordeste nunca houve!*

*Não! Eu não sou do lugar dos esquecidos!
Não sou da nação dos condenados!
Não sou do sertão dos ofendidos!
Você sabe bem: Conheço o meu lugar!*

– Belchior

A crença da cidade grande como um lugar utópico, cheio de oportunidades, reverbera nos planos (e sonhos?) espaciais e sociais da nossa sociedade. A busca pelo novo, condicionado à altos custos. Transposição de barreiras, e, quando de lá se retorna ao fim, lugar longínquo, longe da civilização, traz consigo as novidades e o mundo já não se parece tão apartado assim. Ecoa: o global atuando no local: o sinal das antenas de televisão e internet recebem a programação diretamente do sul do país, às vezes até dá para visitar os parentes no Rio, São Paulo ou Brasília. Seriam o fim das fronteiras?

Em seu livro *Por uma outra globalização*⁶, Milton Santos nos introduz ao mito da globalização, onde a humanidade estaria vivendo atualmente, um estado de desterritorialização mundial e encurtamento de distâncias, marcado por um aparente (e falso) *desfalecimento das fronteiras*, que, na realidade, se mostram mais vivas do que nunca. O espaço geográfico ganha novos contornos e impõe novas lógicas, as quais, contudo, seguem beneficiando os vetores da racionalidade dominante, reservando os melhores pedaços do território a quem detêm o poder (SANTOS, 2011, p.79) e, criando fabulações (ficções do poder⁷) para legitimação desses discursos. A partir disso, Santos considera a existência de três mundos num só: *o mundo tal como nos fazem crer: a globalização como fábula; o mundo como ele é: a globalização como perversidade; e o mundo como pode ser: uma outra globalização.*

Aqui, interessa-me falar sobre o primeiro caso: *o mundo como nos fazem crer*, onde a fábula do mundo globalizado se instaura a partir da propagação e repetição de um pensamento único, difundido, principalmente, por Estados e grandes empresas e corporações (e, anterior, embora continuamente, pela Igreja), constituindo uma violência da informação e do dinheiro, brutal para muitos e lucrativa para uns poucos, *organizando o mundo em formas desiguais de distribuição das violências e dos acessos*⁸. Cria-se, então, a ilusão de tempo e espaços contraídos, desde a ideia de velocidade e ampliação da disseminação de informações e tecnologias, onde cremos que partimos todos de uma mesma posição de acesso à fala, à escuta e à atuação nos espaços urbanos e/ou rurais, quando, na verdade, estamos cada vez mais distantes disso, vivenciando uma verdadeira imposição de culturas e modos de existir umas sobre as outras. Fantasia esta que se forma desde tempos remotos, de colonização e imperialismo desvelados, em nome de uma civilização que foi e é, precisamente, ocidental e branca, conformando um sistema-mundo cada vez mais urbanizado e distópico. E aqui, entende-se, que a urbanização, tal como se dá, está, necessariamente, ligada à uma ocidentalização, sendo esta determinante

⁶ SANTOS, Milton. Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal. 20. ed. Rio de Janeiro: Record, 2011.

⁷ A terminologia “ficção do poder”, apropriada aqui, é tirada do ensaio “Rumo a uma redistribuição desobediente de gênero e anticolonial da violência!”, escrito pela artista e pensadora brasileira Jota Mombaça, publicado pela Oficina de imaginação política no issue em 12/12/2017, Disponível em: <https://issuu.com/amilcarpacker/docs/rumo_a_uma_redistribuic__a__o_da_vi>

⁸ Referência à fala da artista e pensadora brasileira Jota Mombaça, em seu artigo “Notas estratégicas quanto aos usos políticos do conceito de lugar de fala”, de julho de 2017 para a plataforma online Buala. Disponível em: <<http://www.buala.org/pt/corpo/notas-estrategicas-quanto-aos-usos-politicos-do-conceito-de-lugar-de-fala>>

para a produção de espaços que reproduzem os modos de vida impostos pela industrialização e modernização.

[*Edifícios sobre calçadas sobre pedras, em camadas.*]

Afirmar que toda cidade é uma ficção e aqui entende-se ela para além do seu sentido urbanístico e geográfico, mas também como uma licença poética para se referir a espaços outros, construídos e habitados (Lisieux, por exemplo), implica em considerar a existência de discursos dominantes que conformam seus territórios, organizam e sistematizam as relações entre seus povos. Ficção do poder como a fabulação de uma globalização econômica e territorialmente homogênea, a qual se referia Santos, por exemplo.

”O poder opera por ficções, que não são apenas textuais, mas estão materialmente engajadas na produção do mundo. As ficções de poder se proliferam junto a seus efeitos, numa marcha fúnebre celebrada como avanço, progresso ou destino incontornáveis. O monopólio da violência é uma ficção de poder baseada na promessa de que é possível forjar uma posição neutra desde a qual mediar os conflitos.” (MOMBAÇA, J. 2016, p.4)

Como podemos contornar essas ficções do poder e atuar na busca de se permitir ver e imaginar outros mundos, longe dos olhares fadigados pela história oficial? A resposta, pra mim, está nos entrecruzamentos, nos desvios, nos redemoinhos, num desejo latente de se ver além das camadas pré-ordenadas. Desordenar para sucumbir o que resta de ruína e, dela mesma, ressurgir. Manter viva as forças de se construir novas memórias, *restituir a liberdade à imaginação, e expandir saberes atados aos modelos e mecanismos ocidentais de produção e legitimação da verdade*⁹, descolonizar.

Em uma das conversas com meu pai sobre o porque construíram um Centro de Memórias no Lisieux, destaco aqui o seguinte relato deste:

“o que é um museu? um museu é...de um ponto de vista, se for falar do passado, o passado a gente não pode esconder...claro que podemos fazer várias leituras, você faz uma leitura...se for fazer uma leitura sociológica, faz de um ponto de vista...se for de um ponto de vista puramente histórico, outra coisa. Então, claro que quando a gente fala de museu, provavelmente a gente fala de quem fez o Lisieux. E aí quem fez a história do Lisieux, geralmente quem conta a história é, do mesmo jeito como conta a história do Brasil...conta a história do poder, dos ricos...e não conta a história dos pobres, apesar de no Lisieux já ter uma história dos pobres, que é a história da organização dos trabalhadores rurais pela posse da terra e tudo. Mas se você, por exemplo, conta a história desse espaço aqui da Igreja, você vai lembrar não do operário que botou tijolo sobre tijolo aqui, você vai lembrar do padre, que trouxe a ideia, vai lembrar do meu avô que foi um dos organizadores dos mutirões, do pagamento dos operários, que ele era um dono de propriedades de terra lá...pai do Milton Araújo que foi quem doou o terreno lá...ai vai falar do Milton, agora assim, fala de pessoas que tinham o domínio do poder, mas que também eles eram de um certo ponto de vista, pessoas empreendedoras, pessoas não ricas, pessoas medianas...porque rico mesmo era o latifundiário, o grande empresário. então, eram pessoas idealistas também, de um certo ponto de vista...empreendedora.”

⁹ Trecho do texto “Visões Alargadas do Mundo, 20ª edição do Videobrasil”, pela plataforma Baula.

anexo 01: Operários que trabalharam na construção da Igreja de Lisieux, 1960

Francisco Alves dos Santos, conhecido por Chico Izidório

Neco Braga

Caboclinho do Zé Vicente

Didi Custódio

Benedito Januário

Antônio Doca

Dica Sancho* (morreu em acidente na construção)

Domingos Sancho

Antônio Martins

Raimundo Michió

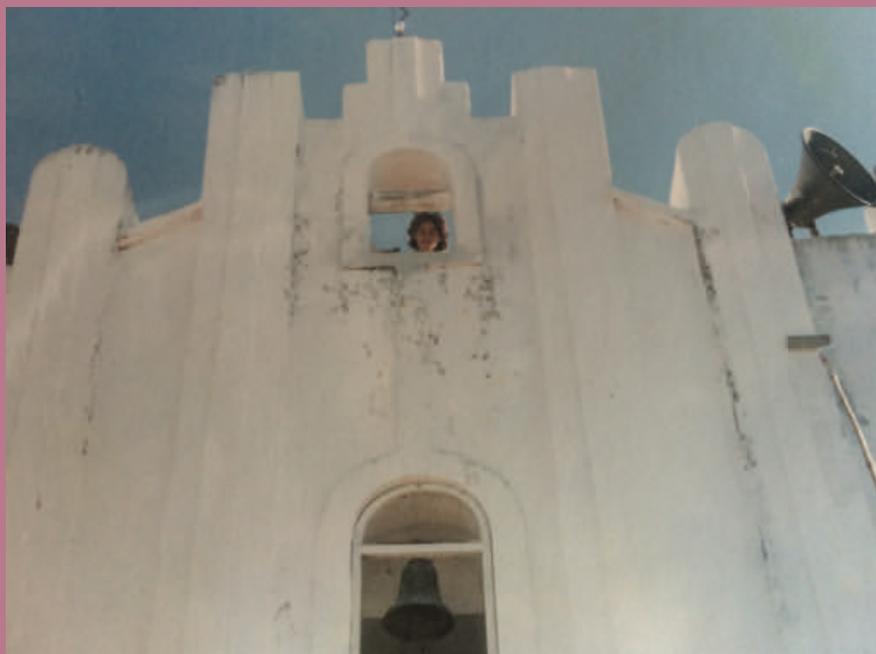


imagem 01: Igreja de Santa Terezinha de Lisieux, Santa Quitéria, Ceará.

[3.2] HABITAR ENTRE, NÓS E BEIRAS

 cidades-limites
 cidades dentro da cidade
 cidades entre sertões
 cidades nas estradas

 cidade é/são memória/s
 memórias são histórias
 história é conhecimento
 conhecimento tem que ser
 descolonizado

Partindo, então, de uma abordagem *decolonial* sobre a área de estudo, cruzar caminhos, ativar memórias antigas, sonhar futuros e despertar presentes.

O arquiteto cubano Yasser Farrés Delgado¹⁰, seguindo o caminho de pensadores latino-americanos como Walter Dignolo¹¹ e Aníbal Quijano¹², constrói um entendimento sobre colonialidade em seu aspecto territorial escancarando danos estruturais e culturais na construção das cidades. Por colonialidade entende-se o conjunto de padrões de poder de longa duração que emergiram com o colonialismo/colonização, definindo culturas, relações sociais e subjetivas, distribuição de trabalho, produção de conhecimento e espaços, contribuindo para a superioridade de uma epistemologia ocidental frente as demais, tendo no homem branco europeu o sujeito padrão de uma suposta validade universal (DELGADO, 2014). Estabelecendo, hegemonicamente, hierarquias que guardam relações diretas com a configuração dos espaços de vida humana e não-humana, através, por exemplo, da reprodução de modelos arquitetônicos, urbanos e territoriais padronizados e militarizados pela globalização, disciplinando nossos corpos, ignorando vivências e exterminando outras espécies e a nós mesmos (vide o contínuo genocídio da população negra e indígena).

Para o geógrafo Marcelo Lopes de Souza, o conceito de território é político, sendo principalmente um espaço definido e delimitado por e a partir das relações de poder, ou seja, atuando como um instrumento para a manutenção deste. Em seu livro *Conceitos fundamentais da pesquisa socio-espacial*, o autor cita um texto antigo seu, onde diz:

A questão primordial, aqui, não é, na realidade quais são as características geocológicas e os recursos naturais de uma certa área, o que se produz ou quem produz em um dado espaço?, ou ainda, quais as ligações afetivas e de identidade entre um grupo social e seu espaço? Esses aspectos podem ser de crucial importância a compreensão da gênese de um território ou do interesse em tomá-lo ou mantê-lo (...), mas o verdadeiro Leitmotiv é o seguinte: quem domina ou influencia e como domina e influencia esse espaço? (SOUZA, 2013, p.89)

A manutenção desse sistema de dominação e influência sobre um território da-se por meio dos poderes estabelecidos dentro dele (a quem pertecem?) e como estes projetam-se e relacionam-se entre si, podendo caracterizar processos de territorialização e desterritorialização, às vezes envolvendo o uso da violência para sua efetivação, como é o caso das migrações forçadas, remoções de favelas

¹⁰ Pesquisador cubano cujos estudos atuais concentram-se em críticas decoloniais à arquitetura, urbanismo e ordenamento dos territórios, com foco em Cuba.

¹¹ Professor e teórico argentino, conhecido principalmente por seus estudos envolvendo as questões coloniais e epistemológicas, a partir de um modo de pensar decolonial. Autor de livros como "Histórias locais/projetos globais" e de textos como "Desobediência epistêmica: a opção decolonial e o significado de identidade em política".

¹² Sociólogo e teórico político peruano, seus estudos mais conhecidos dizem respeito a formulação da Teoria da Colonialidade do Poder.

e despejos de famílias sem-teto e sem-terra de ocupações e terrenos, entre outros. Diferentemente de território, o conceito de lugar não está diretamente ligado à dimensão do poder, mas antes, a uma dimensão cultural-simbólica, de pertencimento, que envolvem questões de identidades e intersubjetividades, dotando os espaços de significados. Logo, este é, necessariamente, social e vivido. E, assim como os territórios, *só existem enquanto durarem as suas relações sociais, das quais são projeções espacializadas* (SOUZA, 2013, p.117).

Logo, pensar as relações de poder que configuram os territórios e as relações culturais e simbólicas de construção de lugar torna-se imprescindível para a elaboração de um entendimento do que seria a ideia de habitar, em sua dimensão social, cultural e espacial. *Romper com a colonialidade como princípio de reprodução do mundo tal como conhecemos, reorganizar memórias*. Quem são os agentes envolvidos nessas relações? Quem detém o controle e ditam normas e fundamentos sobre elas e, de que forma isso reverbera política, cultural, social e espacialmente, principalmente levando em conta o ambiente em que estamos trabalhando aqui?

Por exemplo: Estado, Igreja, grandes empresas e donos de terras. E aqui uso pra ilustrar como exemplo, um relato sobre o caso da luta pela posse de terra do Assentamento Fazenda Jardim, localizado no distrito de Lisieux, Santa Quitéria, onde fica claro quem domina e delimita os territórios naquela região, ou seja, políticos e grandes fazendeiros, ao mesmo tempo em que há também resistência por parte dos que realmente vivem ali, reivindicando seus direitos àquela terra (ver anexo 02).

anexo 02: Assentamento Fazenda Jardim, Lisieux, Santa Quitéria

Localizado no distrito de Lisieux, Santa Quitéria, a aproximadamente 8km de sua sede, o Assentamento Fazenda Jardim, que ainda hoje não foi desapropriada para a Reforma Agrária, tem uma antiga e longa luta pela sua posse.

Tendo sido uma propriedade de terras boas para a agricultura, pecuária e extrativismo de carnaúba, oiticica etc, pertencente ao capitão José Diogo, nos anos 1950 e 1960 começaram uma disputa pela posse de parte desta, questionada pelo Sr. Francisco Figueiredo, que era também deputado estadual. Constitui-se grupos de “jagunços” de ambos os lados: do Sr. Chico Figueiredo e de representantes do Capitão José Diogo. Os moradores ficaram no meio dessa disputa. Muitas casas de moradores foram destruídas, houveram muitas ameaças e brigas.

Esse conflito só se encerrou quando o Sr Manoel Machado de Araújo comprou a Fazenda Jardim, como se diz por lá: “comprou a terra e a questão”. Mas negociou com o Sr Chico Figueiredo, cedeu outras terras a ele e tudo se acalmou. O Sr Manoel Machado e família transformou a fazenda numa empresa rural, fez projetos com o DNOCS e a SUDENE, construiu um grande açude (Açude COINP). Era administrada por um Procurador (Sr Deusdete, por muito tempo) e por Vaqueiros (Sr José Euzébio, por mais tempo). E tinha várias outras propriedades rurais. Constituiu um sistema de “renda” para os moradores, de 25% de tudo que eles produziam, de acordo com o Estatuto da Terra, de 1963.

A Fazenda Jardim chegou a ter mais de 100 famílias como moradores.

Por volta dos anos de 1980 começou um questionamento sobre a “justiça” do valor da “renda” que era cobrada aos moradores. E tais moradores começaram a questionar e a se organizarem, juntamente com o apoio da igreja progressista, os sindicatos rurais, as centrais sindicais e o Partido dos Trabalhadores – PT. Surgiu assim, a luta pela Reforma Agrária nessa região.

Assim, se constituiu a chamada Luta dos Trabalhadores do Jardim. Que se desenrolou por vários anos e juntamente com trabalhadores rurais de várias outras regiões do estado e do país. Até que nos dias 01 e 13 de abril de 1988 os trabalhadores do Jardim foram “despejados”. A justiça condenou os trabalhadores e decretou o despejo. Despejo primeiramente de 6 famílias. Que foi feito de forma violenta, com a polícia, jagunços armados e tratores derrubando as casas e jogando tudo fora das casas, até alimentos e ameaças de toda ordem.

Fato que chocou a população de Lisieux e das regiões e das entidades de apoio aos trabalhadores, que se mobilizaram contra o despejo. Foi promovido um Ato Público em protesto ao despejo no dia 25/04/1988 em Lisieux com a presença do Deputado Estadual João Alfredo do PT. Foram feitos diversos abaixo-assinados e ajudas em gêneros alimentícios às famílias.

Depois, outras 10 famílias também foram despejadas. Mas a luta pela Reforma Agrária estava forte e vários Assentamentos foram surgindo.

Surgiram os Assentamentos de Reforma Agrária: Ubá (onde acolheu os trabalhadores expulsos da Fazenda

Jardim, essas 16 famílias, que ficaram morando por algum tempo em barracas), Groaíras, Raposa/Várzea da Cruz, EMASA – Assentamento Esperança (este fica no município de Sobral, mas extremado com Santa Quitéria – distrito de Lisieux). Que foram frutos da luta pela Reforma Agrária dos trabalhadores rurais da região. Costuma-se dizer que a existência desses assentamentos é uma característica dessa região de Lisieux e que eles se constituíram no nosso desenvolvimento. Ao contrário de outros lugares que se desenvolveram a partir de indústrias, aqui foram os assentamentos que colaboraram com a melhoria da qualidade de vida do lugar, não somente dos moradores assentados, mas do comércio local, dos serviços, etc.

Desde 2014, a Fazenda Jardim está ocupada por trabalhadores sem terra, que lá estão até hoje aguardando a desapropriação por parte do Governo Federal. Mas antes, a força da Família Machado de Araújo se dissolveu. Várias empresas faliram: bancos (Bancesa); indústrias de óleos vegetais (Ceará Industrial), curtumes (Curtmasa), fazendas foram desapropriadas (Emasa)... E morreram os chefes da família: Srs Manoel e José Machado, filho José Maria Machado (filho mais velho de Sr Manoel Machado).

Hoje há vários outros Assentamentos de Reforma Agrária próximos a Lisieux (alguns foram negociados pela SDA – Secretaria de Desenvolvimento Agrário, do Governo do Estado do Ceará). Fazenda Picos/Canafístula (onde também houve ocupação); Fazenda Rajada/Saco do Pajé (que fica já dentro do município de Sobral); Fazendas Pocinhos e Ingá, ambos no município de Forquilha; Fazenda Flores (também no município de Sobral, já mais próximo ao distrito de Aracatiaçu). Dentre outros, mais distantes de Lisieux.

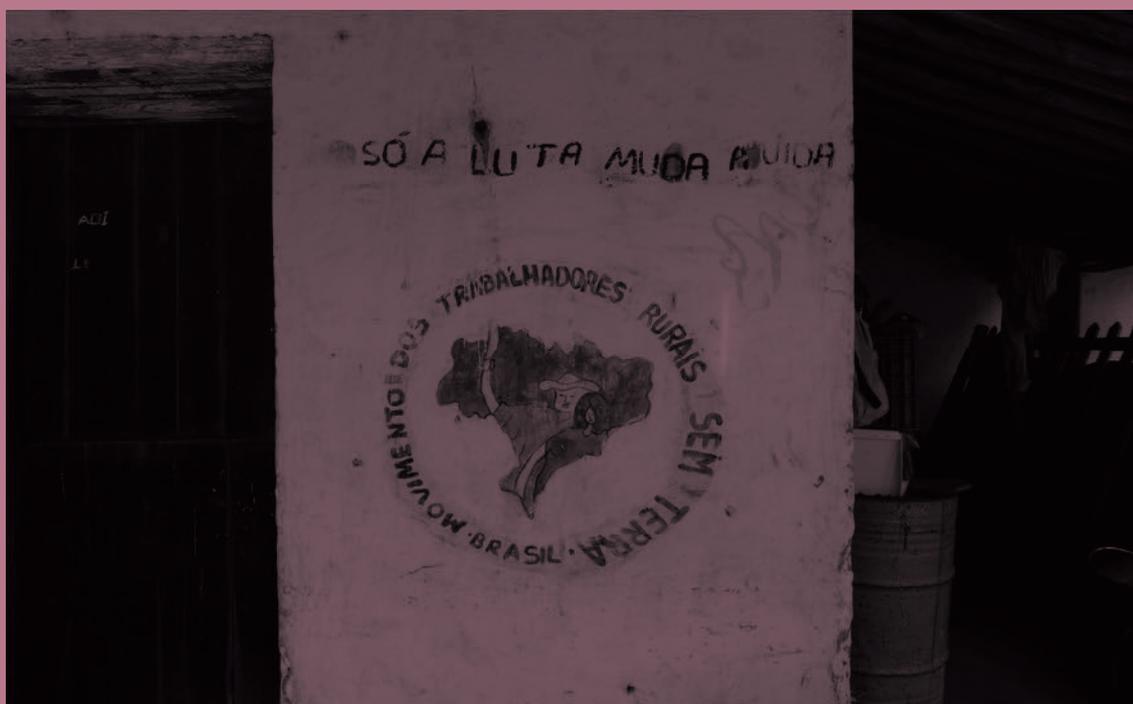


imagem 02: Parede de uma das casas do assentamento do MST, o Fazenda Jardim, Lisieux, Santa Quitéria, 2017.

4 TRÂNSITOS

*Valei-me minha Menina Jesus,
minha Menina Jesus, valei-me*

*Só volto lá a passeio, no gozo do meu recreio,
só volto lá quando puder comprar um óculos escuro
com um relógio de pulso que marque hora e segundo,
um rádio de pilha novo cantando coisas do mundo
pra tocar lá nos jardins da cidade, zombando dos acanhados,
dando inveja nos barbados e suspiro nas mocinhas*

*Porque pra plantar feijão eu não volto mais pra lá,
eu quero é ser Cinderela, cantar na televisão,
botar filho no colégio, dar picolé na merenda,
viver bem civilizado, pagar imposto de renda,
ser eleitor registrado, ter geladeira e TV,
carteira do ministério, ter CIC, ter RG*

*Bença, mãe.. Deus lhe faça feliz, minha Menina Jesus,
que te leve pra casa em paz
Eu fico aqui carregando o peso da minha cruz no meio dos automóveis
mas vai viajar, foge daqui, que a felicidade vai atacar pela televisão
e vai felicitar, felicitar, felicitar, até ninguém mais respirar*

Acode minha Menina Jesus, minha Menina Jesus, acode...

– Tom Zé (1978)

[migrar-partir-voltar-ficar e tudo al revés]

Há, a meu ver, aqui, um acercamento do existir em fronteira aos de corpos em movimentos migratórios advindos do interior para as grandes cidades, assim como, do êxodo interno de entre sertões, em estado constante de deslocamento e desterritorialização. Sentimentos de não pertença e estranhamento junta-se a permanentes tentativas de reterritorialização que nos fazem refletir a cerca das suas implicações nesses territórios: *como eles se conformam a partir dessas presenças “estrangeiras”? Quais culturas surgem dessa mescla e mistura ali? Onde elas se manifestam?* Aqui entendo cultura como uma teia de significados e identidades que configuram espaços e crenças, formada também a partir de sistemas de dominação e hierarquização que contribuem para o fortalecimento das relações de poder entre as diferentes manifestações dela.

A modernidade, a partir da globalização e o desenvolvimento das tecnologias de informação e comunicação, ao atuar nesses *territórios outros*, sejam estes fronteiriços ou não, estabelecendo um aparente encurtamento de distância (e quando dizem isso lê-se algo como “mostrar-lhes o mundo, trazer a civilização para onde não tem”, assim como quando chegaram aqui, nas Américas, no século XVI, dando início ao projeto colonial – que de certa forma segue até hoje), provoca um contato baseado em apropriações e imposições de culturas e modos de existências. Logo, torna-se importante pontuar que mecanismos contribuíram e contribuem para a continuidade desse processo tal como se deu/dá.

Esse movimento torna-se mais complexo ao ser adicionado o fator da migração: o novo chega ali também através de quem saiu e, embora traga notícias do mundo de lá, cabe questionar: *quem é o mundo de lá?* A quem pertence? Que lugares de lá seus corpos ocupam? E quando se permanece naquele mesmo habitat, fazendo casa entre veredas, mas se desloca sobre ele, em trânsito sobre um fim de mundo, onde quase não se pode distinguir o céu do chão, o que se leva e se transforma continuamente?

[4.1] A ESPERANÇA NÃO VEM DO MAR NEM DAS ANTENAS DE TEVÊ

Estamos acostumados a um imaginário das pessoas do interior que migram para as cidades como retirantes, que saíram do seu habitat natural para tentar a vida fora deste (e aqui evidencia também a generalização de se falar como se fossem todos o mesmo). A produção literária, junto à mídia e comunicação de massa, tem um forte papel nisso através das construções de suas narrativas, onde apresenta o sertão como um lugar inóspito, muito disso ligado às condições fisiográficas marcada por secas periódicas, como nos introduz a historiadora Maria Antônia Adrião, natural de Lisieux, em sua dissertação de mestrado a cerca da criação de imagens e discursos literários sobre as migrações sertanejas¹. Segundo a autora, *essa perspectiva literária*² inventou um passado para os habitantes do sertão e, simultaneamente, calou outras experiências (e/ou estratégias de sobrevivências) que também fizeram e fazem parte de suas vidas e que dão significados às suas existências, servindo como parâmetro para todas as práticas e falas sobre o Nordeste³ e sua gente. Recriam uma memória social sobre, inventam historicidades e identidades que somente favorecem a uma classe dominante, mais interessados na sua exploração do que necessariamente numa melhoria ou assimilação de suas condições e modos de existir.

¹ ADRIÃO, Maria Antônia V. Memórias do sertão: a migração sertaneja entre imagens e discursos literários. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2002.

² Refere-se ao campo literário que ficou conhecido como Literatura da Seca.

³ Há uma espécie de invenção da região Nordeste, reforçada pela imagem desta como homogênea (*Nordeste não existe!*, como canta Belchior), servindo ao ideal de reprodução do poder dominante. Nota-se isso, por exemplo, quando, em cidades mais ao Sul do país, referem-se, preconceitosamente, à nordestinos como baianos ou paraibanos (o que por um lado é ótimo, já que ser baiano ou paraibano é maravilhoso, mas também reflete um imaginário perverso sobre, principalmente, quando associado de forma pejorativa a outros adjetivos como preguiçosos, folgados, etc, e acompanhado de uma suposta “aparência” que se constrói sobre essas pessoas). Cada região do Nordeste tem suas particularidades e, sim, há coisas em comum que os unem, mas há muito mais que o multiplica.

⁴ Uma analogia ao trecho “Além do território, ao sujeito, o “favelado,” é quase sempre negada a sua individualidade. Ao invés de pessoas, são tratados pela mídia como “fenômenos,” desumanizando assim os pobres.”, retirado da tese de doutorado da professora Gabriela Leandro Pereira, “Corpo, discurso e território: a cidade em disputa nas dobras da narrativa de Carolina Maria de Jesus” (2015).

⁵ A maioria da sua população vivia da agricultura de subsistência, exercida em “parceria” com grandes propriedades, sendo esta uma herança da colonização do sertão, onde coroa portuguesa aproveitava-se das melhores terras, criando sistemas de dependências que perdura até os dias de hoje em suas diversas configurações.

⁶ Ver documentário “Conterrâneos velhos de guerra” (1992) do diretor Vladimir Carvalho.

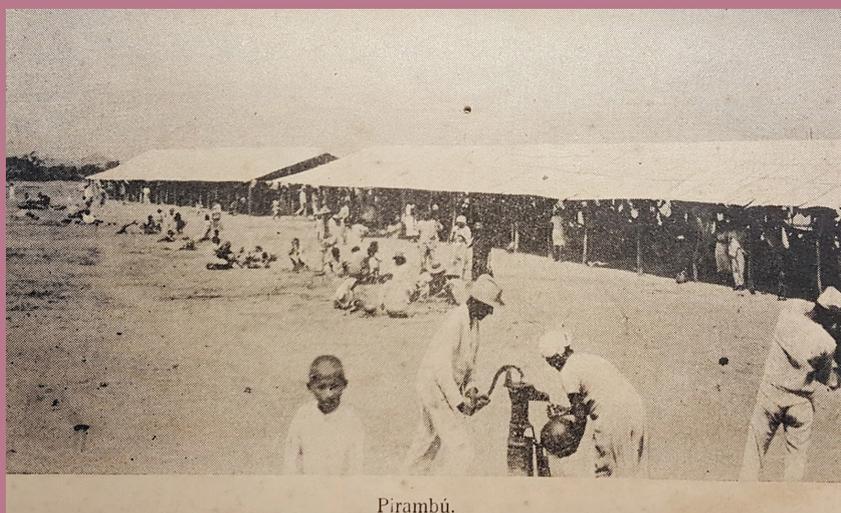
Desta forma, esses habitantes foram vistas como “fenômenos”⁴ e, ao chegarem às cidades postos no seu lugar de direito: as bordas, como foi o caso dos “abarracamentos” em Fortaleza, na época das grandes secas (ver anexo), uma atitude higienista que continua a refletir-se e repetir-se continuamente em diversos aspectos dos nossos núcleos urbanos.

O escritor pernambucano João Cabral de Melo Neto ao retratar o sertão em suas obras, estabelece uma perspectiva a partir do próprio sertanejo (termo generalista) onde este toma consciência do sertão *como produtor de morte, independente do período climático e da condição social, dada a conjuntura econômica e política*⁵. *E portanto retira-se deste espaço tentando prolongar sua vida, mas decepçiona-se, porque toda a região beira a morte*. Ou seja, a mesma sensação repete-se ao tentar a vida em outro lugar, pois o que parece estar mais em conta nisso tudo é o enquadramento frente ao que se estabelece como norma e padrão de dominação e exploração, somada a uma atitude de exclusão destes às periferias das grandes cidades, ocupando constantemente a fronteira do povoamento e da modernização, relegados ao resto, não incluídos nos seus planos e projetos, a não ser como mão-de-obra barata, como aconteceu, por exemplo, na construção de Brasília. Milhares de trabalhadores, popularmente conhecidos como candangos, migram de outros estados, principalmente do Ceará, para participarem da construção da nova capital do Brasil, onde, contudo, não puderam habitá-las, destinados às suas beiras, cidades-satélites⁶.

*Os que abriram estradas
Os pião da construção
Os que Construíram cidades
Os que sobreviveram e nunca voltaram
Os Paraíba no Rio
Os Baiano em São Paulo
Os Ceará em Brasília
Mulheres e crianças nunca existiram.*
(André Saraiva)

anexo 01: Campos de concentração do Ceará

Com as secas que assolaram o Ceará em 1877-1879 e, posteriormente, em 1915 e 1936, centenas de pessoas saíram do sertão cearense para adentrar na capital em busca de empregos e melhores condições de vida. Ocuparam ruas e praças da cidade, com mão-de-obra escassa, vivendo em condições bastante precárias. Visando resolver essa situação ou, mais especificamente, tendo como princípios criar isolamentos para essas pessoas, num processo de higienização que perdura até os dias de hoje, o governo cria espécies de “abarracamentos”, campos de concentração, conhecidos popularmente como “currais do governo”. Eram localizados estrategicamente perto das estações de trem, facilitando o acesso dessas pessoas assim que ingressassem à cidade, evitando a ocupação do centro urbano, numa tentativa de erradicação da pobreza desses lugares e expulsão dos pobres para as periferias, aniquilando com isso seus corpos e modos de vida, numa atitude perversa, adicionada a utilização de sua mão-de-obra barata para a construção de obras públicas, essenciais para o crescimento de Fortaleza.



Pirambú.

imagem 02: Campo de concentração do Pirambu, Fortaleza, Ceará, 1932.



imagem 03: Candangos fazem fila para identificação na Novacap, Brasília, 1959

[4.2] INCELANÇA PRA PERMANECÊNCIA NO SERTÃO

Os apontamentos sobre esses movimentos de permanência e saída da população rural deve percorrer também questões históricas que diz respeito à má distribuição de terras, concentradas nas mãos de grandes empresas e/ou latifundiários e donos de terras. Logo, questionar-se sobre as consequências da deserção no espaço rural perpassa, necessariamente, à efetivação de uma reforma agrária e o entendimento e discussão sobre as heranças e resquícios da colonização e seus desdobramentos sociais e culturais. Assim como, os efeitos das implicações dessa estância, com o surgimento de uma nova ruralidade, complexificando o que se pretende conhecer como urbano e rural, reflexos de uma globalização e forte urbanização das cidades que respingam também no ali.

Portanto, cabe aqui pontuar algumas dessas questões sobre a permanência no sertão/meio rural e os desdobramentos nos seus espaços interiores e circundantes, seus nomes oficiais e que relações surgem a partir daí. Apesar disso, é importante ter em mente que não busco aqui um aprofundamento do que seria essa nova ruralidade em seus termos e entendimentos geográficos ou mesmo sobre suas relações políticas, econômicas e administrativas. Me interessa, na verdade, “tomar de empréstimo” essa expressão para da continuidade a compreensão daquele como um lugar de entre e fronteira, onde operam temporalidades e espacialidades outras, considerando-o como um espaço plural, onde cada lugar se distingue do outro, de acordo com as necessidades de quem nele habita.

“Se existem lugares na área rural nordestina, que a maioria da população está restrita a mulheres e crianças, porque sua população masculina emigrou; ou se existem lugares quase desertos, porque famílias inteiras emigraram e não mais retornaram; existem outros como a comunidade de Lisieux, onde a população parece bem distribuída entre homens e mulheres.” (ADRIÃO, 2002, p.166)

Como, então, falar de quem fica? Como falar do que está ali? Quais repercussões disso nas novas configurações de ruralidade que se criam? É sertão ainda? Como chamar? Distrito é rural ou urbano? Adrião (2002) ao indagar a alguns moradores mais idosos da sede do distrito de Lisieux, município de Santa Quitéria, sobre *Por que morar no sertão?*, recebe como resposta tanto denúncias sobre as condições sociais de exclusão e ausência de políticas públicas as quais se vêm submetidos, quanto motivos que os fazem permanecer ali, seus laços afetivos e culturais que constituem àquele como o seu lugar no mundo e não outro.

Muitas dessas novas ruralidade cresceram/crescem a partir do êxodo entre regiões de sertões e entre povoados, às vezes constituindo-se enquanto sedes de Distritos. Com isso, criam-se espaços em que a definição exata de urbano e rural não é tão explícita (situam-se na zona rural do município, embora sejam legalmente considerados como parte integrante da zona urbana), e que, embora por um lado, têm-se talvez uma maior visibilidade e possibilidade de atuação de políticas públicas ao delimitar áreas, pela sua espacialidade e tamanho, muitos dos moradores dos distritos (considerando toda sua extensão, que pode conter sede, assentamentos e pequenas localidades) ainda encontram-se em situações adversas a exemplo dos serviços básicos de saúde, educação, transporte.

Segundo Grossi e Silva (2004), o novo rural está marcado pela presença de um

conjunto de atividades não agrícolas, ligados à moradia, ao lazer, às atividades industriais e de prestação de serviço, fugindo da ideia de campo antes associado apenas à agricultura e pecuária. Junta-se à construção desse novo imaginário, a introdução de elementos advindos dos fluxos globais, do consumo de bens simbólicos e materiais e de práticas culturais tipicamente urbanas, por vezes ocasionando processos de reestruturação de elementos das culturas locais com base na incorporação de novos valores, hábitos e técnicas. E dessa assimilação, reverberam-se percepções de identidade e como nos relacionamos com ela. Como exemplo, pontuo aqui a página do facebook *Lisieux mil grau*, administrada por jovens locais, onde estes apropriam-se das linguagens utilizadas pela internet para falar sobre o que os identifica, tendo como cenário a sua “*quebrada*”, como eles se referiram em um dos *posts*.

Porém, isso não exclui o constante apagamento e desaparecimento de certas práticas e culturas comuns a essas regiões, o que constitui também como questão a ser considerada neste trabalho. Como pensar formas de permanências que questionem e tensionem os tempos e espaços? Não se trata de um apego ao passado ou às tradições, mas tensionar os interstícios destes para que posamos refletir e imaginar futuros possíveis. Afinal, que passado e tradição estamos acostumados a lembrar? O que fica escondido no que é lembrado? Qual o papel da memória nisso?

[êxodo entre sertão: vir fazer casa e morar em Lisieux]

[4.3] HÁ ALGO QUE RESTA E REVERBERA

São vários os desdobramentos da globalização nesses territórios (interior e cidade) e as sobreposições destes uns sobre os outros, marcadas em seus cotidianos, memórias e espaços construídos. Seja no modo de vizinhança estabelecido nas periferias urbanas como o sentar nas calçadas e o morar perto dos seus familiares, ou, como dito anteriormente, na chegada das tecnologias e o crescimento de algumas localidades do meio rural, dando seguimento a complexidades e necessidades antes não apresentadas, diversificando sua economia e desenvolvendo novas formas de produção capazes de transformar não só as relações sociais como também a sua própria paisagem.

“...em resumidos ais, Irará, naqueles dias, era um jogo de espelhos contrapondo tempos. Instâncias de insubstância. Todas as ruas materialmente se mantinham lá. Mas estavam desaparecendo, mudando em uso e significado. Mutante também era a voz de eternidade daquela nossa Idade Média, na qual o tempo era um personagem preguiçoso, avesso a mudar de roupa; mutante a própria cidade coberta de fina película de lenda. Pálido mormaço que dava palco ao lesmo trabalho cotidiano e às arrelias das festas rituais. Um sítio fugaz entre o passado e um “progresso” que a invadia.” (TOM ZÉ, 2012, p.20)⁷

Certa vez, li uma reportagem sobre a existência de uma linha de ônibus com conexão direta semanal entre o interior do Ceará⁸ e duas grandes favelas cariocas: Rio das Pedras e Rocinha. O texto dizia que, a maioria dos que chegavam àquela região Sudeste do país, advindos, principalmente, de cidades do interior dos estados, povoavam favelas e periferias, estabelecendo com isso novos contornos culturais para aqueles territórios. O autor da notícia conta que a divulgação, tanto

⁷ Tom Zé aqui se refere a Irará, sua cidade natal, localizada no interior da Bahia.

⁸ Em uma outra reportagem sobre o assunto, citava a cidade de Varjota, perto da região de Lisieux, como um dos destinos no Ceará.

no Rio de Janeiro quanto nas cidades cearenses era feitas boca-a-boca e em carros de som.

Isto é, pois, sintomático, ao mesmo tempo em que traciona para um lugar de duas pontas opostas (norte-sul), trazendo também em si uma aproximação, um dizer do corpo que permanece através dos lugares, conformando, talvez, novas formas de se habitar. A estrada que percorre esses caminhos é bagagem acumulada dos dois lados.

O músico Tom Zé, ao cantar as pessoas do lugar de onde veio (Irará, interior da Bahia) e as suas situações, retrata-o como um lugar “cósmico ou cômico”, novamente nos levando ao *entre*. O meio do caminho entre o humano e o divino, o impreciso, entre o selvagem e o civilizado, onde o que está na passagem é rito e está sujeito à atração de forças antagônicas e inadvertidas.

Cabe refletir, então, como os lugares vivem em nós? O que se modifica com esses atravessamentos, neles e em nós mesmos? A memória do corpo vive também no que se deixa de rastro nos espaços? João Cabral escreve muito bem sobre isso ao aproximar, em sua poesia, lugares tão distantes como seu Pernambuco, de Sevilla, uma cidade no sul da Espanha, Andaluzia, que embora oceano os separe, há algo que os achega e que pouco se apercebe visto que estamos constantemente apagando passados. Diz respeito ao ano 711, quando os mouros invadem a Península Ibérica, para 800 anos de dominação, terminados em 1492 (poucos anos antes da chegada dos portugueses ao Brasil), que impregnaram até hoje Portugal e Espanha da influência dos conquistadores muçulmanos, refletindo também aqui, por meio da colonização, o que Tom Zé, chama de influência da cultura moçárabe no nordeste⁹.

*A rede ou o que a Sevilha não conhece
Há uma lembrança para o corpo,
a tua: é a de um abraço de rede,
esse abraço de corpo inteiro
de qualquer rede do Nordeste,
da rede que tua Andaluzia,
que é tão da sesta, não conhece,
e mais que abraço, é o abraçar
de tudo o que pode estar nele;
é o abraço sem fora e nem dentro,
é como vestir outra pele
que ele possui e que o possui,
uma rede nas veias, febre.*

(João Cabral de Melo Neto)

⁹ Ver também Movimento Armorial, iniciativa artística criado pelo escritor paraibano Ariano Suassuna, que aproxima arte erudita da cultura popular nordestina, ou como este mesmo diz: “A Arte Armorial Brasileira é aquela que tem como traço comum principal a ligação com o espírito mágico dos “folhetos” do Romanceiro Popular do Nordeste (Literatura de Cordel), com a Música da viola, rabeça ou pífano que acompanha seus “cantares”, e com a Xilogravura que ilustra suas capas, assim como com o espírito e a forma das Artes e espetáculos populares com esse mesmo Romanceiro relacionados.” (fonte: wikipedia)



imagem 04: Os camponeses acostumados à sentar no parapeito das janelas de suas casas rurais, continuam à fazê-los nos edificios de apartamentos. Ho Chi Minh, Vietnã. 1995



imagem 05: xilografia arte armorial, "A criação das sercias - alegoria barroca", Gilvan Samico, 2002.

anexo 02: Capoeira da América, Paulo Régis

[enviado via Whatsapp, em 01 de novembro de 2017]

Era um tempo de seca. Eu não sei bem a história. Porque, acho, foi nos anos de 1970. Eu era novo. Não sei qual o ano correto. Não sei já tinha ido estudar em Sobral (isto foi em 1976)... Ou talvez foi nos anos de 1960? Papai talvez saberia falar com mais propriedade.

A “capoeira da américa” foi um apelido que deram a um roçado comunitário. Esse roçado foi feito perto lá de casa. Acho que a terra ainda não era do pai. Então, nesse ano de seca, o Brasil, o Nordeste, o Ceará (época da Ditadura militar) recebia donativos dos EUA. (patrocinador do Golpe no Brasil de 1964...)... E o país, pobre, terceiro mundo... seca no Ceará braba... (talvez tenha isto na internet, né?)

Mas, voltando à capoeira da América, foi um apelido que o povo colocou nesse roçado. Acho q era uma ajuda financeira para as famílias... para preparar um roçado pra plantar no ano seguinte, se tivesse inverno: brocar, queimar, plantar, colher nesse roçado. Acho que deve ter dado certo.... A propriedade da terra não era passada para os agricultores, mas eles podiam plantar lá. Não sei se foi só um ano... dessa forma comunitária. O certo é que virou uma capoeira (área que foi plantada um ano e fica “descansando” nos anos seguintes, até poder ser plantada de novo).

Aí, acho, que as pessoas, foram apelidando essa capoeira...

Além dessa ajuda financeira vinham também dos EUA, donativos, gêneros alimentícios... eu lembro de um tipo de arroz que era duro pra cozer, de gosto diferente e que o povo apelidou-o de “bugre” ou “brugue” no linguajar sertanejo. Também vinham roupas... todo mundo usava aquelas roupas com dizeres em inglês...

A dominação é surpreendente!

Éramos colônia americana... estamos voltando a ser? Aliás, deixamos de ser algum dia?

As pessoas chamavam os EUA de América...

Não foi na seca de 1979/1985, porque esta eu lembro bem... essa seca foi a dos Bolsões da Seca... Não teve ajuda americana direta... Eu mesmo trabalhei numa “frente de serviço” durante o mês de julho nas minhas férias (Eu estudava em sobral)..

Pesquisei na internet e teve uma seca braba em 1964/1965.... Mas não sei se foi nesses anos que surgiu a capoeira da américa... só sei que existiu.



desenho 01: Capoeira da América. Caderno pessoal, 2014.



imagem 07: intervenção 'A Logo for America,' Times Square, 1987. Alfredo Jaar

5 FIM DE MUNDO

“– Nonada. Tiros que o senhor ouviu foram de briga de homem não, Deus esteja. O senhor ri certas risadas... Olhe: quando é tiro de verdade, primeiro a cachorrada pega a latir, instantaneamente – depois, então, se vai ver se deu mortos. O senhor tolere, isto é o sertão. Uns querem que não seja: que situado sertão é por os campos-gerais a fora a dentro, eles dizem, fim de rumo, terras altas, demais do Urucaia. Toleima. Para os de Corinto e do Curvelo, então, o aqui não é dito sertão? Ah, que tem maior! Lugar sertão se divulga: é onde os pastos carecem de fechos; onde um pode torar dez, quinze léguas, sem topar com casa de morador; e onde um criminoso vive seu cristo-jesus, arredado do arrocho de autoridade. O Urucuia vem dos montões oestes. O gerais corre em volta. Esses gerais são sem tamanho. Enfim, cada um o que quer aprova, o senhor sabe: pão ou pães, é questão de opiniões... O sertão está em toda parte.”

Guimarães Rosa, 2015, p.19



[...]
Hoje não me resta (à parte o incômodo de estar assim sentado)
Senão saber isto:
Grandes são os desertos, e tudo é deserto.
Grande é a vida, e não vale a pena haver vida,

[...]
Sim, toda a vida tenho tido que arrumar a mala.
Mas também, toda a vida, tenho ficado sentado sobre o canto das
camisas empilhadas,
A ruminar, como um boi que não chegou a Ápis, destino.
Tenho que arrumar a mala de ser.
Tenho que existir a arrumar malas.

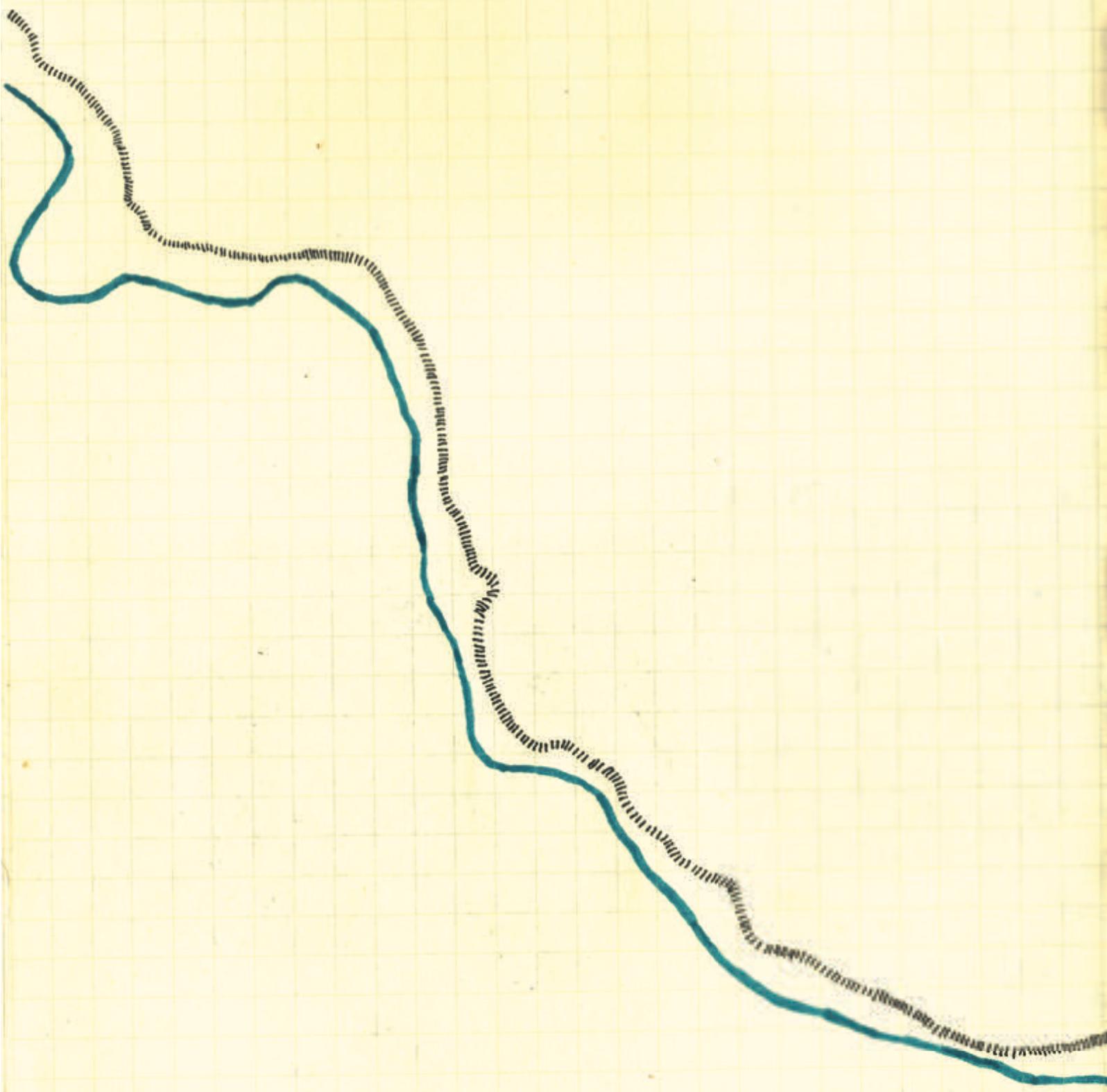
[...]
Grandes são os desertos e tudo é deserto,
Salvo erro, naturalmente. Pobre da alma humana com oásis só no deserto ao lado!

Mais vale arrumar a mala.
Fim.

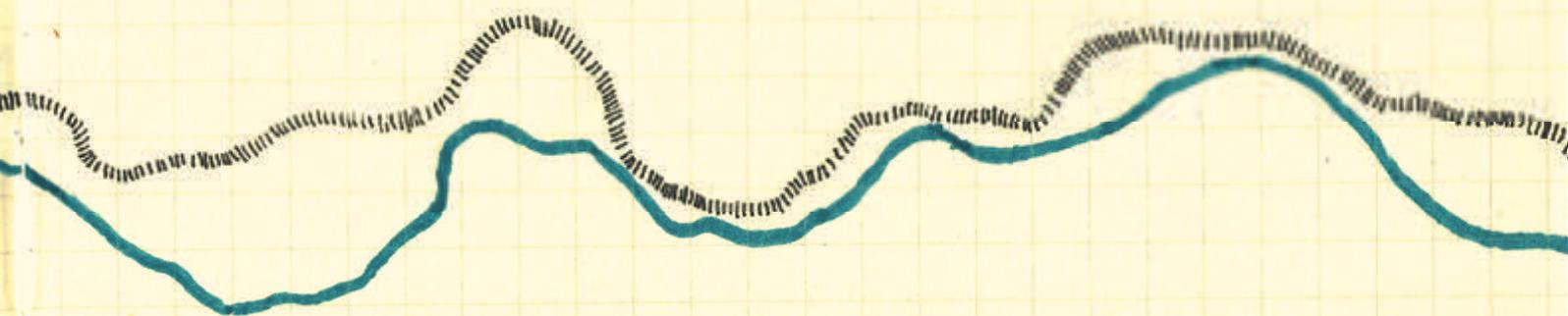
(Grandes são os Desertos e tudo é Deserto, Álvaro de Campos)

Rapidamente vale lembrar que sertão é uma palavra de etimologia incerta. Se para alguns viria de um vocábulo angolano, mulcêto, que se refere às terras entre terras ou terras distantes do mar, para outros é de deserto, desertão, que a palavra descende. Próximo do deserto, sertão se emparelha com desertor. Desertanum é o lugar impenetrável e desconhecido para onde vai o desertor. Lugar sertão é lugar incerto – em oposição ao locus certus ou domicilium certus – e é sempre longe, nunca onde se está. Como alerta Riobaldo, com sua fórmula “pão ou pães é questão de opiniões”, o sertão – faixa imprecisa de terra, demarcação subjetiva – está sempre mais além, onde está o outro: “O senhor tolere, isto e o sertão. Uns querem que não seja: que situado sertão e por os campos-gerais a fora a dentro, eles dizem, fim de rumo, terras altas, demais do Urucuia. Toleima. Para os de Corinto e do Curvelo, então, o aqui não é dito sertão?” (Rosa, 1979:9). Na carta de Pero Vaz de Caminha ele chama de sartaam uma faixa de terra extremamente vasta, que não se podia alcançar com a vista, mas apenas imaginar. Território do desconhecido, terra de deslocamentos, de errâncias em busca de melhores condições de sobrevivência, que vai permanecer sob o signo do inóspito, mesmo depois da colonização. Vazio simbólico, como espécie de do oco deixado pelo que não se permite conhecer pelo uso instrumental da razão.

(Reinaldo, 2012)



LISIEUX





O fim do mundo é um lugar no mundo

É comum ouvir a expressão “Lá naquele fim de mundo” quando referem-se a um lugar muito distante, às margens do que é centro (centro enquanto dicotomia de fim). Lugar longínquo, desconhecido, estranho, selvagem, atrasado, fora da lei, fim de rumo. Todas essas características já foram usadas para falar do sertão.

Uma vez, conversando com uma amiga sobre pôr o nome deste trabalho de “*Fim de mundo*”, ela comentou: “ah, é lá no fim do mundo”, como o que é desconhecido, mas muito se acha que se sabe sobre. *O fim do mundo é povoado de esteriótipos, mas nunca de olhares atentos.*

Foi na busca por essa atenção que surge então esse projeto. Apropriar-se de um imaginário construído sobre determinado lugar e trazer para si a força que pode-se advir disso. Dialogando com discursões atuais, onde muito se fala sobre as crises climáticas e antropocenas que assolam o planeta, a proximidade do fim, utopias ultrapassadas, distopias que vencem. Imaginar o mundo desde o fim como tática para criação de outros futuros possíveis.

Os fins do mundo e apocalipses/distopias são diários para certos corpos que habitam a Terra. Entender que corpos são esses torna-se imprescindível para a construção de um pensamento crítico sobre as nossas cidades (como espaços construídos e habitados e, os discursos que as formam).

Apresento-lhes, pois, Lisieux, lugar-sertão-urbano, entremeio, fim de mundo. Trajetória ficcional que pretende-se também enquanto desdobramentos do que está posto hoje nas nossas sociedades. Criar novos imaginários e tencionar os já existentes. Estabelecer conexões aparentemente aleatórias e não lineares. *Ridimunho*¹ como meio e transporte.

¹ Ou “ridimuim”. É como os moradores do sertão falam redemoinho.

[5.1] CIELO AL REVES²

“E tem mundo depois do mar?” Perguntou meu avô Sabino quando eu estava indo para o intercâmbio na Espanha, em 2015.

Como cartografar o fim? Como habitar o seu entendimento enquanto lugar no mundo sem, contudo, reproduzir padrões ocidentais e distantes pré-estabelecidos e, sem tentá-lo encaixar no que já se conhece enquanto sistemas de classificações?

Partindo do pressuposto que a cartografia pode ser base e meio para tradução do que construo aqui enquanto pensamento, cujo objetivo inicial seria evidenciar experiências e vivências territoriais que historicamente não pertencem nem aparecem nos mapas existentes (entendendo estes como um lugar de poder), tendo sido muitas vezes retratados como vazios cartográficos, mas que resultam ser construção de espaços vividos. Há, pois, a necessidade de pensar esta em seu lado crítico, afim de elucidar como os mapas vêm sendo representados ao longo dos anos e que tipos de discursos sua cartografia sustenta e alimenta. Quais suas contribuições para o apagamento de territórios e que posicionamentos revelam ao deixá-los de fora³.

Diante disso, como tencionar também o lugar de domínio da linguagem? Assim como a língua e a fala, o desenho é também controle sobre os que não os sabem decifrar, revelam a verdade por meio de uma abordagem científica, atrelada a (falsa) ideia de que o mundo caminha (o mesmo caminho) para o progresso. Logo, entender que os mapas não são representações reais, mas construções intencionais, regido pelos interesses de quem o cria é ponto importante para se pensar a cartografia também a partir de narrativas.

Quando coloco isso em cheque aqui minha intenção é criar desdobramentos e estabelecer conexões em diferentes dimensões. Se eu tomo de empréstimo para costura deste trabalho o sertão como fim de mundo, ir alternando as escalas desse “mundo” também me interessa, tanto no seu sentido espacial quanto temporal.

“A orientação de um mapa, sua projeção, a presença de fronteiras políticas, quais características são incluídas ou excluídas, e o idioma usado para rotular o mapa estão sujeitos ao viés do fabricante de mapas - deliberado ou não.” (Kok, 2009)⁴

² Trecho da música “Vuelvo al Sur”, interpretada pela cantora argentina Mercedes Sosa. Tradução: céu ao revés, ao contrário. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fNXDv6D0TxA>

³ Ver documentário “Todo mapa tem um discurso”, onde levanta-se as principais questões simbólicas e práticas sobre as regiões marginalizadas que não pertencem ao mapa oficial da cidade do Rio de Janeiro, sendo representadas como vazios cartográficos. Disponível em: <https://vimeo.com/93081871>

⁴ KOK, Glória. Vestígios indígenas na cartografia do sertão da América portuguesa. An. mus. paul., São Paulo, v. 17, n. 2, p. 91-109, Dec. 2009. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-47142009000200007&lng=en&nrm=iso.



imagem 03: Map of South America by J.B. D'Anville, Paris, 1748. Vazios cartográficos, interior do Brasil como vasto território desconhecido.

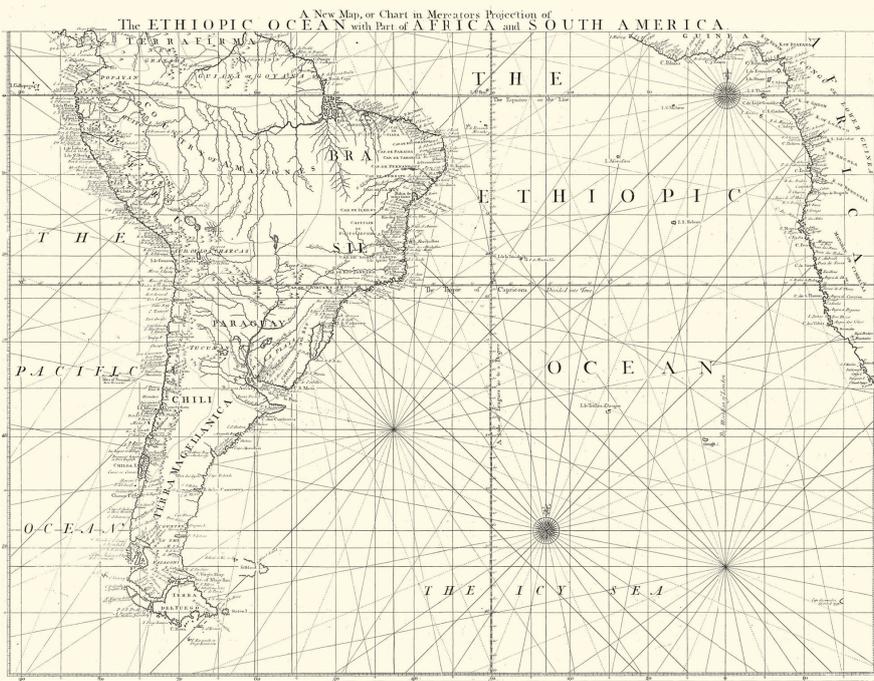
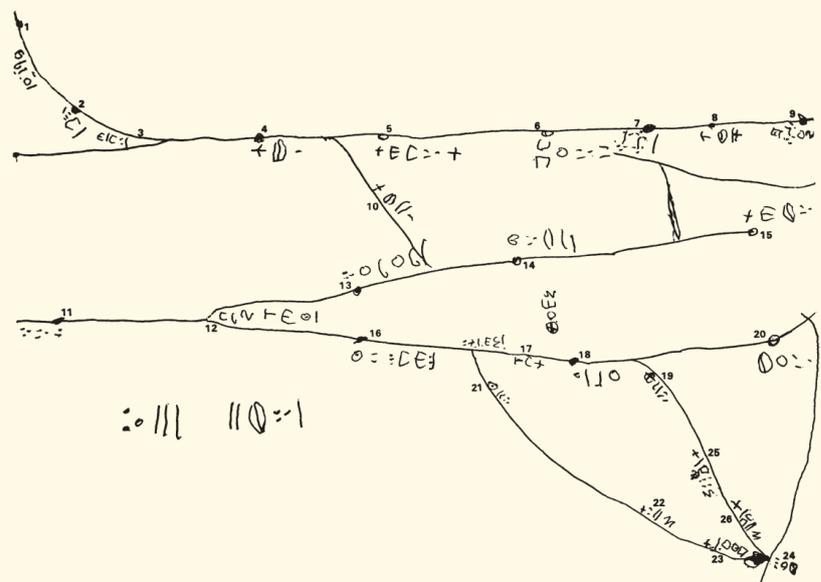
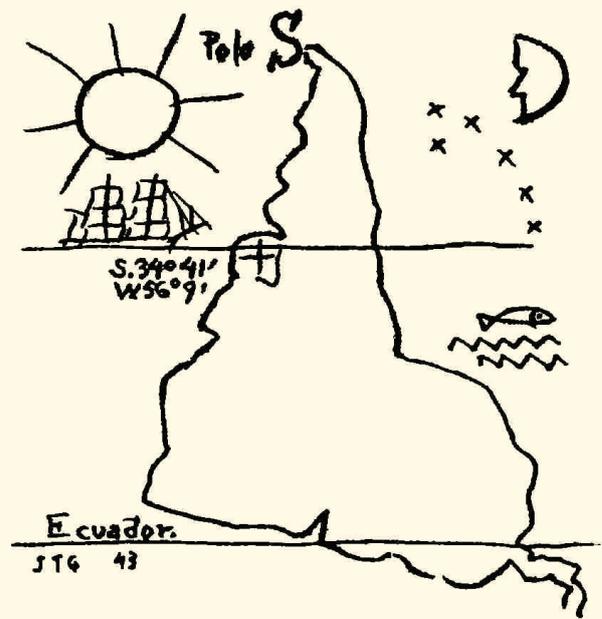


imagem 04: A New Map, or Chart in Mercators Projection of The Ethiopic Ocean with Part of Africa and South America. William Herbert, Londres, 1763.

imagem 05: América Invertida. Joaquín Torres García, 1943.



imagens 06 e 07: Mapeamento Taureg, Nigéria. Inicialmente desenhados na areia e passados para o papel. As linhas indicam os vales dos rios e os círculos numerados as posições dos poços de água. Embora esteja orientado para o Norte, as orientações dos seus mapas variam de acordo com a posição de quem o faz, levando em consideração rios, montanhas, vales, etc.

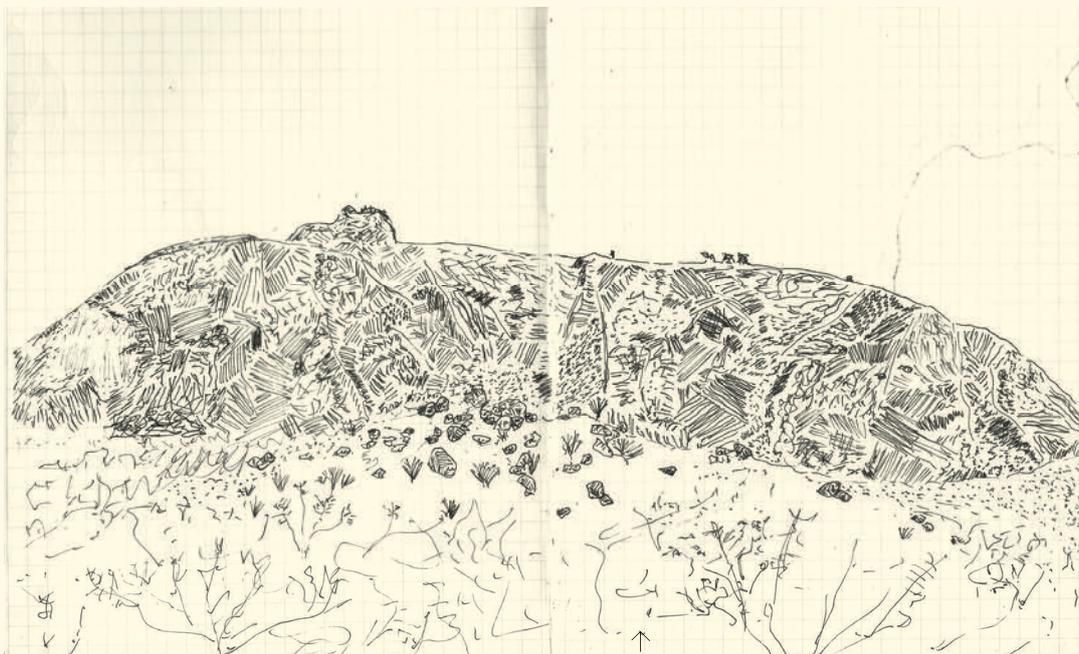
Há, contudo, formas outras de se pensar a cartografia. Afinal, como cartografar o sertão? Sendo este um território constituído de complexidades outras, cujos setores de orientação também são outros (nos mapas ocidentais tradicionais, como os mapas-mundi, a orientação e centralidade para o Norte funciona como substrato para reforçar discursos colonizadores).

Geralmente, em territórios como os com vastas extensões vazias, como o sertão e o deserto, os setores de orientação apresentam-se como características geográficas físicas, tais como leitos de rio, dunas de areia, serras, árvores isoladas na paisagem, fluxo dos rios etc. No caso de Lisieux, tem-se a Serra do Pajé como elemento orientador da paisagem e de direções.

Ora aqui, ora ali, jazem blocos de rocha solta. (Reinaldo, 2012)

Busco, então, numa cartografia e epistemologia outra como representar o sertão, entendendo-o a partir da sua relação com a natureza que o circunda, junto aos elementos que são signos de uma colonização, como a presença da Igreja, as fazendas. Ainda segundo Kok, em sua pesquisa sobre a abordagem cartográfica ameríndia no Brasil:

“(…) as direções espaciais (norte, sul, leste e oeste) são simplificadas e até mesmo ignoradas nos mapas ameríndios, porque a chave de leitura não se fixa em pontos localizados no espaço, mas traça um padrão contínuo de uma geografia a outra, como se fosse uma narrativa. É a intersecção, portanto, que determina o desenho cartográfico.” (Kok, 2009)



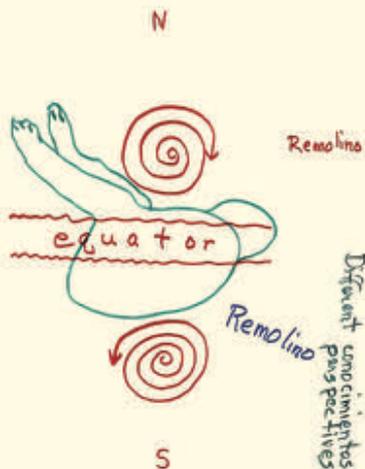
desenho 01: Serra do Pajé. Unipin sobre papel pólen, Lisieux, 2017.

[5.2] RIDIMUIM

Um dos elementos característicos de Lisieux e de regiões quentes e semiáridas, diz respeito a ocorrência de pequenos redemoinhos de areia (ridimuim, no dizer de lá). Eles se formam devido as altas temperaturas, em dias ensolarados e muito quentes e de baixa pressão atmosférica. Cria-se uma coluna de poeira giratória que dura apenas alguns minutos, mas que é suficiente para encher a casa de terra e mover algumas coisas de lugar. Por isso, é comum se ouvir no interior: “Minina, fecha as porta e as janela que láí vem o ridimuim.”

Também há uma relação estabelecida no imaginário sobre eles associando a presença do “Diabo no meio do redemoinho”, como fala Guimarães em Grande Sertão. Em inglês, é conhecido como “dust devil”, poeira do diabo. A crença diz que eles surgem nas horas abertas, principalmente nas encruzilhadas dos caminhos.

Partindo, então, tanto dessa ideia de movimento, de giro, como das associações que fazem a eles, sejam ao diabo, às bruxas, ao saci (ou aos que habitam os fins e confins, as margens, beiras e nós), tomo-o quase como espinha dorsal deste trabalho, espiral em perspectiva, uma *mirada* além das (bi) dimensões pré-definidas. Gloria Anzaldúa em seu desenho “Remolino”, faz referência aos giros dos redemoinhos, que têm direções opostas no hemisfério Norte e no Sul, reivindicando o lugar deste como possibilidade e existência de diferentes conhecimentos e perspectivas abaixo do Equador.



Apresento a seguir uma série de diagramas feitos durante o processo desse trabalho, em caderno pessoal.

imagem 08: Remolino. Gloria Anzaldúa, 1995.

imagem 09: pequeno redemoinho na estrada. Cena do filme “Girimunho” (2011), com direção de Clarissa Campolina e Helvécio Marins Jr., que retrata o sertão mineiro.



REDEMUNHO : REDEMUNHO : RIDIMUNHO : RIDIMUNHO :

CREANÇAS

- [1] São: sempre que um redemoinho surge, o seu pai aparece e foge desaparecer algum objeto, escondendo-o em algum lugar.
- [2] Quando se produz o redemoinho de vento a que o povo na Barra Alta chama "barburinho", acredita-se que então anda no ar o diabo ou os bruxos...
- [3] É o diabo rogado pelos campos.

"O diabo na rua, no meio do redemoinho" Rosa, G.

TAMBÉM CONHECIDO COMO: "dual don" → POREIRO DO DUBO

GERA-SE, ENTÃO, UMA TERCEIRA MASSA DE AR, DE MENOR VOLUME.



ENCONTRO ENTRE DUAS MASSAS DE AR COM SENTIDO DE GIRO OPPOSTOS E CARACTERIZADAS NORMALMENTE PELA DIFERENÇA DE TEMPERATURA.

v = 50 - 100 km/h

temperaturas em torno de 40°C

MITOLOGIA: as explicações sobre o desaparecimento de objetos têm fundo de verdade porque eles verdadeiramente deixam de permanecer onde estavam, para se apresentar distante do seu local.



MEMÓRIA BOA: "Minha, feche as portas e as janelas que lá vem o ridimunho. Vai encher a casa de areia."

Quando acontece?

DIAS QUENTES, SEM NUNTO E DE MUITO SOL

ABRIR RASGOS

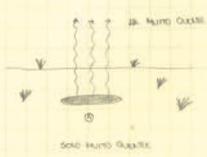
ENTRO DAS TÉCNICAS E PRÁTICAS ORIENTAIS, ACADÊMICAS E DOMINANTES



LEVANTAR POEIRA DO SOLO

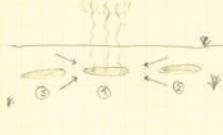
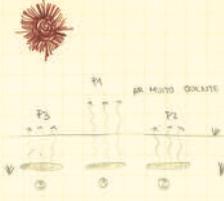
"eu nasci lá numa terra onde o céu é o próprio chão."

Baldnor



1) FORTISSIMO AQUECIMENTO DO SOLO E DE CARGA DE AR POUCO AQUIMA DO SOLO TÊE A PRESSÃO ATMOSFERICA BAIXAR NA REGIÃO 1

UMA GRANDE DIFERENÇA DE PRESSÃO ATMOSFERICA OCORRE ENTRE A REGIÃO 1 E AS REGIÕES 2 E 3, A PRESSÃO ATMOSFERICA EM A (P1) É MENOR DO QUE A PRESSÃO ATMOSFERICA NA REGIÃO 2 (P2) E NA REGIÃO 3 (P3)



A DIFERENÇA DE PRESSÃO CRIA MOVIMENTO (VENTO), O AR QUENTE (MAIS LEVE) TONDE E CONVERGEM NA REGIÃO 1 E AO MESMO TEMPO SE ELEVA

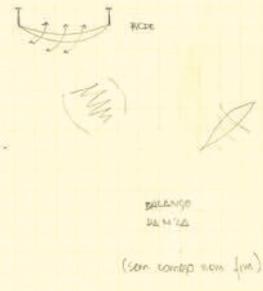
A COLUNA DE AR QUENTE CRIADA A REGIÃO 1 SE ELEVA EM MOVIMENTO ORBITARIO CIRCULAR, O VENTO LEVANTA A POEIRA E PERANTE A VELOCIDADE DO REDEMUNHO



CARACTERÍSTICAS REDAMUNHO:

- coluna de poeira granulada
- se forma em dias ensolarados e muito quentes
- céu azul ou com poucas nuvens
- associado a uma região de baixa pressão atmosférica
- coluna de ar tem movimento circular de baixo p/ cima
- em geral tem duração de alguns minutos

INTER-RELACIONES:



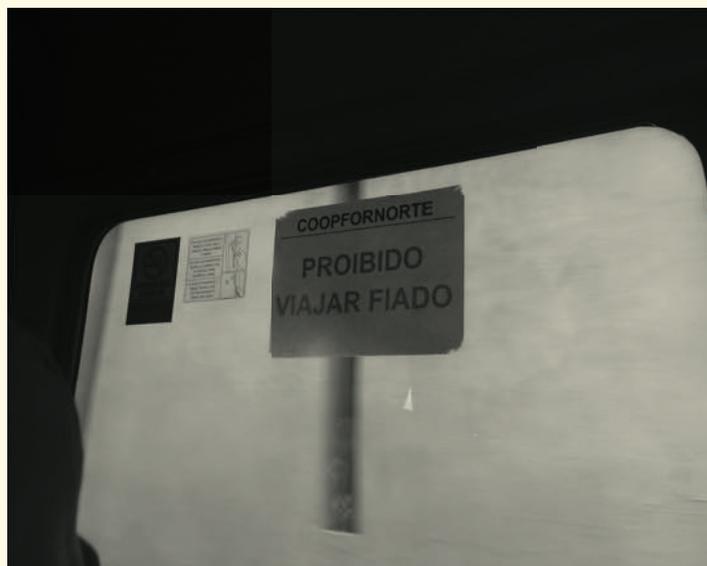


6 LISIEUX

Canção que não é do exílio

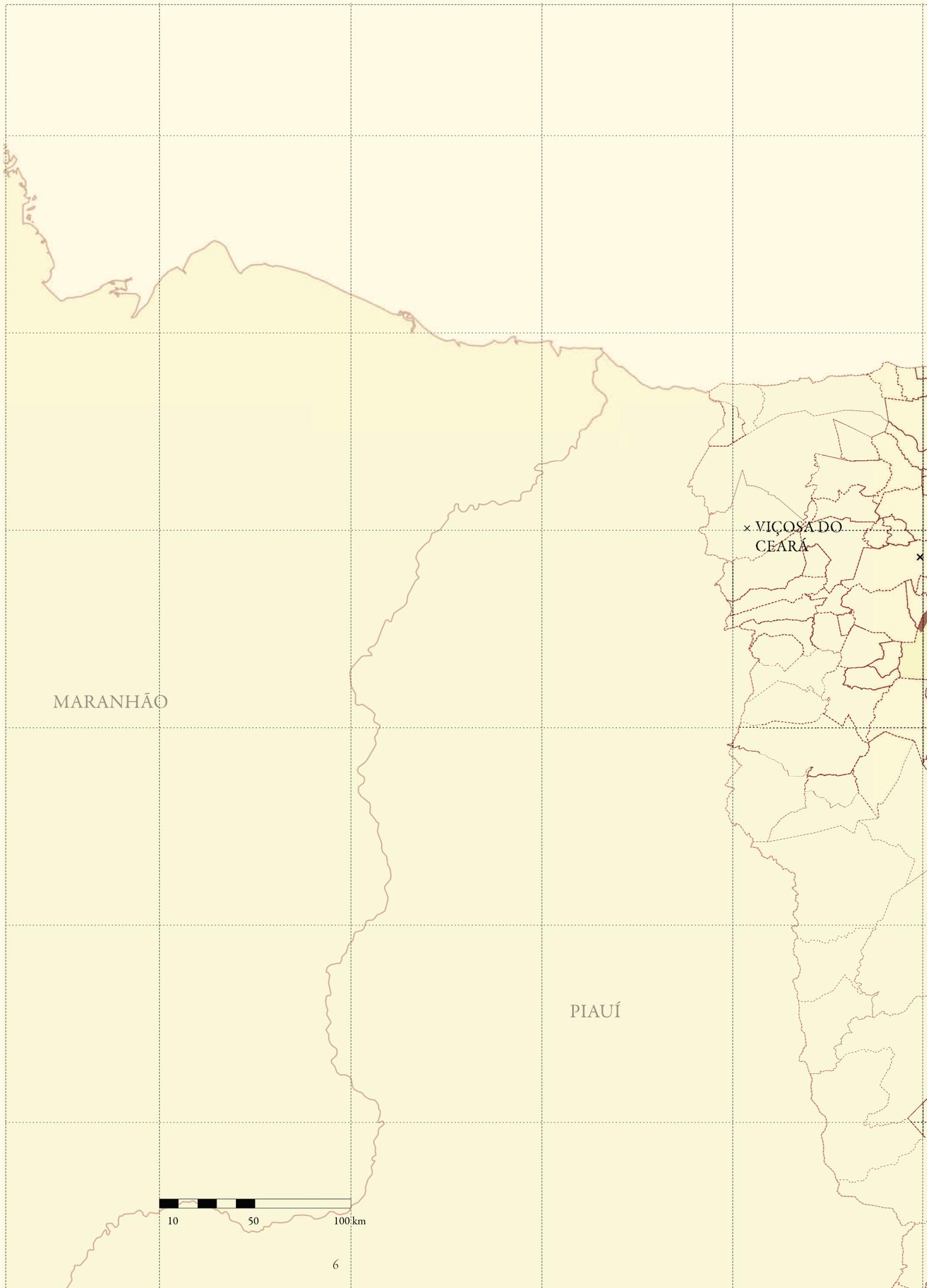
Minha terra não tem palmeiras
Nem tampouco sabiá
Mas tem muita gente boa
Como não encontro eu cá.
Tem gente que trabalha no roçado
Sob um sol escaldante;
Tem gente que trabalha na vazante
Nos molhados dos açudes.
Tem gente letrada e rude
Mas tem saber que dar p'ro gasto.
Tem gente que faz chapéu
Com a mão na palha e a voz no canto;
Tem gente que caça e pesca
E pesca e caça dia e noite
E vende a caça e a pesca na rua.
Tem gente que vai a Igreja e reza
Com devotada prece a padroeira
E gente que casa e namora.
Tem gente que foi se embora
E gente que aqui inda mora.
Tem gente que faz forró
E dança arrastando o pé e levantando poeira.
Tem gente que anda de carro
Tem gente que anda de pé
Tem gente que fuma cigarro
E gente que fuma "pé-duro".
Tem gente de todo jeito
E gente que não tem jeito.
Enfim, para encurtar a história
Lisieux tem gente boa
E também tem gente a tôa
Como em qualquer lugar do Brazil.

imagem 01: poesia de Paulo Régis Araújo Moura escrita na gincana de aniversário de 35 anos de Lisieux, em 1995.





10h30, peguei a topic do lado da rodoviária, perto do ECOA, na margem esquerda do rio Acaraú em Sobral, local de onde saem os transportes para as cidades perto dali, uma espécie de rodoviária improvisada. antes era na praça da Igreja da Sé. r\$ 7,25 o preço da passagem. pago e sento num acento vago na última fileira de bancos. no vidro da janela tem um adesivo escrito: proibido viajar fiado. fotografo. durante a viagem que dura em média meia hora, 40min, observo pela janela a paisagem já conhecida. quase sei de cor a sequência das casas que passamos na estrada. aquela que tem um muro baixo que revela o gramado pra jogar futebol, aquela que parece uma grande casa de fazenda antiga, aquela que tem uma garagem cuja porta é estranhamente na lateral e onde fica quase em frente à fábrica de castanha, aquela que não se parece em nada com uma casa. não entramos em Forquilha como me lembrava, só passamos pela parte da cidade que é na estrada e paramos quase no fim para alguém subir. são 36km de sobral à estrada de Lisieux. de lá pra dentro mesmo são mais 9km. é o que sempre me falavam e o que tem nas placas. mais conhecida ainda pra mim é a estrada de Lisieux. a árvore no lado esquerdo quando se vai em direção à cidade, àquela parte da estrada que é cimentada e antes passava um riacho que quando sangrava parávamos para molhar os pés. aquela casinha rosa e branca antes do posto. início da zona urbana. posto sorriso e ai toda o resto da cidade. começa na lisilândia. algumas pessoas descem e a topic segue e pára quase sempre na porta da casa dos passageiros, ou na altura das casas, dependendo, pois só passa pela rua principal. desço em frente ao antigo sobrado que hoje é só um vazio murado. penso em como era bonito e o que hoje poderia ter sido. ao menos ainda existe a castanhola em frente. (Relato pessoal escrito no dia 04 de fevereiro de 2017)

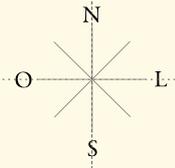


x VIÇOSA DO
CEARÁ

MARANHÃO

PIAÚÍ

10 50 100km



LISIEUX – SOBRAL: 45 km
LISIEUX – SANTA QUITÉRIA: 60 km
LISIEUX – VIÇOSA DO CEARÁ: 163 km
LISIEUX – FORTALEZA: 255 km

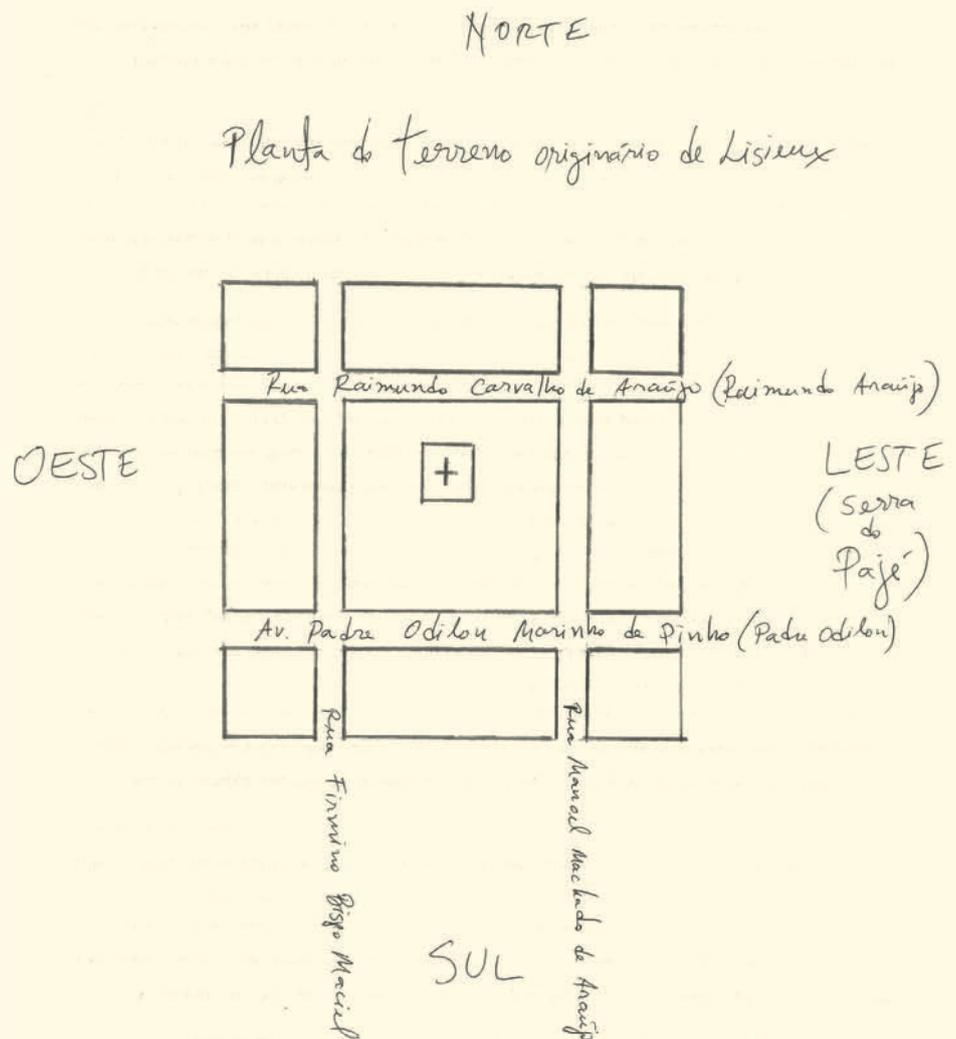
..... Limites estaduais
—— Limites municipais do Ceará



6.1. COMEÇO DO FIM

Lisieux é o maior distrito do município de Santa Quitéria, localizado na região noroeste do Ceará (ver mapa 01). É composto por uma zona urbana e por áreas de zona rural, que são as fazendas, os assentamentos de reforma agrária e pequenas e médias propriedades rurais. Como se sabe, os municípios brasileiros são divididos em distritos: existe a sede e os distritos (que também possuem sedes), distribuídos por todo seu território, dependentes política e administrativamente desta. Há, portanto, a presença de áreas urbanas e áreas rurais.

Lisieux, como povoação, ou seja, como aglomerado urbano (hoje, levado à categoria de sede-distrital), começa a surgir em 1960, quando foi doado um terreno, pelo Sr. Francisco Milton Araújo, filho do vaqueiro da região, Sr. Raimundo Carvalho de Araújo, à paróquia de Santo Antônio do Aracatiáçu (Diocese de Sobral). Terreno este, em seu núcleo original de 200 m por 200 m. Ou seja, um quadrado. Onde foi projetado o início da sua povoação.



OBS: Nome atual das ruas (2015)
Lei nº ~~576/2008~~ de 20/11/2008
Municipal 613/2009, de 08/07/2009

desenho 01: Planta do terreno que originou a localidade de Lisieux com a Igreja em seu centro. Paulo Régis, 2015.

Esse projeto original foi estabelecido pelo pároco, na época, Padre Odilon Marinho de Pinho, onde a igreja estaria no centro de uma ampla praça, com ruas largas e quadra bem definidas, reforçando e demarcando na paisagem o seu poder histórico, resquícios permanentes da colonização do interior.

Segundo relatos constantes no livro “Lisieux – 50 Anos”¹, esse terreno de 200m x 200 m foi desmatado entre os dias 20 de junho e o dia 20 de julho de 1960. Ainda nesta primeira data, marca-se o local da Igreja onde havia um pé de pereira muito grosso e que hoje é o altar. Com a frente para o sul (em trecho da poesia “Lisieux”, Paulo Régis Araújo Moura diz: “Olhando para o sul, à beira do riacho / À esquerda a serra, onde nasce o sol / Bate nas costas a brisa do mar / Ao poente, a Serra Grande bem longe”).

Posteriormente foi definido o quadrado da praça, onde tem um espaço maior na frente da igreja e um espaço menor atrás. Do limiar onde futuramente deveria ser a calçada da praça até às quadras residenciais media-se 14 metros. Ou seja, as ruas deveriam ser bem largas. E as quadras residenciais, também foram definidas no restante do terreno doado, exatamente iguais à estrutura da praça.

Essas quadras foram sendo ocupadas por famílias que pediam ao pároco para construir uma casa e daí se estabelecia o regime de *laudêmio* (aforamento). Ou seja, a família que ganhasse o terreno podia construir a sua casa, mas não era proprietária do terreno, que pertence *ad eternum* à Diocese de Sobral (Paróquia de Santo Antônio de Aracatiaçu), devendo pagar anualmente o “foro” à paróquia (um valor muito baixo) no mês de setembro durante a festa da padroeira de Lisieux, Santa Teresinha do Menino Jesus. Essas casas (ou terrenos aforados) também tinham definições já pré-estabelecidas pelo pároco: eram de tamanho iguais, as casas deveriam ser separadas umas das outras a uma distância de 1 (um) metro; e ter alturas no frechais de 2,80 m.

À medida que essas quadras eram preenchidas com construções, havia demanda de novas casas para serem construídas após o terreno da igreja. Com o avanço do arruamento provoca-se o loteamento dessas terras para venda e outras pessoas passaram a ter propriedade no entorno da rua.

Os outros terrenos (após a área original) já são praticamente todos ocupados com construção (com quintais e alguns terrenos não construídos). Poucos têm escritura pública individual e pertencem a zona rural. Os terrenos são medidos ainda em braça ou palmo. Alguns são terrenos mais valorizados. Mas hoje, já negociados entre R\$ 200,00 a 250,00 (duzentos reais a duzentos e cinquenta reais) o palmo (por cem palmos de fundo), segundo relatos dos próprios moradores. E a largura de suas ruas vão se tornando menores a partir da sua expansão.

O crescimento acelerado é, pois, uma característica forte dessa povoação (ver mapa 02), isto se compararmos com outras localidades dessa região noroeste do Ceará. Ou seja, sempre houve uma emigração (êxodo interno) muito constante de pessoas vindo construir casas ou se estabelecerem em Lisieux.

Há uma percepção premente que em Lisieux se constrói muito. Um dos dizeres populares que se contam sobre isso é que “em Lisieux se constrói cem casas por ano”.

¹ LISIEUX. Ponto de cultura. LISIEUX 50 ANOS: As gincanas histórico-culturais de “aniversário” de Lisieux. 1. ed. Lisieux, Santa Quitéria, Ceará, 2013.

Embora seja um dito exagerado, é, ainda atualmente, apesar da crise econômica, um lugar onde se constrói constantemente. Atualmente existem dois bairros: Lisieux (centro) e Lisilândia (a leste, em direção a Serra do Pajé).

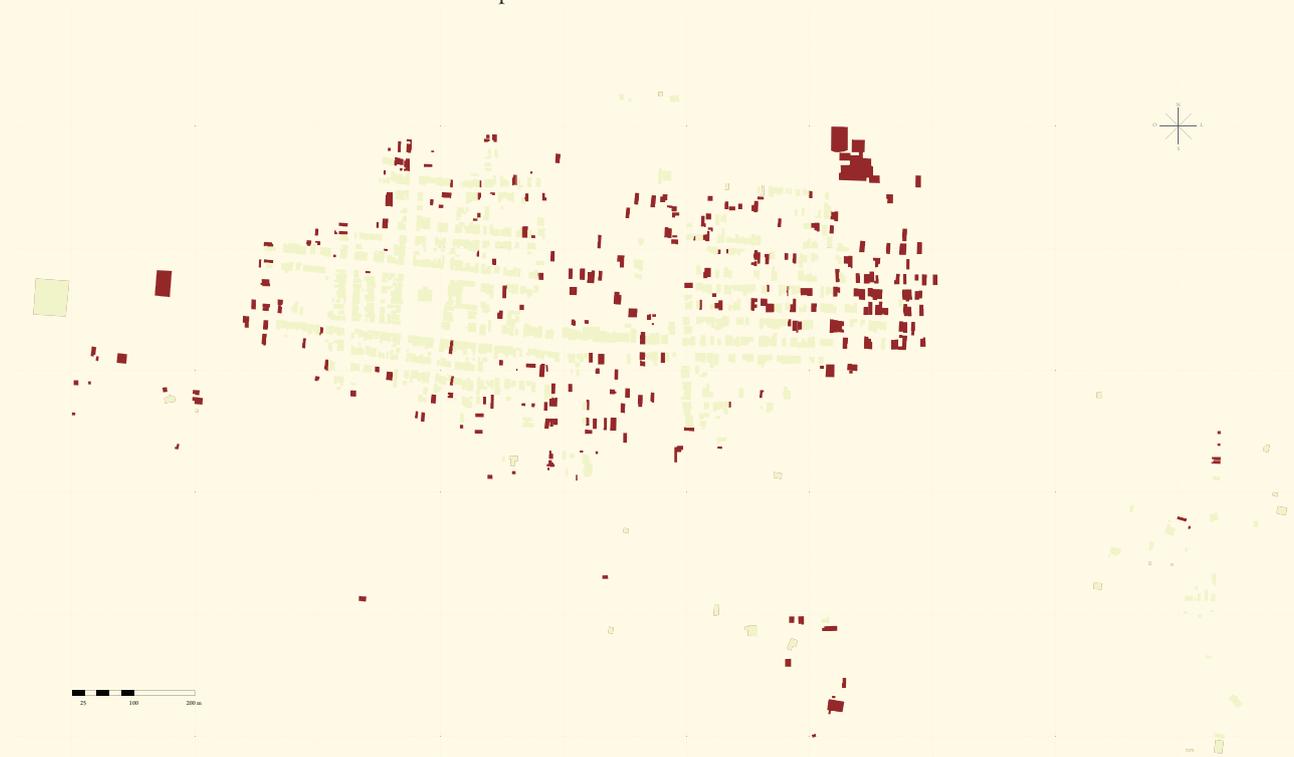
Segundo informações retiradas do livro “Lisieux - 50 Anos”, em 1990 foi realizado um levantamento braçal do número de moradores, onde consta-se um total de 1.189 pessoas contadas (apenas relativo à sede). O mesmo relatório diz-se também da contagem de 30 mercearias, 3 serrarias, 3 oficinas, 1 hospital, 1 posto telefônico, 1 colégio, 1 igreja católica, 1 igreja evangélica (Assembléia de Deus), 1 padaria, 1 chafariz, 4 casas comerciais que vendem tecidos, 4 fazendas ao redor da vila, 2 açudes próximos, 2 projetos de chapéus, 1 farmácia, 1 sapataria, 1 delegacia em construção. O número de casas acabou não sendo incluído na pesquisa.

Já a partir de dados do Censo Demográfico de 2010 do IBGE², tem-se as seguintes informações relativas ao distrito, por situação de domicílio: 1.904 mulheres; 1.941 homens. Totalizando 3.845 pessoas. Segundo cor e raça, a população da área urbana que se considera branca é de 444, preta, 170, e parda, 1434; já na zona rural tem-se brancos: 527, pretos: 84 e pardos: 1109.

Porém, de acordo com o que contam os relatos orais, a população seria em torno de 8 mil pessoas, incluída a da zona rural, contando com 800 prédios entre residenciais, comerciais, públicos e comunitários em seu perímetro.

Para exemplificar a sua expansão, embora não fosse possível percorrer historicamente seu crescimento, desde sua fundação, visto que não há registros encontrados, realizei um mapeamento via satélite do Google Earth, onde relaciono o que havia de construído em 2007 e o sobreponho ao que consegui mapear relativo a 2016/2017.

² Visto em <https://sidra.ibge.gov.br/>



mapa 02: Expansão das construções em Lisieux (sede) relativo a 2007 e 2016, informações via satélite do Google Earth.

Relações com Santa Quitéria (sede do município)

Durante muito tempo foi uma relação quase que somente política, visto que Lisieux está situado numa das extremidades do município, mais próximo de Forquilha e Sobral. E todas as demais relações da localidade se davam mais com Sobral: comércio, estudo, passeio, saúde, emprego, etc.

Hoje, tem 4 topics, ou seja, 4 “horários” (manhã e tarde) de micro-ônibus para Sobral, de segunda a sexta-feira (e 1 no sábado). E apenas 1 horário (de manhã) para Santa Quitéria.

Com o passar dos anos essa relação foi se estreitando para além da política, mas também a partir de relações comerciais, bancárias, judiciais, policiais e com os demais órgãos públicos, como os responsáveis pelos programas sociais. Há muitas e constantes relações do poder público municipal: educação, saúde, assistência social, técnica. Há opções de lazer, como os campeonatos de futebol e festivais de quadrilha, que pessoas de Lisieux vão para a sede ou outras localidades do município. Existem as relações pessoais: casamentos, amizades, etc.

Lisieux possui as seguintes cidades em seu entorno: Santa Quitéria (sede do município), Forquilha, Sobral, Groaíras, Cariré. E os distritos (localidades) próximos: Trapiá, Logradouro, Areal, Malhada Grande, Macaraú (em Santa Quitéria); Trapiá, Ingá (em Forquilha); Aracatiaçu, Taperuaba (em Sobral); Jucá (em Cariré).



mapa 03: Cidades que possuem fortes e constantes relações com Lisieux.

Trabalho e renda (hoje e antes)

As formas de trabalho (fontes de renda) das pessoas de Lisieux e seu entorno, no passado era, fundamentalmente, a agricultura e pecuária. Até porque era uma fazenda e de outras fazendas se constituía o seu entorno.

A criação de gado constituiu-se na mais forte forma de economia dentro do processo de colonização e povoamento do Ceará. Donatários e sesmeiros recebiam seus quinhões da Coroa portuguesa, e contratavam vaqueiros para adentrarem o sertão cearense e estabelecerem suas fazendas de gado. E o comércio de gado e carne se constituía com as sedes das Capitânicas e da Coroa, em Portugal. No entorno do boi (criação de gado) também se estabelecia a pequena agricultura e outras atividades comerciais vinculadas ao boi (vaqueiros, curtidores de couro, ferreiros, carpinteiros, sapateiros, etc).

A partir disso, as principais fontes de renda mapeadas nos primeiros tempos de Lisieux foram:

1. Agricultura
2. Pecuária
3. Comércio
4. Pequenos artesãos ou que viviam de seus ofícios
5. Ir embora para o sul



imagem 04: gado na estrada que liga as localidades de Arial e Lisieux, Santa Quitéria, 2017.

Agricultura. A maioria das famílias plantava nas épocas de inverno, ou em pequenas propriedades, ou em propriedades de outrem. No entorno de Lisieux existiam pequenas e médias propriedades rurais. E quem não tinha terra pedia a algum proprietário para plantar em suas terras, fazer roçados, ou em troca de alguma renda (percentual do que for colhido), ou apenas em troca da forragem (que servia para alimentar o gado). Outra cultura muito forte nos inícios de Lisieux foi a cultura do algodão. Chamado “ouro branco”, era uma das únicas fontes de renda das famílias pobres.

Quando chegavam os chamados “*fins d’água*”, ou seja, os meses após o inverno (julho em diante) começavam as colheitas do algodão, e a venda para algum comerciante (que repassava para atravessadores, que por sua vez repassavam para a indústria). Do algodão se aproveitava tudo: a pluma para fabricação de tecidos e fios de algodão; o caroço para fabricação de óleo comestível ou para ração animal. E não precisava replantar o algodão: um roçado de algodão passava vários anos dando colheita. Porém, segundo relatos, em 1987, veio a “*praga do bicudo*” e dizimou a cultura do algodão. (RÉGIS, 2015)

Pecuária. Era não só status, mas o sonho de qualquer pessoa possuir algumas cabeças de gado bovino. “Criar gado é a paixão e a poupança de quem mora no campo cearense”. E, segundo Paulo Régis, quem tinha gado bovino era considerado “rico”, e os “pobres” criavam ovinos e caprinos, porcos e galináceos.

Comércio. Toda povoação se caracterizava pela existência de comércio. Pequenas mercearias foram surgindo. Para venda de secos e molhados em geral. Esses comerciantes também compravam produtos do artesanato e do extrativismo vegetal: chapéus de palha, mamona, oiticica, cera de carnaúba, mel de abelha, produto de caça e pesca, etc.

Pequenos artesãos ou que viviam de seus ofícios. Ou seja, pessoas que não viviam nem da agricultura, nem da pecuária, nem do comércio em si. Aprendiam algum ofício, muitos deles sem nenhum estudo, mas que eram muito requisitados por pessoas de Lisieux e das circunvizinhanças. Eram eletricitistas, mecânicos, ferreiros, curtidores de couro, sapateiros, padeiros, oleiros, chapeleiras, crocheteiras, etc. Eram pessoas que, mesmo não vivendo da agricultura, na época de inverno iam fazer seus roçados para ajudar no sustento familiar. Muito disso se perdeu no decorrer dos anos, mas alguns permanecessem no tempo, como é o caso da feitura de chapéus de palha, alguns marceneiros, padeiros, etc.

Ir embora para o sul. Os jovens, antigamente, tinham um sonho: “completar a idade (18 anos) e ir embora para o sul”. E por sul entende-se tanto região Sul/Sudeste do país quanto refere-se a outras cidades maiores, como Fortaleza. Uns arranjavam emprego e se fixavam por lá, outros voltavam depois de conseguir algum dinheiro.



imagem 05: captura de vídeo disponibilizado em anexo, onde uma das chapeleiras de Lisieux demonstra seu ofício que resiste ao tempo.

Atualmente:

1. Agricultura e pecuária (subsistência).
2. Pequenas artesões (chapeleiras).
3. Comércio mais diversificado e em maior quantidade.
4. Construção civil.
5. Serviço público, empregados da Prefeitura e do Estado, principalmente na área de Educação: Escolas de Ensino Fundamental (Prefeitura) e Médio (Estado).
6. Empregos nas cidades vizinhas.
7. Microempreendedores individuais, formais ou não.
8. Tecnologia.
9. Centro Cultural de Lisieux.
10. Transporte.
11. Aposentadoria rural.
12. Programas sociais de auxílio do Governo Federal.
13. Estudantes universitários.

Comércio diversificado. Há os tradicionais comércios de produtos alimentícios em geral. Mas, se antigamente eram as “bodegas”, hoje são mercadinhos, com estruturas de freezers, prateleiras de ferro, balcões, vitrines, etc. Há comércios variados: de confecções feitas (antigamente, em Lisieux vendiam-se tecidos), de móveis e eletrodomésticos, de variedades, brinquedos, utilidades do lar; perfumarias, calçados. Restaurantes e churrascarias, lanchonetes. Comércios de peças de motocicletas e de material de construção (seguimentos que cresceram muito, não só em Lisieux, mas em todo canto).

Construção civil. Lisieux é um lugar, que diferentemente de outros distritos da região, cresce muito e rapidamente. Por exemplo, enquanto em Macaraú, segundo distrito maior de Santa Quitéria, se constrói uma ou duas casas por ano, em Lisieux se constrói cinquenta ou mais por ano.

Serviço público. Escolas, posto de saúde (ambulância e agentes de saúde e de prevenção a endemias); serviços de água e esgoto.

Empregos nas cidades vizinhas, principalmente Sobral, na Grendene (indústria de calçados), Comercial Duas Rodas (comércio atacadista de peças de moto); no comércio em geral de Sobral. E em Forquilha (fábricas de cal) e Santa Quitéria (indústrias de calçados).

Microempreendedores individuais, formais ou não. Talvez sejam os artesãos de antigamente. Surgem, principalmente, nas áreas de comércio, prestações de serviços e agropecuária. Há também salões de beleza; vendas de “espetinhos” e merendas rápidas; e até produção de eventos.

Tecnologia. Provedores de internet, pessoas que trabalham com informática, manutenção de computadores, fotografia e outras mídias.

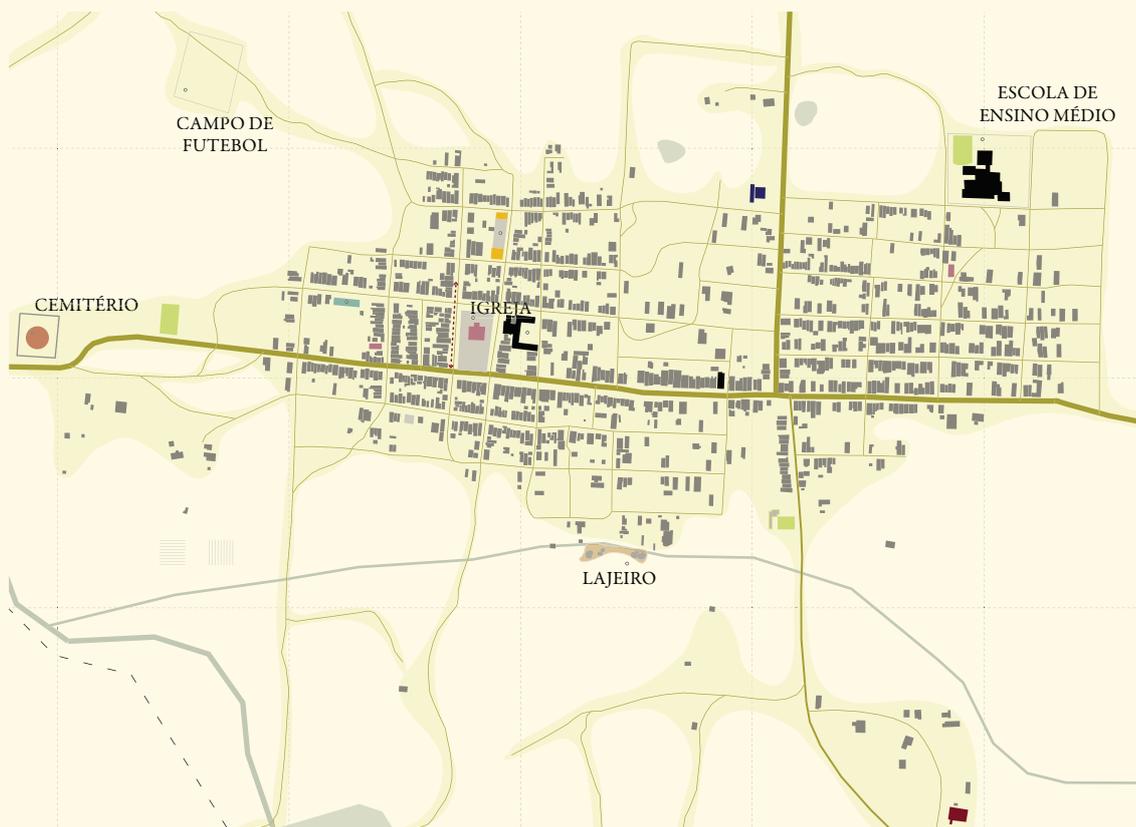
Centro Cultural de Lisieux. Rádio Comunitária e o Ponto de Cultura, onde tem-se atividades de rádio, biblioteca, teatro, cinema, museu, música, dança, etc.

Transporte. empresa e microempreendedores de topic e micro-ônibus; táxi particular; caminhões para frete. Observação: já teve serviço de moto-táxi, mas hoje não tem mais porque “todo” mundo tem uma moto (antigamente era bicicleta).

Aposentadoria rural. Após a Constituição Federal de 1988, que introduziu esse direito aos trabalhadores e às trabalhadoras rurais, e como, de fato, Lisieux é uma área rural, seus idosos: homens (aos 60 anos) e mulheres (aos 55 anos) adquirem esse direito de se aposentar. Então, em quase todas as residências há um aposentado (a).

Programas sociais oriundos do Governo Federal: Bolsa-Família, Bolsa-Escola, e outros programas de benefícios sociais.

Estudantes universitários. Ingressam em universidades públicas ou privadas (em Sobral ou outras cidades maiores), via ENEM ou Vestibular, auxiliados pelo FIES, PROUNI e cotas para estudantes de escola pública e/ou raciais.



LEGENDA:

- | | | |
|------------------------------------|------------------------|--|
| ■ Igreja Santa Terezinha, Centro | ■ Posto de gasolina | ■ Escola Municipal de Ensino Fundamental |
| ■ Igreja Santo Antônio, Lisilândia | ■ Quadras cobertas | ■ Escola Estadual de Ensino Médio |
| ■ Assembléia de Deus | ⋯ Rua do comércio | ■ Creche |
| ■ Hospital de Lisieux -PSF | ■ Indústria de madeira | |
| ■ Centro Cultural de Lisieux | | |



6.2. A QUEM PERTENCE A HISTÓRIA



imagem 06: Estação de trem principal de Lisieux, França, enviada por uma amiga via Whatsapp em 2014.

Lisieux, para os que não conhecem, é também nome de uma cidade ao norte da França, lá para as bandas do além mar. Cidade onde morou e morreu Santa Terezinha, que calha de ser também a padroeira da igreja de Lisieux daqui do Ceará. Na verdade é daí que vem seu nome, transparecendo o poder da Igreja na determinação das construções e assentamentos, resquícios dos modos de colonização do interior. Logo, para entender como se dá a formação dessas pequenas localidades, é imprescindível localizar a Igreja no seu lugar de poder, assim como, os grandes fazendeiros donos de terras.

Para exemplificar utilizo duas fotografias pertencentes ao acervo do Centro de Memórias de Lisieux. Na primeira, a celebração da primeira missa da Igreja, em 20 de dezembro de 1960, vemos a monumentalidade desta representada pela sua (des)proporção em relação à escala humana presente, representando o poder religioso.

Já na segunda, vemos a família tradicional rural e poderosa da região, donos das terras doadas para a construção da Igreja, “Sr. Raimundo Carvalho de Araújo e família”. Assim mesmo, com o nome do patriarca na frente, como se a categoria de proprietário se estendesse também a seus filhos e esposa. A meu ver é uma foto bastante emblemática, pois, para além dos rostos que ali estão e a quem pertencem, personalizada nos “Araújo”, nela podemos ver a presença dos principais poderes que operavam e operam aquele espaço, nos servindo também de parâmetro e base para pensar as estruturas que sustentam os sistemas dominantes que constituem a sociedade em geral. São eles: poder econômico, poder político, poder militar e poder intelectual. Compondo também o quadro, tem-se, no canto da lateral direita, existência em borda como um retrato da realidade, a presença do trabalhador rural.

→

imagem 07: Missa campal em Lisieux, 1960.
imagem 08: Família Araújo, em abril de 1972.



6.3. FIM DO FIM



O mapa ao lado foi feito a partir de dados do Censo Demográfico de 2010 do IBGE, onde calculou-se a densidade da região Noroeste do Ceará, a qual Lisieux pertence.

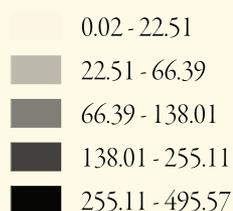
Como explicitado no caderno anterior (Fim de mundo), a representação do interior como vazio cartográfico, embora em termos quantitativos, como no mapa apresentado, seja condicente, ainda assim, é também simbólico. As manchas mais escuras diz dos lugares com maior densidade. E é notório quando, ao expandir a visão para todo uma região aumentando sua escala, pode-se enxergar a imensidão dos vazios entre estes.

No caso do distrito de Lisieux, contornado em vermelho no mapa, vemos uma micro mancha cinza na sua lateral oeste que, acredito, diz respeito a localidade de Arial, antiga sede do distrito. Porém, esta é muito menor do que a atual sede de Lisieux (ver mapas seguintes), nos levando a crer que o levantamento deste não foi feito ou ainda não está disponível enquanto atualização (novo censo). Logo, aqueles resultados quanto a população posto aqui anteriormente, é provável que se refira também à Arial.

Visando conhecer o distrito em toda sua extensão (incluindo seus povoados e assentamentos), realizo um mapeamento de suas localidades circunscritas, evidenciando as suas configurações espaciais de assentamento, a presença da Igreja, as distâncias e sensações de fins e desertos que as conformam enquanto sertão. É importante destacar, pois, a também presença da hidrografia em cada um dos mapas, em especial atenção ao Rio Groaíras, que coincide com quase todo o limite sul de Lisieux (distrito).

O levantamento das construções foi feito por mim, desenhado via imagens de satélite do Google Earth e visitas aos locais, e sobreposto a shapes conseguidos no banco de dados do IBGE, como os da hidrografia, e na Funceme, as curvas de nível. Não foram encontrados cartografias detalhadas sobre esse território, apenas relacionadas a todo a extensão do município de Santa Quitéria, como as do Zoneamento ecológico-econômico das áreas susceptíveis à desertificação do Estado do Ceará, núcleo I - Irauçuba/Centro-Norte³.

Divido os mapas em “Localidades de cima” e “Localidades de baixo”, que é como se chama, desde o Lisieux (sede) o que se está ao redor. É comum ouvir “vou lá pra baixo”, referindo-se ao que está a oeste, e “pra cima” a leste, em direção ao pé da serra. Essa divisão, pelo que contam, se dá porque deste lado estavam as fazendas dos ricos, como Fazenda Intans e Fazenda Mateus; e do outro tinha-se os assentamentos da Fazenda Jardim e Fazenda Groaíras, Picada etc., logo, “de baixo”.



←

mapa 05: Densidade populacional região Noroeste do Ceará (hab/hectare).

³ Para mais informações ver, FUNCEME. Zoneamento ecológico-econômico das áreas susceptíveis à desertificação do núcleo I – Irauçuba/Centro-Norte. / Fundação Cearense de Meteorologia e Recursos Hídricos. / Departamento Nacional de Obras Contra as Secas. - Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2015.



mapa 06: Distrito de Lisieux com suas localidades e parte do entorno.

ESTUDO ESPACIAL

MAPAS // DISTRITO // LOCALIDADES

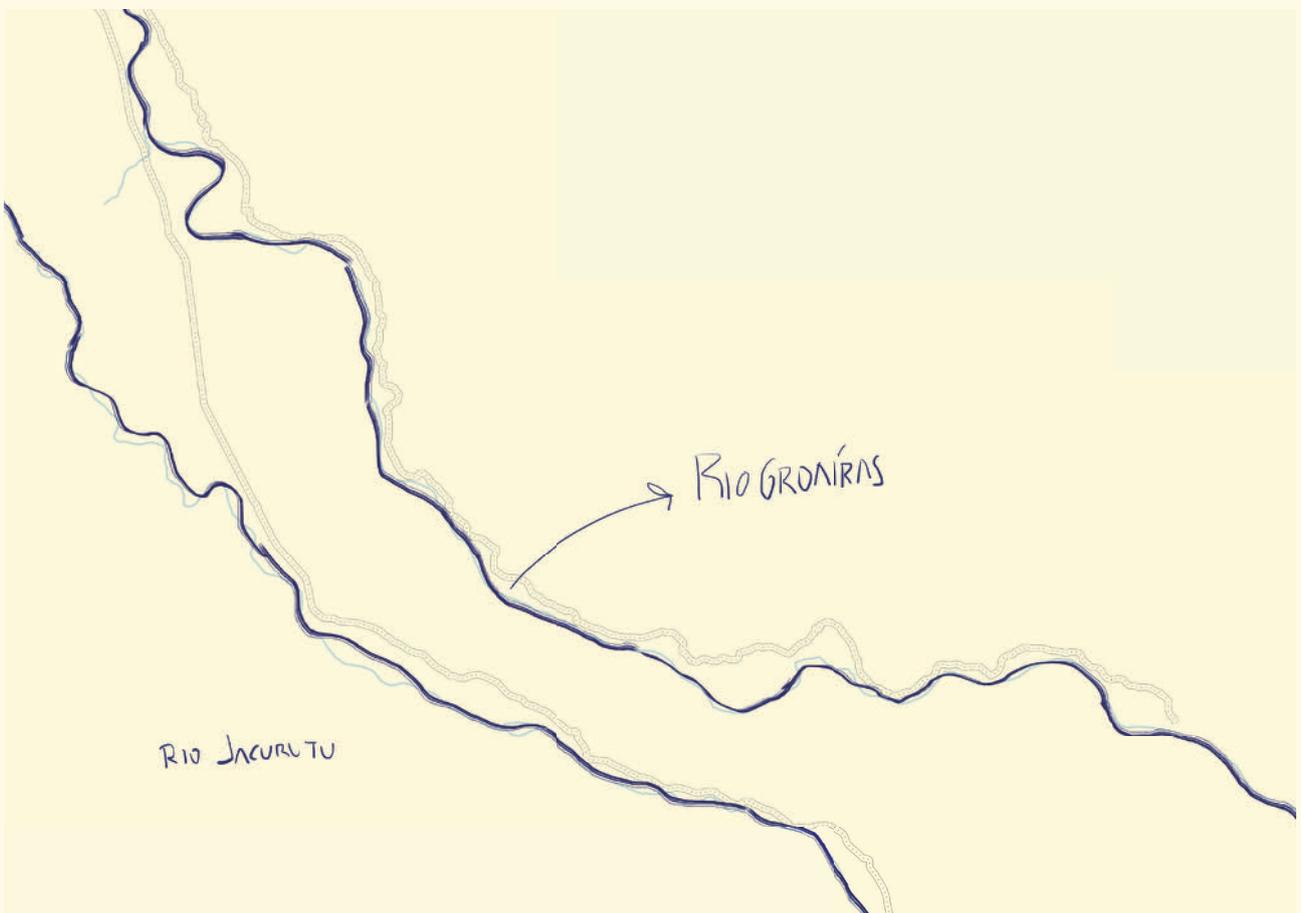
ASSENT. GROAÍRAS

LAYERS

- hidrografia
- curvas de nível / relevo
- construções / presença da igreja
- caminhos
- plantações
- formações geológicas (?) montanhas pedras

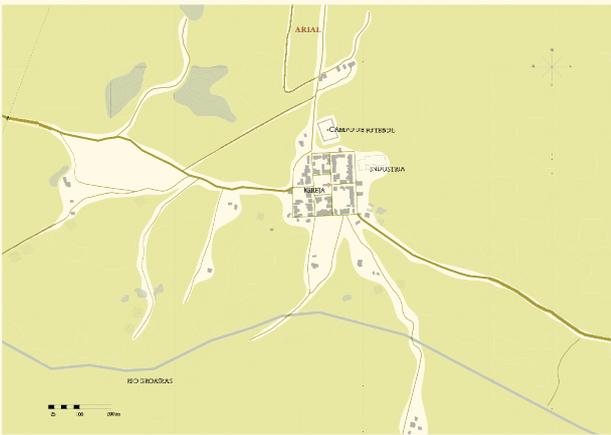


desenho 02: gráfico esquemático da relação assentamento e entorno.

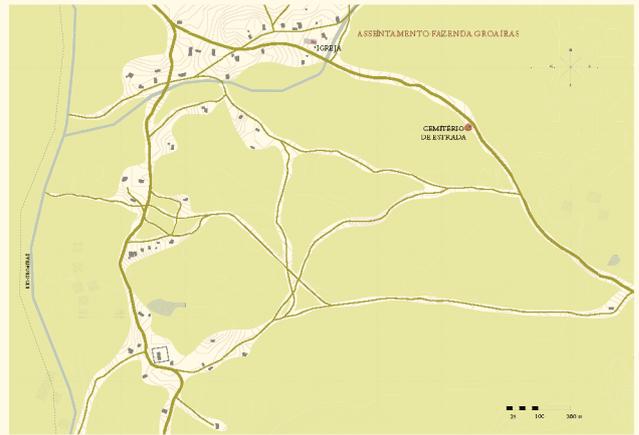


desenho 03: relação Rio Groaíras e Jacurutu e as estradas que os percorrem.

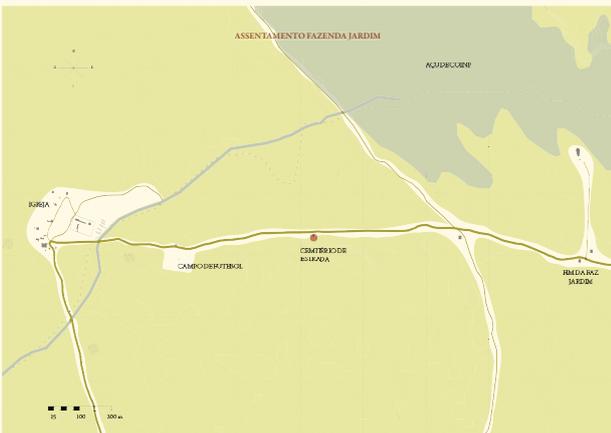
LOCALIDADES DE BAIXO (oeste)



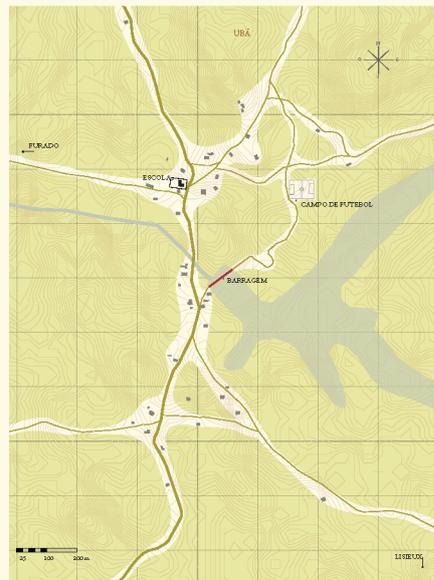
[arial]
 longitude: 352049.50 E
 latitude: 9559834.33 S



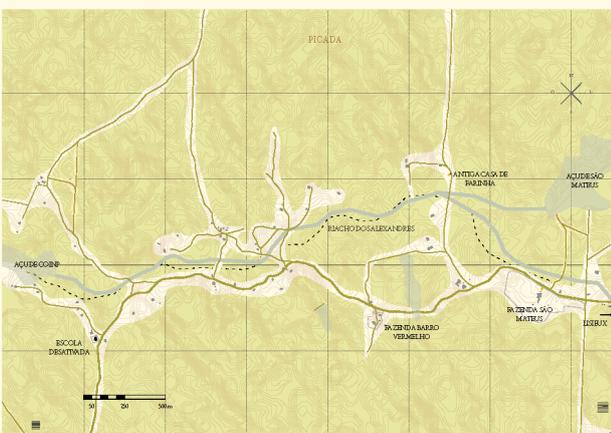
[assent. faz. groaíras]
 longitude: 355838.40 E
 latitude: 9557280.78 S



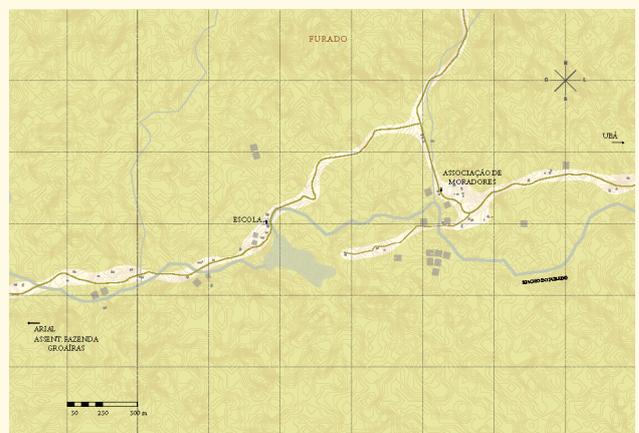
[faz. assent. jardim]
 longitude: 361095.76 E
 latitude: 9557100.62 S



[ubá]

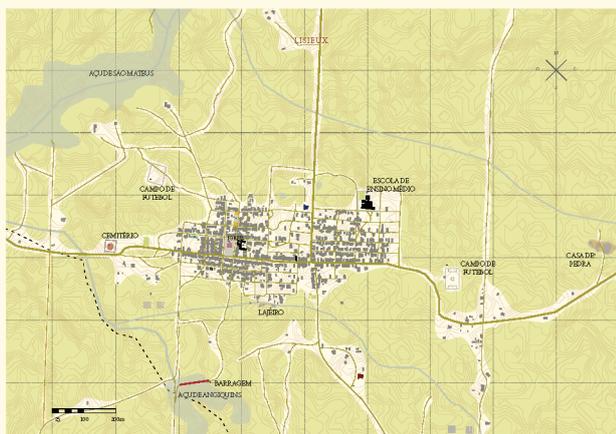


[picada]
 longitude: 364220.23 E
 latitude: 9557316.29 S



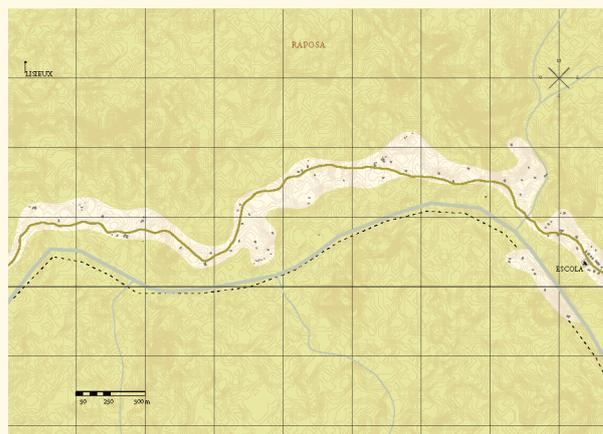
[furado]
 longitude: 359028.92 E
 latitude: 9560045.15 S

LOCALIDADES DE CIMA (leste)



[lisieux]
longitude: 368005.50 E
latitude: 9557494.04 S

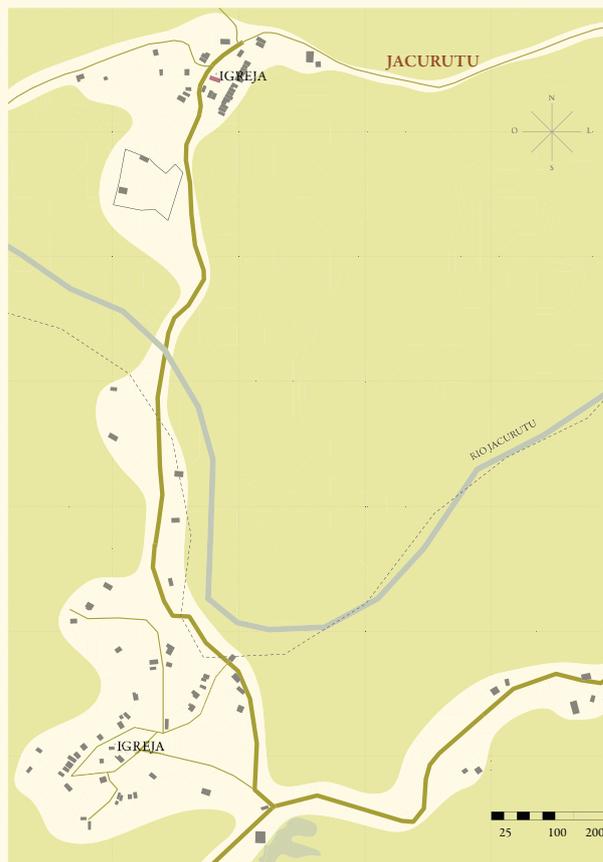
OUTRAS



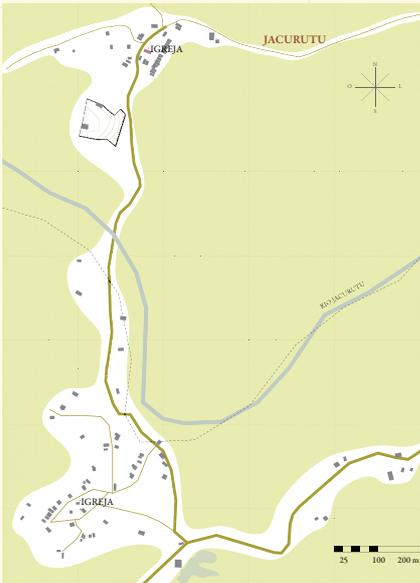
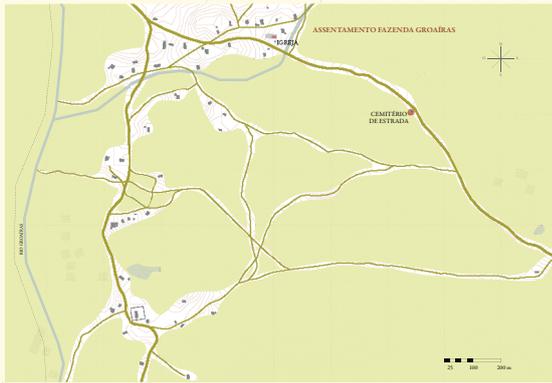
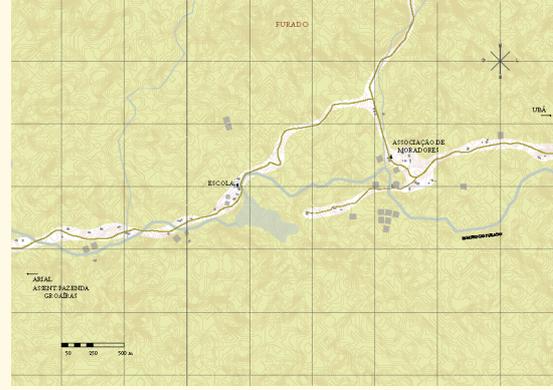
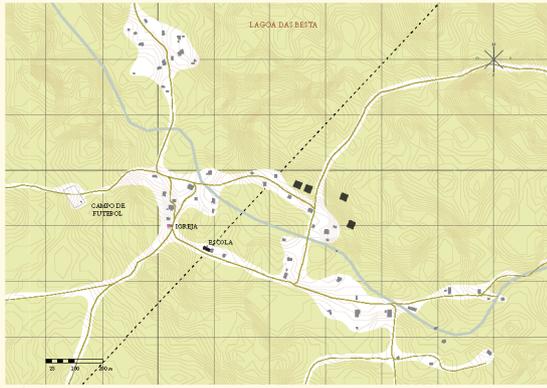
[raposa]
longitude: 373174.16 E
latitude: 9548495.18 S

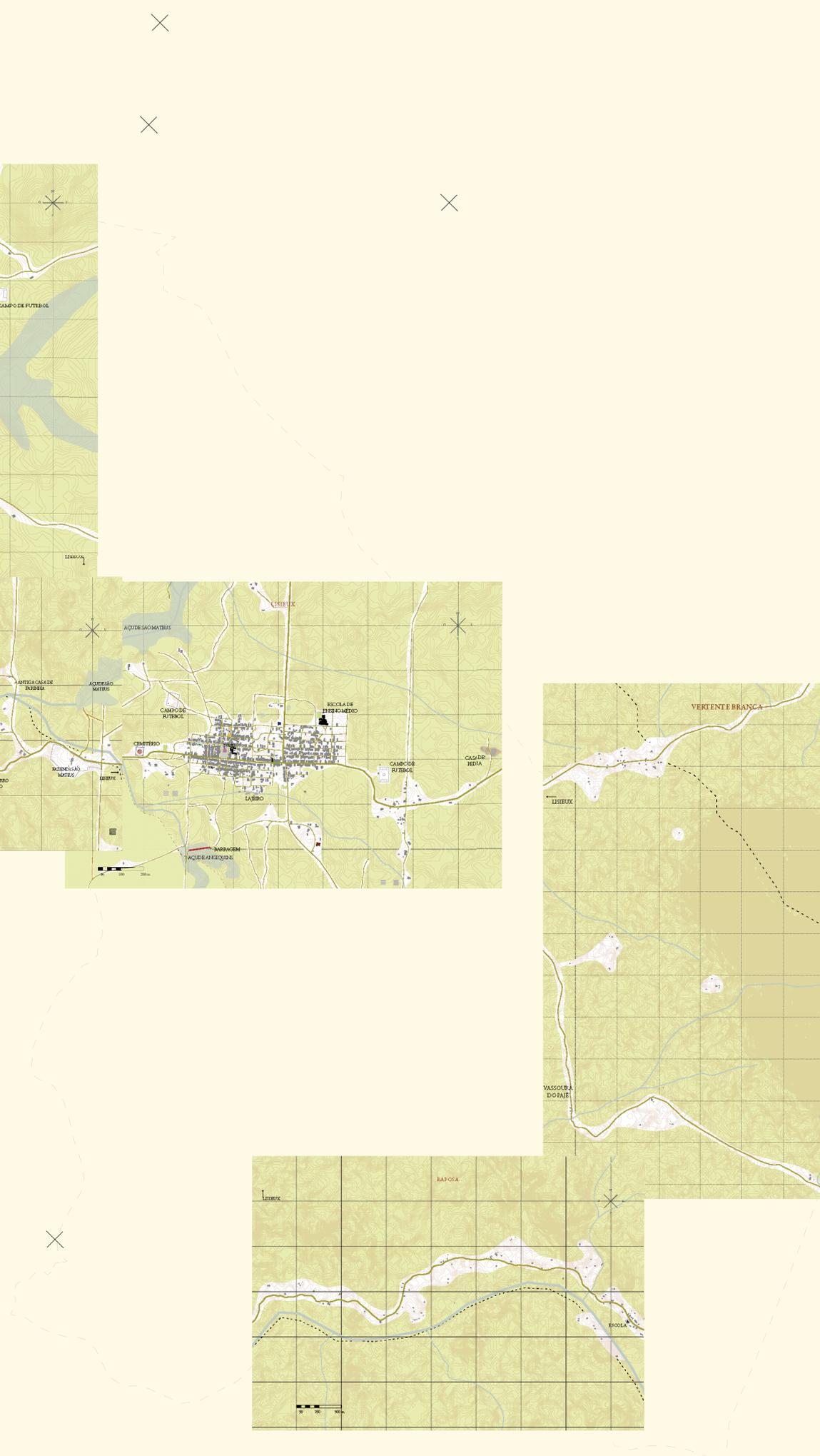
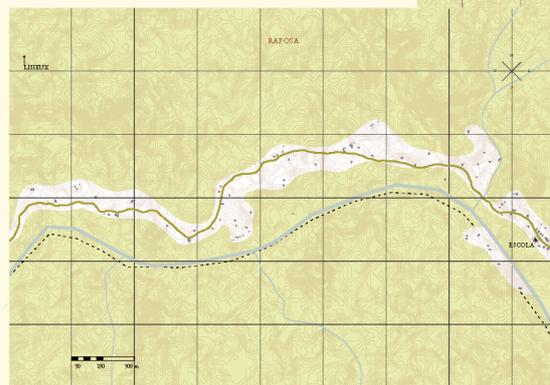
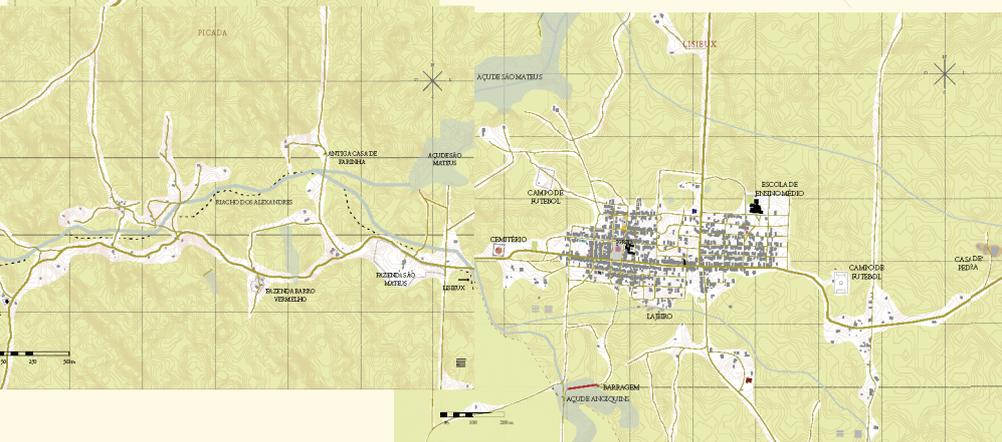
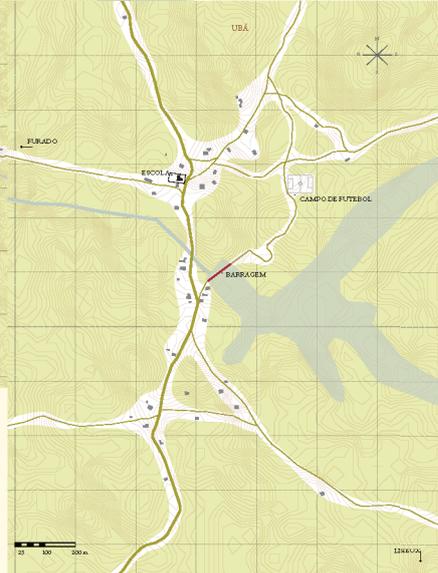


[vertente branca]
longitude: 370518.39 E
latitude: 9557386.54 S



[jacurutu]
longitude: 350529.98 E
latitude: 9553555.63 S



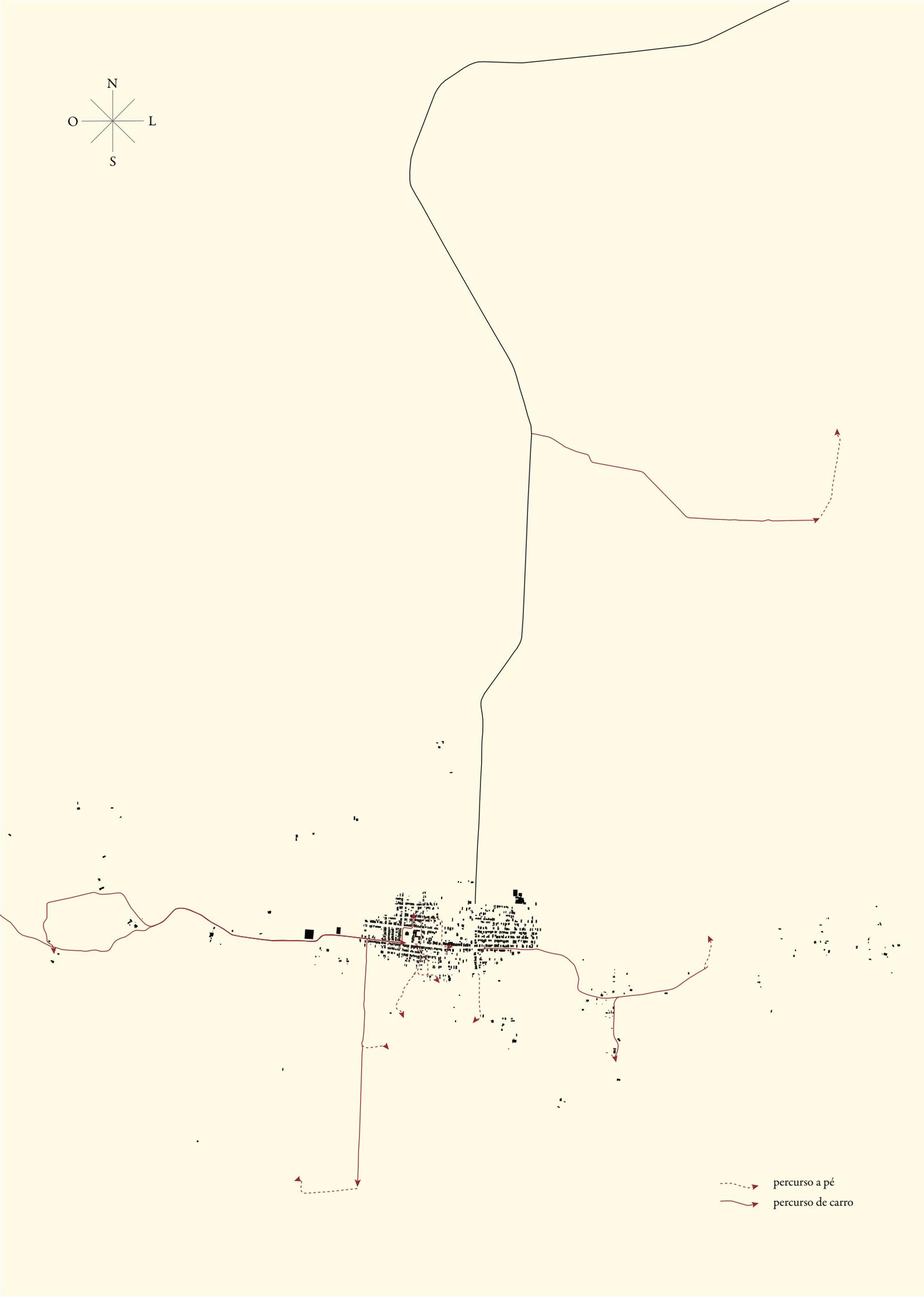
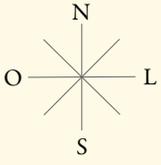


7 VISITAS/viagens



imagem 01: Ponte sobre o rio Groaíras, rodovia CE-179, 2017.

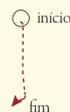
Para além das vivências que tive ao longo da minha vida como alguém que viveu e vive o espaço aqui estudado, mesmo que muitas vezes de forma indireta a partir dos relatos dos meus familiares, vestir a persona de pesquisadora foi um processo confuso e demorado e que ainda não saberia dizer se consegui. Exigiu um exercício constante de aproximação e distanciamento que talvez reflita em certo grau de desordem, mas que diz sobre o que eu acredito enquanto busca de novas formas de se pensar projeto, processo e plano. Logo, tomo como escolha estruturar esse caderno a partir de seis visitas ao local, em uma tentativa de busca desse olhar outro, que na verdade é também uma ampliação do que se pretende nesse gesto de deslocamento e de alargamento de frechas. Junto à elas, uma viagem ao Cariri, que embora distante espacialmente de Lisieux, me transporta de volta à algo familiar e reconhecível, como se houvessem ligações entre-espços e entre-tempos. E por fim, uma “viagem” ao fim de mundo via espacialidades virtuais. Com isso, todo o material aqui exposto constitui, afinal, espécies de estudos e pesquisa de campo, análises que costuram partes importante desse trabalho.



percurso a pé
percurso de carro

visita 01/ sede distrito de Lisieux, dezembro de 2016

ruínas fazenda Intans



participantes: Paulo e Natália.

No lugar que hoje é Lisieux, antes de 1960 era apenas mata, terras da Fazenda Intans, onde também 'havia' um riacho de mesmo nome. As ruínas aqui mostradas encontram-se na extremidade sul do bairro Lisilândia, em direção à Serra do Pajé.

Até onde pude pesquisar, não se tem conhecimento de onde viria o nome *Intans*. Quando coloco na busca rápida da internet há um redirecionamento da pesquisa para o nome de *Itans*. Nesse caso há três referências que achei importante pontuar, embora deva-se considerar a superficialidade com que se permeia esse tipo de consulta. No primeiro caso, fala-se de um açude de nome *Itans*, localizado no município de Caicó, Rio Grande do Norte, cuja origem do nome refere-se à "Grande Concha", na língua indígena Janduí-Tapuia. Na segunda busca, diz-se de *Itan* como um termo de origem iorubá atribuído ao conjunto de todos os mitos, canções e histórias. Por fim, há como descrição um distrito de nome *Itans*, pertencente ao município de Itapiúna, Ceará, distante 200 km de Lisieux, onde contam que suas terras eram originalmente habitadas por diversas etnias indígenas pertencentes ao grupo Tapuais, como os Kanindé e Paiacus, que diferem dos Tupis, que habitavam mais o litoral, por habitarem regiões mais interioranas.

Vale ressaltar que abordar essas informações coletadas via busca rápida na internet não constitui um desejo inicial ao aprofundamento do que elas significam em si ou da sua veracidade, mas sim, como uma forma de expor que tipos de acessos se mostram a mim ao realizar essa pesquisa via realidade virtual. Assim, trato-as mais no sentido de reconhecer como informações, histórias e ficções são difundidas hoje em dia a partir das tecnologias e, quais possibilidades de *links* e associações podem surgir a partir daí.



imagem 02: ruínas antiga fazenda Intans, Lisieux, 2016.



visita 02/ sede distrito de Lisieux, fevereiro de 2017

açude velho, sangrador e lajeiro
caixa de sapato guardam álbuns de fotografias
conversa museologia comunitária



parte 01: açude velho, sangrador e lajeiro

participantes: Natália, Sabrina, Iago e tia Cléia.

Lajeiros ou lajedos, são exposições rochosas superficiais associadas ou não à ocorrência de matacões ou caos de blocos. Em termos não tão complexos e a partir da observação de alguém leiga em assuntos geológicos, vejo como uma espécie de lago raso sobre pedras, mini-cachoeiras niveladas.

Segundo o relatório da Fundação Cearense de Meteorologia e Recursos Hídricos (Funceme) de 2015, sobre Zoneamento ecológico-econômico das áreas susceptíveis à desertificação do Estado do Ceará, relativo ao núcleo I - Irauçuba/Centro-Norte¹, o qual se encontra Santa Quitéria, o uso e ocupação da terra no município é principalmente de caatinga degradada e agropecuária, representando, respectivamente, 39,17% e 36,46% de sua área. Isso significa que sua cobertura vegetal é de *espécies da caatinga arbustiva-arbórea, arbustivo-herbácea, e destaca-se a agricultura e pecuária como exploração familiar; combinada a culturas de subsistências e pastagens extensivas*. Sendo também uma região fortemente marcada pela presença de formações rochosas (pedras), reparado em todos os percursos feitos pelo distrito de Lisieux e seu entorno.

Os lajedos representam apenas 0,54% de presença nessa região, mas em Lisieux podemos observar pelo menos duas ocorrências destes nas proximidades da sede. A primeira, a qual essa visita refere-se, está localizada nos arredores da zona urbana e constituía um lugar para banhos em épocas de cheia, hoje em dia está quase sempre seco, mas também poluído por uma criação de porcos e presença de muito lixo nas suas margens. Lembro-me de ir incontáveis vezes e de que se referiam a ele como lajero – “*bó pu lajero*”. Próximos a este também está o açude velho, onde tem um “*sangrador*” que em épocas de chuvas era possível banhar na cascata que se formava.

Meu objetivo ao fazer essa visita pensando o percurso sangrador, açude velho e lajeiro, foi ver o que restava ali depois de todos esses anos e que memórias poderiam ressurgir, além de um atento aos aspectos constituintes da paisagem do lugar. A muito tempo que não ouvia falar da utilização daqueles espaços, e isso consequência de longos períodos de estiagem, mas também, como pude observar, de poluição de suas margens. A época da visita configurava o início do período de chuvas, mas ainda estava seco. Contudo, semanas depois recebi, via WhatsApp, fotos e vídeos do “sangramento” do açude.

Quem me acompanhou nesse percurso foram meus primos Sabrina e Iago e minha tia Cléia, que moram lá em Lisieux. Todo este foi feito a pé. No caminho de volta, tia diz: “*num podia dá uma chuva, um mei-dia, que eu tava aqui lavando roupa*”.

¹ FUNCEME. Zoneamento ecológico-econômico das áreas susceptíveis à desertificação do núcleo I – Irauçuba/Centro-Norte. / Fundação Cearense de Meteorologia e Recursos Hídricos. / Departamento Nacional de Obras Contra as Secas. - Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2015.



imagem 03 e 04: Lajeiro, Lisieux, 2017.

*Quando eu não era ninguém
Era vento, terra e água
Elementos em amálgama
No coração de Olorum*

*Pedrinha Miudinha de Aruanda é
Lajedo tão grande
Pedrinha de Aruanda é*

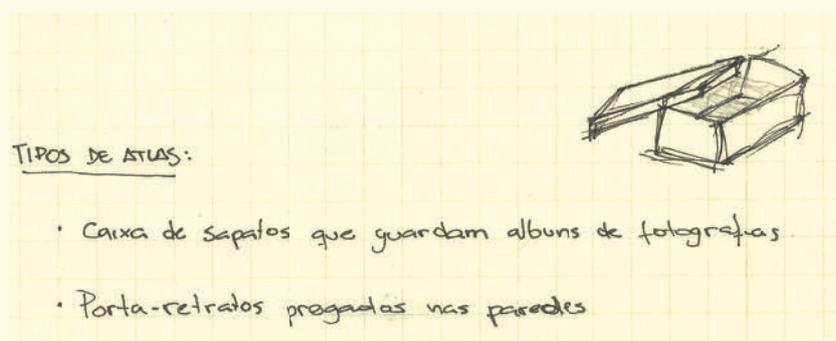
(canção de domínio público)

parte 02: caixas de sapato guardam álbuns de fotografias, casa tia Cléia.

participantes: Natália, Sabrina, Iago e tia Cléia.

Entro em casa, tia C. está preparando o almoço. peço para ver as fotos antigas que ela tem. S. pega uma caixa de sapato onde guardam álbuns de fotografias, me mostra e ficamos ali um tempo relembrando o passado. seleciono algumas para fotografar por cima. pergunto à tia C. se existe alguma que mostre os lugares onde ela morou ou como era o Lisieux antes, no que ela mostra a única preto&branco achada, onde ela, ainda bebê, está sentada em frente a sua casa de taipa no Jardim, fazenda onde morava. duas outras da casa dos meus avós, já em Lisieux, quando minha avó ainda era viva. nas fotos dizem: maio de 82 e outubro de 86. era no quintal da frente da casa. uma meu tio Deca arrumado e de óculos em primeiro plano com minha avó num plano mais atrás. a outra é ele também na frente e seus irmãos dispostos aleatoriamente atrás, como se tivessem sido pegos apenas ao acaso. reconheço minha mãe atrás, sentada no alpendre. nas duas fotos observa-se muitas plantas. tia C. olha e diz: “a mãe gostava muito de plantas, a maior alegria dela era esse jardim cheio de planta, de rosa”. numa quarta fotografia, mostra meu tio m. vestido com um paletó branco e gravata borboleta em frente ao túmulo da sua mãe no cemitério da cidade. deve ter sido tirada entre 88 e 90, pois ela morreu em 88 e foi na primeira vez que ele voltou de Brasília. depois minha mãe me contou que ele quis tirar a foto vestido de garçom pois tinha arranjado esse emprego e queria mostrar à sua mãe. seguindo, achei duas fotos de festa junina. na primeira, tia C. está em primeiro plano com um par e outras pessoas ao fundo dançando quadrilha. a segunda, tia C. pousa mostrando sua roupa de quadrilha, uma mistura de são joão com dança do ventre. as duas últimas fotos encontradas mostram praticas que existem ou existiam antes lá. uma mostra a vaquejada ao fundo, tia C. em primeiro plano em cima de um cavalo com um chapéu de vaqueira. uma foto muito comum a quem é dessa região. já a outra mostra o time de futebol local, o Botafogo, cujo meu tio foi goleiro por muito tempo, numa pose de time com faixa de campeões em Salgado em 98.

Relato de caderno de campo escrito em 04 de fevereiro de 2017.





Analisando as fotos aqui escolhidas pude observar que: no primeiro caso temos a presença da casa de taipa, técnica construtiva muito comum a essas regiões e à época. A foto seguinte diz sobre o processo de migração, onde quem migrou retorna a sua terra para mostrar o que conseguiu ao sair dali (nesse caso, um emprego). Por fim, a terceira imagem fala de práticas cotidianas do lugar. O campo de futebol é um dos lugares que mais se repetem pelas localidades visitadas, junto com a presença das Igrejas. No caso de Lisieux, sempre foi um dos principais locais de lazer para os seus habitantes.



imagens 05, 06 e 07: fotografias de álbuns antigos encontrados na casa de Cléia.

parte 03: encontro sobre museologia comunitária, Centro Cultural de Lisieux, 04 de fevereiro de 2017.

participantes: Paulo, Toinha, Dimas, Ivanildo, Crici, Iago, Natália, Júnior, Marta, Rozeni, Joana Paula, Francisca, Janaína.

Esse encontro, organizado pelo Centro Cultural de Lisieux, teve como tema a discussão sobre museologia comunitária e contou com a participação de convidados de fora e moradores da comunidade. O objetivo era ampliar o entendimento sobre o que estava nascendo ali, o Centro de Memórias de Lisieux, prestes a ganhar materialidade espacial. Para além de um panorama geral sobre museus comunitários feito pelos “entendidos”, a conversa enveredou-se para o que se esperava e o que se pretendia ao construir aquele lugar, impulsionada por uma dinâmica onde cada um dos presentes tinha que escrever em papéis seus desejos e esperas, criando no final uma espécie de mapeamento de desejos. Palavras-guias para serem lembradas constantemente no decorrer desse processo que já havia sido sonhado a tantos anos pelos jovens locais e que, finalmente, estava prestes a dar um novo passo na sua jornada.

Quando este encontro aconteceu o Centro de Memórias já se encontrava em processo de construção do seu espaço físico, embora ainda estivesse buscando arrecadar fundos para a sua continuação. Sua construção iniciou-se no dia 05 de dezembro de 2016.

Aqui apresento algumas das palavras e expressões-guias surgidas desse dia:

- pessoas
- viva
- vida
- acervo pedagógico dinâmico
- compreender a construção da história
- valorização
- valorização do setor primário
- religiosidade
- constestar o tradicional



diagrama 01: o que se espera do Centro de Memórias de Lisieux? →

visita 03/ sede distrito de Lisieux, abril de 2017

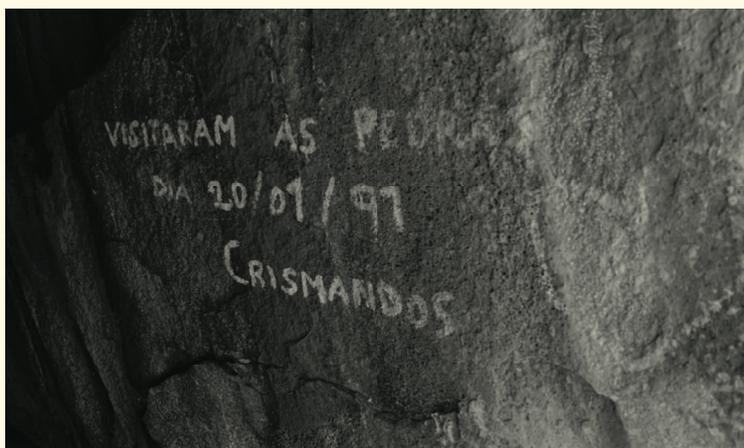
casa de pedra
antiga casa de farinha
fazenda barro vermelho



parte 01: casa de pedra

participantes: Paulo e Natália.

Lembro de ir uma vez na casa de pedra quando eu era criança. Meu pai nunca tinha ido. Decidi que devia ser um dos lugares de visita de campo. Como já estava no inverno, o caminho até ela estava coberto de mata, o que dificultou nosso acesso ao local. Chegando lá ela me parecia mais diferente do que eu lembrava, mas ainda assim surpreendente. E, de fato, muito se assemelha a estrutura de uma casa, tem inclusive uma parte que lembra um mezanino e uma laje. Subindo até lá conseguimos ver as construções de Lisieux, a torre da rádio e o mar-verde da paisagem rodeando. Ao longe avista-se a Serra do Pajé (mais próxima), o Serrote e a Serra Grande quase desaparecendo. Observo alguns escritos nas pedras deixados por quem passou por ali. Penso nele, talvez, como um lugar sagrado. Todas as histórias que podemos imaginar. Enquanto isso, meu pai sonha: nossa, aqui poderia ser uma das rotas para um futuro turismo comunitário em Lisieux.



imagens 08 e 09: Casa de pedra, Lisieux, 2017.

parte 02: antiga casa de farinha

participantes: Paulo, Antônia e Natália.

As casas de farinha faziam parte da cultura de subsistência das pessoas daquela região. Hoje, em sua maioria, estão desativadas, mas de vez em quando surgem histórias de gente fazendo farinhada.

Haviam os donos das casas de farinha e aqueles, com menos condições, que agendavam a utilização desta por uma ou duas semanas. Plantava-se a mandioca, a maniva e quando iam arrancá-la, marcava-se o agendamento e iam preparados para passar a semana toda, dia e noite. E como era comum virar a noite, muitas histórias iam sendo contadas ao redor da mandioca, descascando-a, semelhante ao que acontece nos debulhamentos de feijão. Logo, observa-se essa prática como também uma forma de transmissão de conhecimentos, saberes e memórias, construções de narrativas e de lugares.

A observação dos objetos presentes também constitui material base dessa pesquisa e do que posteriormente surge como tentativa de proposição de algo.



imagens 10: antiga casa de farinha, Lisieux, 2017.



imagem 11: recipiente para guardar goma, fazenda Barro Vermelho, Lisieux, 2017 (acervo: Centro de Memórias).

parte 03: fazenda Barro Vermelho

participantes: Paulo, Dé Moura e Natália.

A fazenda Barro Vermelho dista 4km da zona urbana de Lisieux, localiza-se entre a Picada e a fazenda Mateus. É nas suas terras onde também ficou conhecido a Capoeira da América. Pertence ao seu Dé Moura, meu avô. Lá podemos observar duas construções. Uma mais antiga e menor, perto da beira da estrada, de taípa, a primeira casa da fazenda, onde hoje funciona apenas como depósito, mas um olhar atento sobre ela pode nos levar a um entendimento dos modos de construir de antes. Por exemplo, os armadores de rede, observa-se estes embutidos na própria estrutura das paredes de taípa. E embora seja uma casa já desgastada, a sua resistência ao tempo é impressionante, assim como a existência deste na sua materialidade. A segunda já é maior, tem um área de alpendre na lateral e duas portas que dão para a frente da casa, uma da sala e outra da cozinha, o que para mim demonstra uma não hierarquização desses espaços.

A ida a este local se deu na pretensão de fotografar alguns objetos doados e agora pertencentes ao acervo do Centro de Memórias de Lisieux, guardados ali devido a falta (na época) de um espaço físico para sua acomodação.

Alguns dos objetos são:

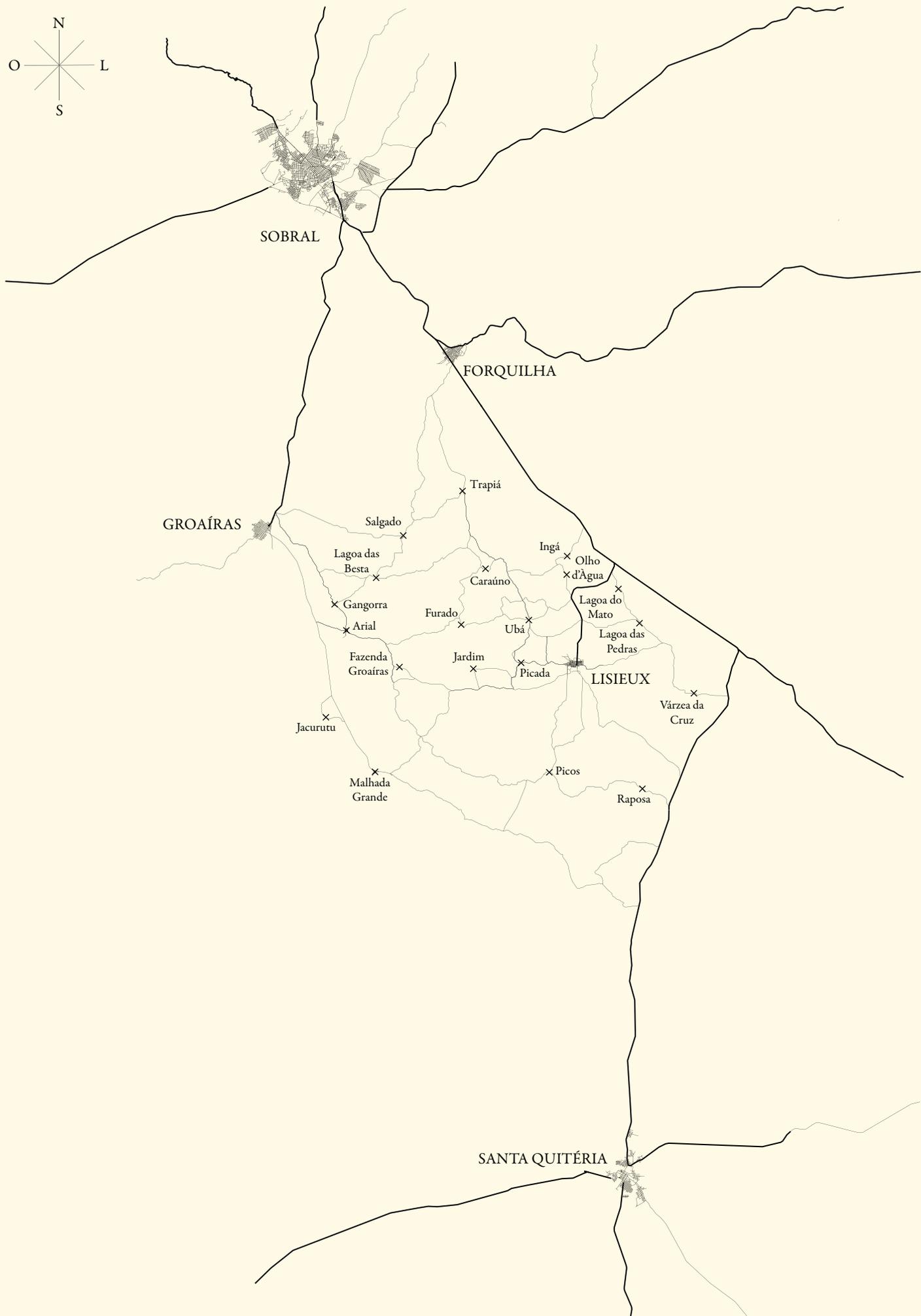
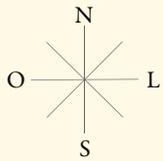


imagem 12: casa de taípa, fazenda Barro Vermelho, Lisieux, 2017.



imagens 13: armador antigo, embutido na parede de taípa, Fazenda Barro Vermelho, 2017.

imagem 14: alguns dos objetos coletados através de doações para o acervo do Centro de Memórias de Lisieux.



visita 04/ estrada de Arial a Lisieux, maio de 2017

Groaíras, Arial, Assentamento Fazenda Groaíras, Assentamento Fazenda Jardim, Picada, Lisieux.

participantes: Pedro do Zé Pedro, Valda, Raimundo Pedro, Zé Caboré (moradores do Jardim), Paulo, Clarisse e Natália.

Esta visita partiu do desejo de percorrer o curso do rio Groaíras a partir de suas estradas e localidades circundantes. Para isso, foi necessário uma mudança na rota que sempre costumava fazer de Sobral à Lisieux. Ao invés de ir por Forquilha (45 km de distância ao todo), decidimos ir por Groaíras, caminho mais longo (61 km), mas que possibilita atravessamentos com o que constitui a extensão do distrito de Lisieux, seus assentamentos, povoados e casas isoladas.

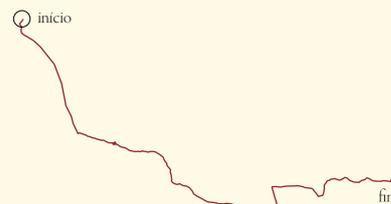
Percorremos a rodovia CE-179 de Sobral à Groaíras e de lá seguimos por uma estrada de terra que nos levaria ao Arial, já pertencente ao distrito de Lisieux, Santa Quitéria, primeiro local de parada. Ao todo seriam cerca de 34 km de terra batida, em pleno inverno, onde sua passagem é de difícil acesso e a mata está mais fechada.

Antes de chegarmos ao Arial, passamos por uma fábrica de barro e cerâmica, algumas casas de beira de estrada abandonadas, um senhor com uma caminhote cheia de chapéu de palha, onde compro um e uma barragem sobre o rio Groaíras. Chegando no destino inicial, antiga sede do distrito, assemelha-se ao Lisieux por meio de sua trama urbana retangular, mesmo que mínima, configurando um quadrado ao redor das ruas que circundam a Igreja.

Indo adiante, no meio do caminho avisto a criação de um gado muito específico, robusto. Seguindo é possível avistar uma casa mais moderna, com terreno gramado e uma portaria para o controle, diferente de tudo o que encontramos em seu entorno, explicitando a presença de grandes latifundiários. Antes disso, havíamos passado por um trecho que indicava uma vereda que, segundo meu pai, daria numa antiga Casa Grande e sua senzala. Por contarmos com as incertezas de uma mata fechada, decidimos não seguir por lá.

Seguimos o planejado em direção ao Assentamento Fazenda Groaíras. Uma das primeiras coisas que me chamam a atenção é a Igreja e seus postes de luz que lembram algo levemente futurista, uma espécie de sertão espacial. A configuração das casas assentadas já difere totalmente do visto antes, não há tramas e malhas cartesianas, ali o urbano é quase inexistente. Mesma coisa se observa das duas seguintes localidades: Assentamento Fazenda Jardim, do Movimento de Trabalhadores Rurais Sem-terra (MST), e Picada, esta já quase chegando à sede do distrito, onde se percebe uma distribuição mais espalhadas das suas construções.

O que está no meio, nos caminhos, nos entre-lugares também nos interessava. Os riachos embaixo das oiticicas, os campos de futebol e cemitérios de estradas, as casas e escolas abandonadas, refletindo a realidade dos trânsitos e deslocamentos necessários, as encruzilhadas. Imaginar que existe tudo isso num mapa que o representa como nada e vazio é um pouco desolador, mas que diz dos nossos sentimentos e incapacidades de enxergar. Estar ali foi entender que todos os mapas são aleatórios e todos as escalas estão erradas² e que não se medem existências a partir de um referencial imposto para ser neutro e universal.



² No original: *All maps are random all scales are wrong*. Trecho da música Place Position, da banda americana Fugazi.



imagem 24: Assentamento do MST, Fazenda Jardim, Lisieux, 2017.



imagem 20: campo de futebol de estrada.



imagem 23: cemitério de estrada.



imagem 22: encruzilhada, de um lado Furado e do outro Jardim, 2017.





imagem 15: fábrica de tijolos, estrada Arial, 2017.



imagem 16: casa abandonada, estrada Arial, 2017.



imagem 17: barragem sobre o Rio Groaíras, estrada Arial, 2017.



imagem 19: comércio, Arial, 2017.



imagem 21: construção encontrada na estrada do Arial, 2017.



imagem 18: capota de caminhão sobre forquilha, Arial, 2017.

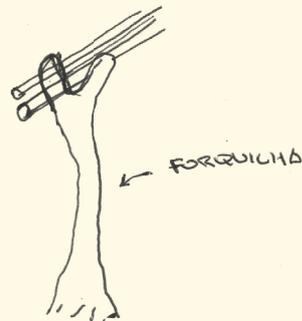
NOTAS: CADERNO DE CAMPO

TRAJETO: SOBRAL > GROAÍRAS > RIACHO > JARDIM > PICADA > LISIEUX

PELA ESTRADA:

- CASAS
- PLACAS
- CERCAS
- RIOS
- FIOS
- OUTDOOR
- ESCOLA
- POSTO DE GASOLINA
- MATA-BURRO
- PLANTAÇÃO DE MILHO
- BICILETAS, MOTOS
- VAIAS / CARNEIROS
- CATAVENTO ANTIGO
- FÁBRICAS

- PRESIDIO
- EMBRAPA
- SALGADO DOS MACHADOS
- VILA ITAMARACÁ
- VILA SANTA GALO



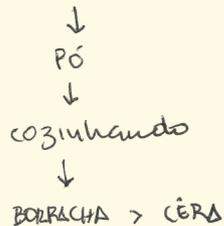
VEGETAÇÃO:



- CARNAUBA
- MATA-PASTO (TREPPEIRA)
- PAU BRANCO (MADEIRA DE LEI)
- MUFUMBU
- CATINGUEIRO

OBSERVAÇÕES

- I1] O solo se modifica quando vamos adentrando. No Jardim, o solo é frouxo, escuro, bom pra plantar.
- I2] Fazenda Groaíras: terra boa pra pecuária (gado), mas ruim pra irrigação.
- I3] Riacho: embaixo das orticas
- I4] Encruzilhada / bifurcação: Furado pra um lado, Lisieux pra outro.
- I5] Estrada do fio (Jardim): antigo telegrafo
- I6] Muito deserto!
- I7] Cera de carnaúba: palha de carnaúba



I8] Terras da picada: mais secas, solo pior.

⊕ Casa do seu Zé Caburé no Jardim

↓
derrubada, só restos e ruínas.

Morava no entroncamento entre a Picada e o Jardim

↑ Lá vem o caminhão dos alunos, o carro dos alunos. Pegam os estudantes na zona rural pra levar pra cidade.

- cidade que é o Lisieux?
- é, o Lisieux. "

visita 05/ sede distrito de Lisieux, julho de 2017

barragem de 1895, Floresta, Lagoa das Pedras

Lisieux à noite

acervo fotos antigas, Centro Cultural de Lisieux



parte 01: barragem de 1895, Floresta

participantes: Paulo, Natália, seu Joaquim Ferreira e dona Gecina.

Uma vez meu pai me disse que ali perto de Lisieux havia uma barragem construída na época do império. Pedi que me levasse até lá. Ela fica nas terras do seu Joaquim Ferreira, num ponto chamado Floresta. Da estrada de Lisieux, vindo de Sobral, já chegando no início da sua zona urbana há uma encruzilhada a que chamam *Pau Infincado*, onde de um lado pode-se ir ao Olho D'água e do outro à Lagoa das Pedras, onde fica a Floresta.

No lugar onde está a barragem tem também um lajeiro, com muita pedra ao redor e nela pode-se ver a data 1985 gravada. Gravo pelo celular a conversa que vamos tendo no decorrer da visita. Tivemos que pular uma cerca e fomos andando pelos cantos desta, onde normalmente se abrem os caminhos. Faço algumas fotografias, mas não tardamos porque dava sinais de que ia chover. Retornando a casa do seu Joaquim, fotografo uma das paredes com porta-retratos antigos ao lado de um quadro de tucano bordado. Aquela imagem automaticamente me chama bastante a atenção, a sua composição e seu modo de presença me remetem a algo que já vinha elaborando para este trabalho que seria a ideia dele como uma espécie de Atlas. De certa forma há uma história (ou várias) sendo contada ali e aquilo me interessava enquanto processo e possibilidade de ativação de memórias, como disposição para se pensar o fazer projetual de uma outra posição.

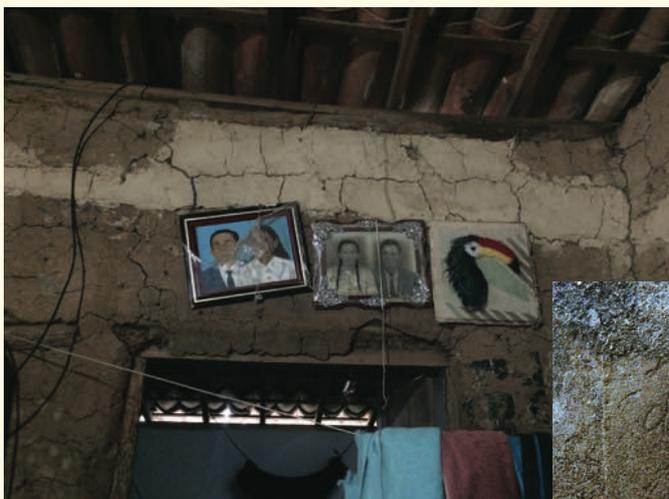


imagem 25: parede casa do seu Joaquim Ferreira e dona Gecina, Floresta, 2017.

imagens 26 e 27: barragem construída em 1895, Floresta, Lisieux.

parte 02: Lisieux a noite

participantes: Paulo, Iara e Natália.

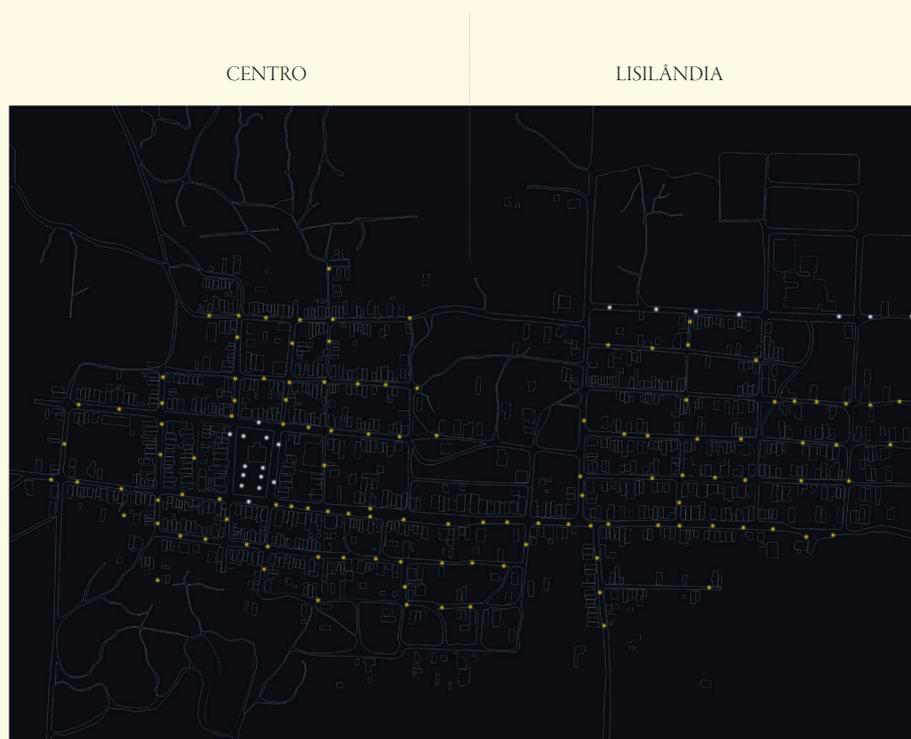
Buscando mapear o breu, faço um levantamento da iluminação pública da sede do distrito de Lisieux. A partir daí, tem-se uma outra possibilidade de visualização da ocupação do seu território, percebendo uma separação entre os seus bairros Centro e Lisilândia, estando o seu entre pouco iluminado e, conseqüentemente ainda pouco ocupado.

O levantamento se deu a partir da contagem dos postes, um a um. O que não foi possível levantar, mas que constitui parte importante da iluminação das suas ruas são as luzes advindas das próprias casas, principalmente daquelas com estabelecimentos comerciais.

Quando passávamos por entre umas das ruas mais periféricas era possível avistar o breu do sertão nas suas extensões. Em dado momento, minha prima que nos acompanhava disse apontando para uma delas: “ali é o fim do mundo”. No que isso ativa muitas questões sobre: que mundo e que fim ela se refere? Quais seus parâmetros? Fim é como a gente fala também do que é longe, desconhecido.



imagem 28: Rua Natal, Lisieux, 2017.



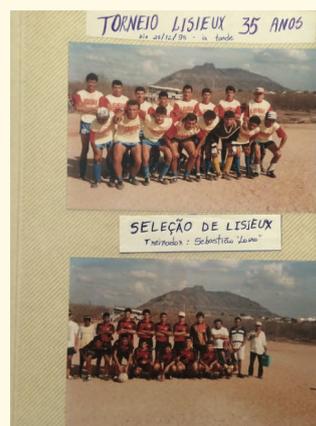
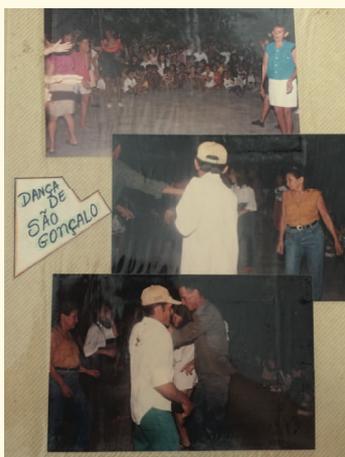
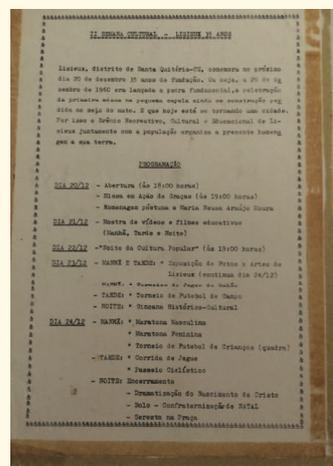
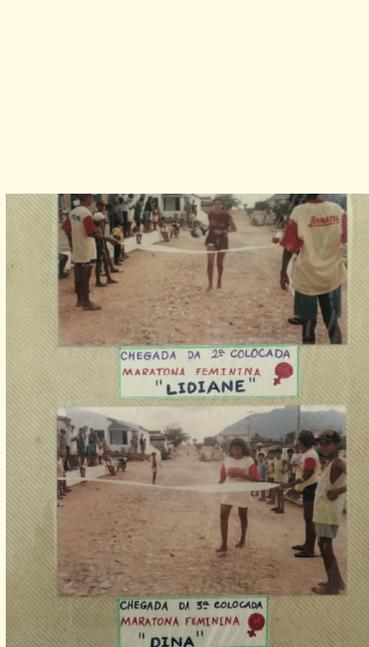
mapa 03: mapeamento do breu ou, iluminação pública de Lisieux.



parte 03: acervo de fotos Centro de Memórias

Apresento aqui algumas das fotografias retiradas do acervo do Centro Cultural de Lisieux, em sua maioria relacionadas às gincanas culturais que acontece de 5 em 5 anos, em virtude do aniversário da 'cidade' e visam resgate da história de desta a partir de jogos. Aproveito para tomar nota sobre a forma de organização em que estão dispostas, a copilação em álbuns, suas legendas, o que se pretende contar enquanto construção da memória de um lugar e sua gente.

Festa dos
35 anos
de Lisieux
20 a 31/12/95



imagens 29, 30, 31, 32, 33 e 34: fotografias retiradas do álbum da gincana de comemoração de Lisieux 35 anos.

visita 06/ sede distrito de Lisieux, agosto de 2017

acervo de objetos do Centro de Memórias
entrevistas



parte 01: visita ao acervo de objetos do Centro de Memórias de Lisieux

O Centro de Memórias de Lisieux é um projeto antigo idealizado pelos que fazem o Centro Cultural de Lisieux. No dia 17 de agosto de 2017 realizei uma visita a uma parte do seu acervo de objetos, fotografei e, posteriormente, fiz um inventário indicando como eram conhecidos, suas utilidades, e nomes dos/as doadores/as.

“O Centro de Memórias de Lisieux surgiu a partir de todo um acervo já coletado ao longo dos anos de trabalho comunitário feito em Lisieux, Santa Quitéria, Ceará. Tem o acervo seguinte: peças de cozinha (panelas de barro, de ferro, alguidares, ferros de engomar, quartinhas, potes, e outros utensílios domésticos como pilões), peças das casas de taipa, como armadores, peças para medidas de peso e volume, equipamentos agrícolas, como machados, foices, pulverizadores, peças do chamado Ciclo do Algodão, como balanças, máquinas de costura, pesos, fusos. Peças de várias gerações de aparelhos de som, rádios, radiolas, como também discos, e fitas k7. Peças que contam a história da Rádio Comunitária. Temos fotografias dos inícios de Lisieux, das atividades realizadas ao longo dos anos. Temos documentos escritos, manuscritos e datilografados que contam a História de Lisieux. Temos filmes antigos que contam vários momentos de Lisieux, como também de vários eventos. Temos moedas e cédulas. Máquinas de escrever. Peças religiosas, santuários, estátuas. Álbuns de fotografias doados pelas famílias. E outros álbuns que contam a história das lutas populares de Lisieux e região. Temos vestimentas antigas. Temos peças suficientes para fazer algumas exposições, tipo: MUSEU DO ALGODÃO e de pessoas públicas de Lisieux já falecidas... Como também temos grande acervo de aspectos da cultura imaterial, como as danças, os folguedos, a dança de São Gonçalo, o reisado, e outras. Os costumes e modos de vida das pessoas antigamente, como vídeos, entrevistas, histórias de trancoso, etc. Enfim, temos um grande acervo e um grande trabalho para catalogação, seleção, pesquisa, armazenamento para podermos disponibilizar melhor para as pessoas.” (Moura, 2016)



imagem 35: acervo de objetos doados para o Centro de Memórias de Lisieux.



1. armadores de madeira



2. alguidares de barro (panelas)



3. nó natural (bengala)



4. chaleira de ferro



5. cofres de flandre



6. ferros de engomar



7. pulverizador (para agricultura)



8. lamparina



9. máquina de datilografia



10. máquina de datilografia



11. toca disco



12. baú/ mala encourada



13. medidas de 1/2 e uma quarta (10 l)



14. panela de barro



15. peneira de palha e de telha de ferro



16. mão de pilão



17. porta caneca e fôrma de queijo



18. quartinha



19. rádio 3 em 1



20. chocalho para gado



21. tábua de madeira



22. televisão 5 polegadas



23. vhs



24. panela de ferro

parte 02: entrevistas

Dona Raimunda Madeira, sobre “*vir pra cá pra mode ficar mais perto*”

“Nasci na Canafista, me criei lá, aí me casei, andei por uns corredor ali, já andei por Arara. Aí vim pra cá. Vim pra cá porque minhar minina me iludiram pra vir pra cá, porque ficava mais perto. Do que elas vinham de Fortaleza, aí precisava de eu vim esperar elas aqui. Aí eu vim pra cá...Já tinha mais pouca casa aqui, mas toda vida já era muita casa já...

...é, faço só chapéu mermo. Eu...eu merma tive 15 *fi*, e criei 10 *alei*. Aí desse povo eu só tenho 8 filhos vivo. Moram em Fortaleza, moram pra banda de Belém. É longe daqui...nunca fui não. Já fui duas viagem no Rí de Janeiro. visitar minha fia, minha irma que morava lá...gostei...só num quero ir mais vez...num quero ir mais lá não. Eu gosto de morar aqui... eu me embriaguei muito...quais pensava que num vinha mais aqui...no caminho, caso que era muito longe. Fui de ônibus...eu pensei que num vinha mais aqui no Lisieux não...

Passeo, minha filha, viu...cum pouco que fico em casa só rezando no povo. Moro aqui só mais meus neto...seis... Ainda danço...dancei a quadrilha todinha...do São Gonçalo. Aprendi de mim merma, via os oto dançar e aprendi também. Eu tenho 82 anos...nasci lá na Canafista...só a fazenda, uma casa aqui uma aqui outra lááá longe. A minha mãe nunca casou não, nós conhecemo pai não...pra morar junto não. Era só nós mulher...quatro filhas. Trabalhando, minha filha...no roçado...trabalhava o dia todinho. Agora que o povo num trabalha mais o dia todo, né. Nossa ropa chega ficava bem incuidinha de carrapicho...O dia todo...até quatro horas. Dormia cedo, num tinha energia não. Nós trabalhava lá...hoje em dia só tem casa lá, num tem mais fazenda não.

...então você é gente minha...o Dé é meu irmão...por parte de pai.”

[transcrição de audio gravado no dia 14 de agosto de 2017 em celular]

Dona Raimunda Madeira é mulher preta e filha de mãe preta que teve que criar as filhas sozinha. O pai que ela conta é meu bisavô. É rezadeira (aprendeu com a mãe, segundo ela) e chapeleira (faz chapéu de palha). Mora no Lisieux.



imagem 36: Dona Raimunda Madeira fazendo chapéu, Lisieux, 2017.

Deca, sobre roçados e luas

Quase final da tarde, ele nos leva ao seu roçado onde lá conta como faz para saber qual a época boa para plantar e colher o milho. Diz que confia nas fases da lua, que uma vez um senhor que passava na estrada contou para ele.

“... é bom também plantar roça ela tando cheia... e tando minguando, ninguém pode plantar também não... se a gente plantar o bicho num cresce, fica bem baixinho, miúdo. E ela tando na lua crescendo até um pé de planta... na lua cheia... crescendo... o pé de planta cresce.”

[transcrição de audio gravado no dia 14 de agosto de 2017 em celular]



imagem 37: roçado Deca, Lisieux, 2017.

Deca é contador de histórias da tradição oral. Costuma dizer que aprendeu a contar ouvindo seu pai e outros senhores contando histórias nas rodas de debulha de feijão. É meu tio, irmão da minha mãe. Mora na Lisilândia.



imagem 38: Deca na beira do açude Angiquins, Lisieux, 2017.

viagem 01/ Nova Olinda, Cariri, novembro de 2016

fundação casa grande, memorial do homem kariri

participantes: Lucas, Fred, Clarisse, Gabi e Natália.



imagem 39: na pedra interessa o que não é pedra.
na arquitetura interessa o que não é arquitetura.



imagem 40: paredes contam histórias.

viagem 02/ internet, idas periódicas no decorrer do ano

youtube, buscando por “lisieux, santa quitéria”³



se deus quiser nossa senhora/ sinopse:

mulher filma seu cotidiano na zona rural de Lisieux. A partir das paisagens que compõem o seu dia-a-dia, o açude, a casa de fazenda, o cacimbão, o carnaubal, vamos adentrando naquele universo, antes só possível se lá estivéssemos ou por meio de relatos escritos e falados.



iiiiiii / sinopse:

um grupo masculino, entre homens e meninos, sobem a trilha da serra do pajé em Lisieux e são surpreendidos com as difíceis passagens que os aguardam. Contudo, não são suficientes para os fazerem desistir de ver a sua cidade lá do alto.



o predero / sinopse:

filme mostra o dia-a-dia de um grupo de pedreiros na localidade de Lisieux, Santa Quitéria.



o fim não está próximo / sinopse:

novos moradores da Terra sobrevoam seu atual território e são surpreendidos ao encontrar uma cidade no fim do mundo.

³ Para acessar o link dos vídeos ver Caderno 1: Peleja, Lista de Vídeos, p.26.

8 NÃO FALAMOS DE ARQUITETURA



imagem 01: apresentação de capoeira no Grêmio Recreativo de Lisieux, data desconhecida.

No local, uma indefinição de corpos e movimentos – a voz alteia –, átimos de incerteza entre os passantes – uma roda em volta, o bater na mala, o abrí-la, os frascos de unguentos mostrados – um cachorro curioso é afastado – alguém compra um – a mãe levanta a criança no colo para poder olhar. Olhos e caras: dentro desse “é” nada mais “foi”: espaço, seres, relações, mergulham no relâmpago da transformação. O pedaço de praça sempre foi aquilo. O Arquiteto agiu: a totalidade veio do nada. Sem madeira, pregos, cordéis e cortinas, temos a separação das águas, o *fiat lux*, e o marcenciro descuidado da gênese do palco está em função. (Tom Zé, 2012, p.42)

Durante todo o período em que eu estive na faculdade, muitas foram as crises sobre a atuação dos/as arquitetos/as e urbanistas. As disciplinas de projeto arquitetônicos estiveram sempre alinhadas a um fazer voltado para o mercado, ou seja, para quem pode pagar por esse serviço, guiando nossos esforços para a reprodução de um sistema que fortalece a expansão de cidades cada vez mais desiguais. Seguindo programas prontos, quase nunca havia espaço para contestá-los ou sugerir novas possibilidades de pensá-los a partir de outras posições, fazendo questão de nos lembrar que aquilo era, aparentemente, o (único) preparo necessário para enfrentar a profissão “lá fora”. Ironicamente, a nossa disciplina de Prática Profissional torna-se um ótimo desfecho para nos equipar aos desejos e imposições de um mercado imobiliário, deixando de lado práticas outras, apenas pontuadas vagamente em sala de aula, refletindo mais uma vez o velho ditado de “quem detêm o poder define o que é ou não pautado” e, nesse caso, o poder manifestado em suas várias dimensões.

Com isso, questiono o lugar do programa arquitetônico como exercício projetual limitador, interessado em satisfazer necessidades universais e pressupostos abstratos, ignorando contextos e realidades. Por exemplo, quase nunca pensamos sobre quais corpos adornam os nossos imaginários de projetos. Em quem estamos pensando quando propomos algo? Estamos pensando? Por que há uma hierarquia (de pensamento dentro do curso) entre essas duas medidas: espaço materializado e espaço social, sendo a primeira o que parece se sobressair em termos de prioridades e no que se espera de “progresso” nesse campo? Porque não estudamos os papéis sociais da arquitetura dos arquitetos? E aqui me refiro a uma necessária posição desta em discussões sobre gênero e raça também. Precisamos ir além dos muros construídos. Além das arquiteturas feitas por arquitetos (e aqui refletir sobre quem, historicamente, ocupa e é reconhecido nesse lugar e nessa definição). Além do que se conhece e se valida.

Penso os espaços para além das suas paredes e vedações, a partir do seu diálogo com os corpos e o tempo. Projeto como dispositivo, prospecto, campo aberto

de possibilidades, aprofundamento e engajamento de corpos nos espaços. O arquiteto como mediador e proponente de interfaces, como nos ensina Silke Kapp e Ana Baltazar (2016)¹, ao se referirem a casos como os utilizados nos processos de assessorias técnicas. Contestar o lugar de privilégio que este carrega, a partir também da imposição de sua cultura sobre as demais, explicitada na fala de um professor que escutei uma vez: “Tem uma hora que o arquiteto tem que dizer como as coisas serão feitas porque eles sabem como fica bom”, no que este complementa: “o fundamental mesmo no projeto é que a planta bata com o corte” (o óbvio torna-se fundamento, à crítica e à reflexão relega-se o terceiro, quarto plano, e olhe lá). Parece absurdo que isto esteja sendo dito em uma sala de aula de uma Universidade Pública, mas os exemplos são vários.

Diante disso, acrescida das experiências que vivenciei no decorrer do curso, seja no Canto, no Lehab² ou nas discussões com meus colegas fora das salas de aula, busco tensionar o lugar privilegiado do fazer projetual através da ampliação do imaginário sobre o espaço de Lisieux e de sua produção, considerando os conhecimentos e as práticas locais como substrato base para se pensar a atuação nele. A partir disto, *des*-planejo uma espécie de Atlas-instalação, dispositivo de montagem³, visando a ativação de memórias e criação de narrativas (dialogando com o direito à ficção a qual me referi antes) com base no que foi coletado durante este ano de investigação e no que se entende enquanto construção de lugar e sua história, tendo como objetivo pensar a partir de reorganizações possíveis antes de uma documentação ou proposição fechada de algo. Afinal, mesmo o que aqui se propõe tem como sustentação o que se viveu/vive e se construiu/constrói ali e, neste caso, o Centro de Memórias de Lisieux é terreno onde busco pouso e assento idéias.

Não falamos de arquitetura é sobre a pergunta constante de o que a constitui. Ampliar o campo, enxergar o cotidiano (e quem vive nele) como trabalho vivo e sua importância na produção dos entornos. Pensar atividades arquitetônicas como intervenções políticas que dialogam com o tempo e com as relações que afetam e direcionam seus corpos circundantes, considerando a multiplicidade destes e reivindicando as suas [re]existências e diferenças.

¹ Para um aprofundamento sobre o tema, ler BALTAZAR, Ana Paula; KAPP, Silke. Assessoria Técnica com interfaces. In: IV ENANPARQ 2016, Porto Alegre. IV ENANPARQ: Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo - Estado da arte. Anais. Porto Alegre: UFRGS, 2016. v. 1

² Laboratório de Estudos da Habitação, criado em 2013, sob a coordenação do Prof. Renato Pequeno, como parte do Departamento de Arquitetura e Urbanismo/UFC.

³ Esse conceito dialoga também com a ideia de dispositivo de interfaces, desenvolvido pelas professoras e arquitetas Silke Kapp e Ana Baltazar (2016), onde este surge como uma possibilidade de tradução do conhecimento técnico para algo que impulse a integração dos usuários, visando gerar autonomia, individual e coletiva, e informação a estes, ao invés da criação de novas dependências.



imagem 02: construção de fosso, fevereiro de 93.

[8.1] A ARQUITETURA DE NÃO-ARQUITETOS

Desde o início me interessava pensar sobre uma cidade feita por não-arquitetos. E isso não significa a não presença de gestos arquitetônicos lá, pois sempre existiram aqueles especializados em construção, pedreiros, serventes, carpinteiros, pensadores e criadores de micro-genialidades espaciais, familiarizados e entendidos da complexidade que formam seus territórios. Como diz Ermínia Maricato, “A autoconstrução é uma arquitetura possível”, por isso me refiro à uma arquitetura de não-arquitetos. Vale, contudo, ressaltar, que não a explicito aqui com um olhar puramente romântico sobre, pois acredito que esta também se constitui enquanto **denúncia**. Denúncia de uma ausência. E não exatamente ausência do Estado ou de arquitetos detentores dos conhecimentos técnicos e científicos (ocidentais), mas de possibilidades da permanência e valorização dos seus saberes como legítimos, constituintes de uma ciência outra, uma **cosmovisão** que firmam suas identidades.

No caso de Lisieux, assim como nas periferias urbanas das grandes cidades, a maioria de suas casas foram e são autoconstruídas por pedreiros locais, arquitetura esta que quase nunca integra nossos estudos acadêmicos, elucidando estruturas hierárquicas que surgem com a divisão do trabalho que coloca o arquiteto como gênio-criador e o construtor como alienado. Grande parte das suas construções atuais, reproduz, contudo, pelo menos formalmente, a que é feita nas cidades, que é a arquitetura como mercadoria. A sociedade industrial quando chega lá, impõe aos moradores a um consumismo compulsório, desestabilizando suas possibilidades de subsistência.

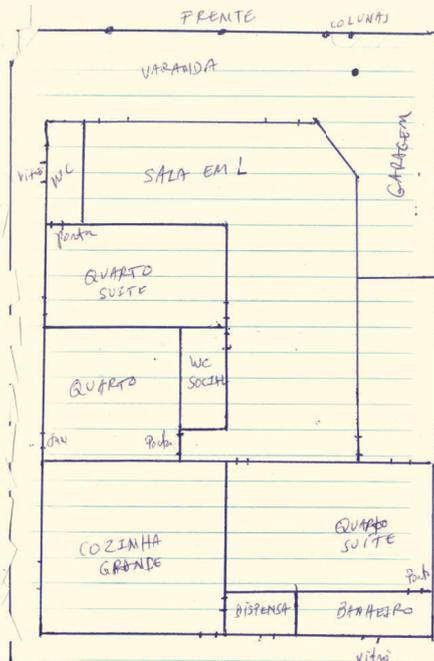
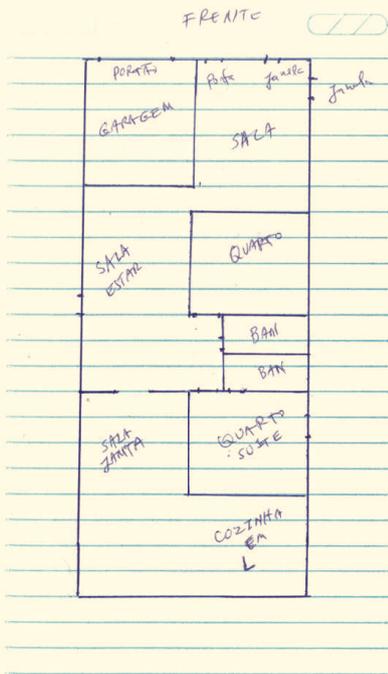
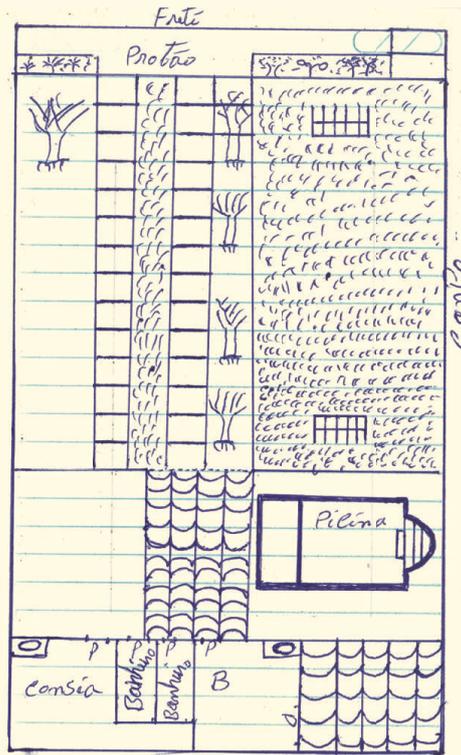
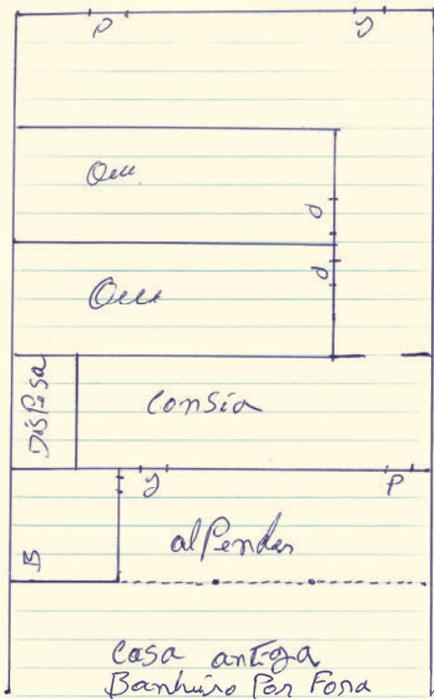
Podemos observar esta presença através de materiais e soluções arquitetônicas utilizadas hoje em dia, muitas vezes com dimensões desproporcionais em relação ao seu entorno, mas que dão o ar “chique”/urbano desejado. Foi assim que começaram a surgir os duplex e triplex, sinais de quebra da horizontalidade desértica encontrada naquele mar de terra, antes manifestada somente a partir das formações da sua paisagem natural com topografias, matas e serras e das construções térreas espalhadas. A autoconstrução é pois, característica primeira do surgimento e crescimento de povoados por essas bandas do sertão.



imagem 03: vista de Lisieux desde a barragem do açude (velho) Angiquins, onde podemos observar sua expansão., 2017.



álbum 01: Exemplos de construções em Lisieux (sede).



CASA DO PAI DO KLEBER (EM LISSEUG)

desenho 01: Algumas exemplos de plantas-baixas desenhadas por um dos mestres de obra de Lisieux, Seu Antônio.



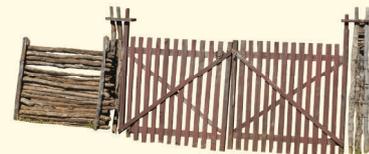
1. trave de campo de futebol



2. suporte torneira e balde alumínio



3. armador e forquilha



4. cancela/ porteira de madeira



5. mesa dobrável de madeira



6. banco



7. escada pula-cerca



8. cortador de ferro



9. guardar goma de mandioca



10. a "roda" (mover moinho e moer a mandioca)



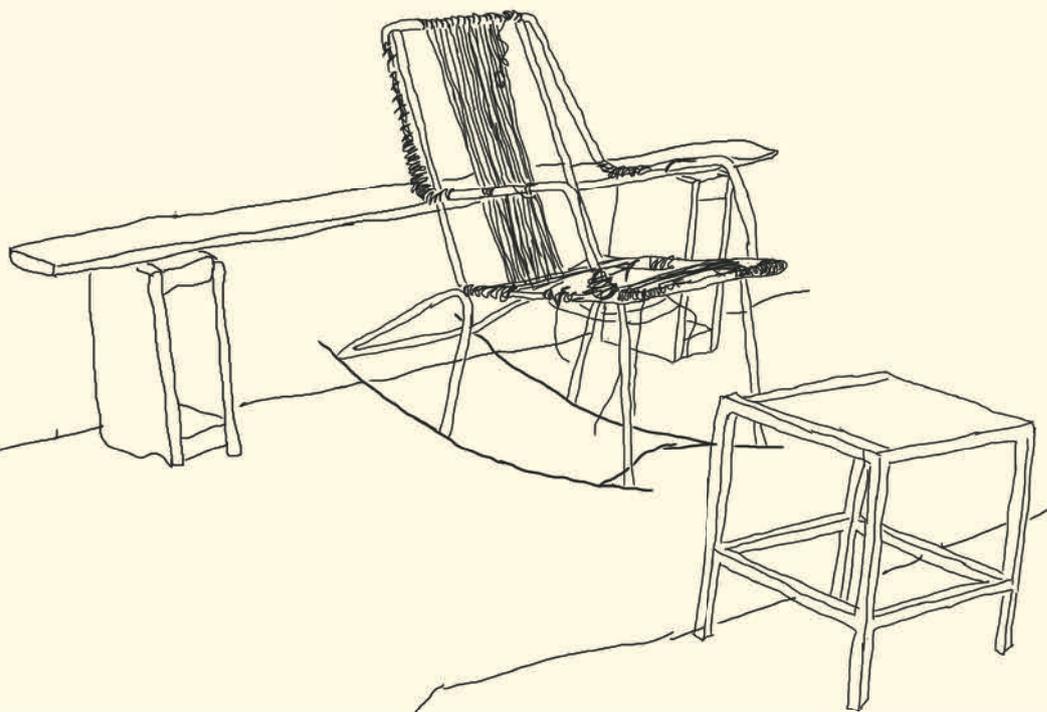
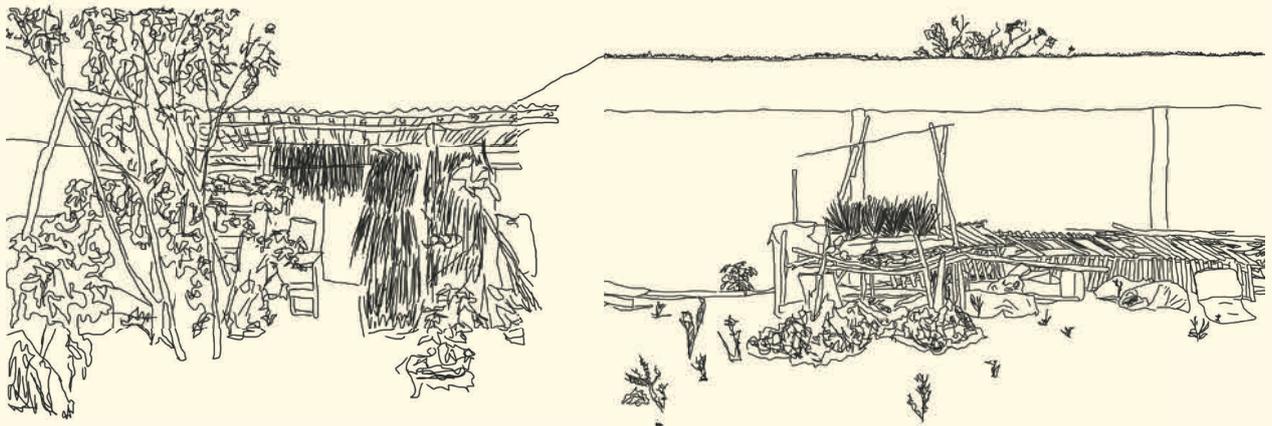
11. capota caminhão



12. canteiro/horta



13. suporte calçada - lixo



desenho 02: Canteiro, casa de taípa e palha, banco, cadeira de balanço.

[8.2] CENTRO CULTURAL DE LISIEUX

Visando dialogar com o que foi posto neste trabalho, seja fim ou começo, tomo como escolha e lugar de atuação um espaço em processo contínuo de construção e atualização de si, o Centro Cultural de Lisieux, onde funcionam uma Rádio e uma Biblioteca Comunitária, e mais profundamente, o seu anexo recente, o Centro de Memórias. Todos constituem exemplos de micro-políticas realizadas ao longo dos anos pelos próprios moradores da comunidade. No caso do Centro Cultural de Lisieux, a sua história é longa e começou antes mesmo de sua construção física, entre 1982 e 1983, idealizado e fundado por jovens locais, ansiosos por um espaço onde pudessem se reunir. Influenciados pela Igreja Católica Progressista⁴, encontravam-se para rezar, festejar, conversar e discutir problemas da comunidade, desde a falta de trabalho para os jovens até questões de luta pela terra.

Este surgiu, inicialmente, com o nome de Salão Comunitário e foi todo construído via mutirão, tijolo por tijolo, onde concluiu-se em 1987. Posteriormente, em 1989, surge enquanto associação, chamada Grêmio Recreativo Cultural e Educacional de Lisieux - Grececli, enveredando para um lado de fomento à educação e cultura que o caracteriza até hoje, tendo conquistado, em 2010, o projeto Ponto de Cultura, através do Ministério da Cultura. A seguir exponho uma linha do tempo até a sua última expansão, com a adição do Centro de Memórias de Lisieux (museu comunitário), em processo de construção desde dezembro de 2016. Em seguida, desenho as mudanças ocorridas no seu espaço físico no decorrer dos anos, a partir de levantamentos feitos no local durante as visitas de campo.



⁴ Na década de 80, a Igreja Católica Progressista, inspirada pela Teologia da Libertação e engajada em realizar mudanças profundas na Igreja Católica e na sociedade, promoveu e apoiou movimentos sociais modernos em todo o Brasil, tanto nos centros urbanos quanto na zona rural.

mapa 01: Centro Cultural de Lisieux e entorno imediato.

Cronologia do Centro Cultural do Lisieux



1982

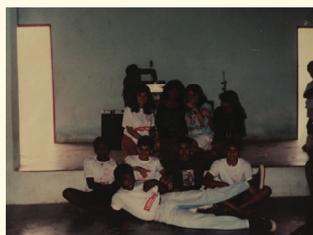
Primeiros encontros do grupo de jovens.

1984

Início da fabricação de tijolos e da construção de um espaço para o grupo e para o projeto Chapelaria Comunitária.

1987

Inauguração do espaço, que foi chamado de Salão.



1989

Grêmio Recreativo Cultural e Educacional de Lisieux.

Saída da Chapelaria Comunitária do Salão.

1996

Criação de uma biblioteca comunitária no espaço da antiga chapelaria.

1997

Criação de uma rádio comunitária no grêmio.



2005

Legalização da Rádio Comunitária do Lisieux.

2006

Início do programa Progresso na Leitura na Rádio Comunitária.

2007

Começa a funcionar o projeto Carrinho da Leitura.

A rádio é finalista do prêmio Vivaleitura.



2010

O grêmio vira Centro Cultural do Lisieux após ser convertido em Ponto de Cultura pelo Ministério da Cultura.

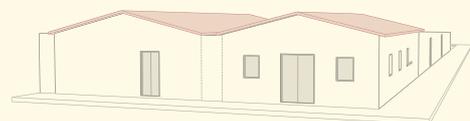
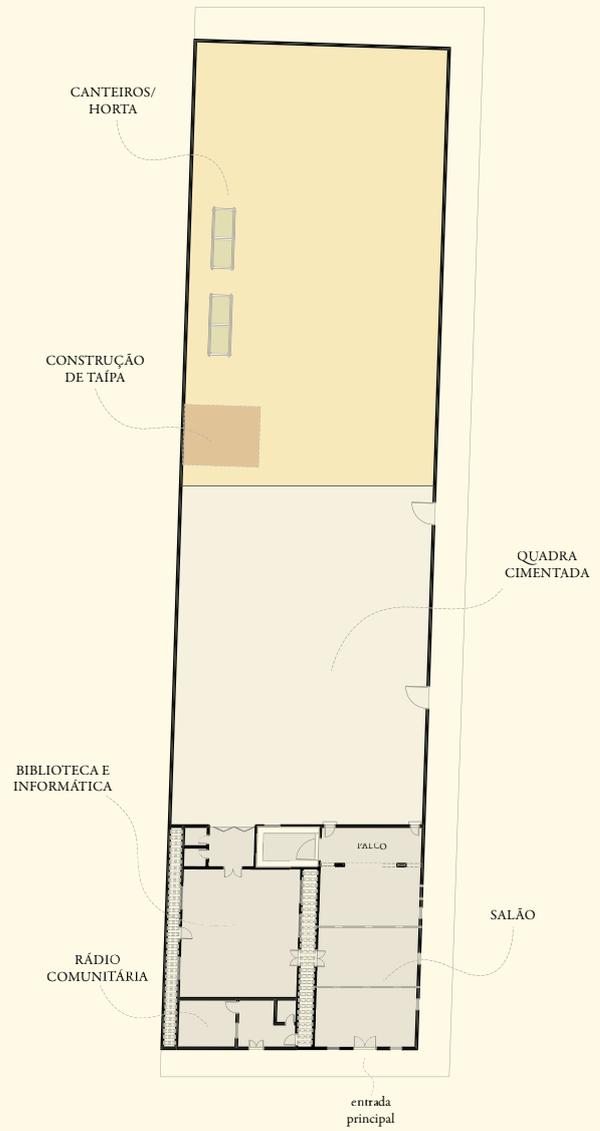
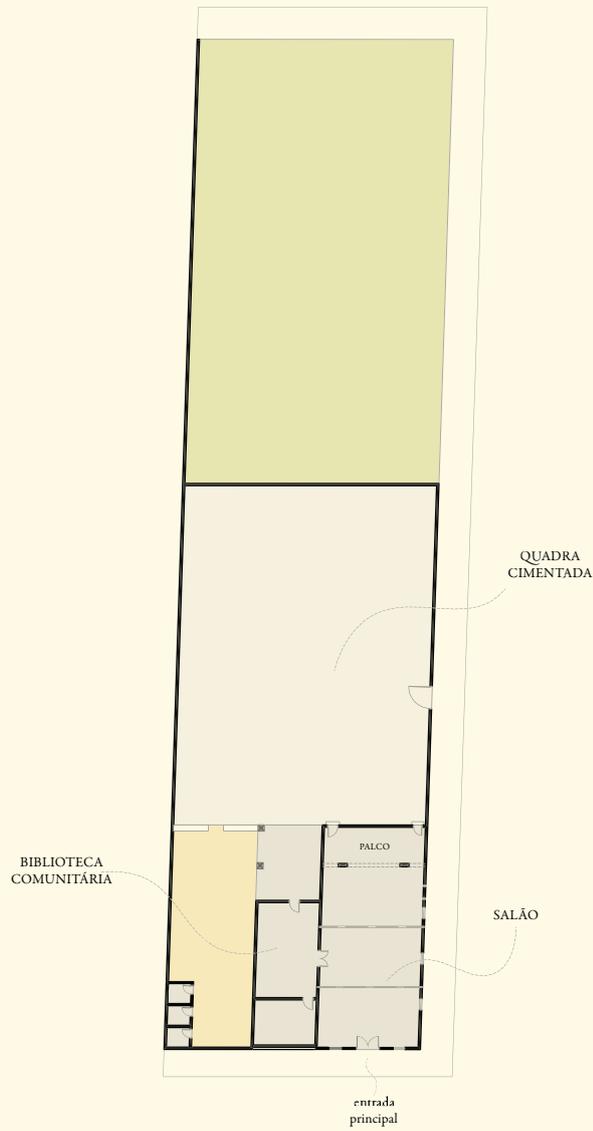
2016

Início da construção do Centro de Memórias do Lisieux

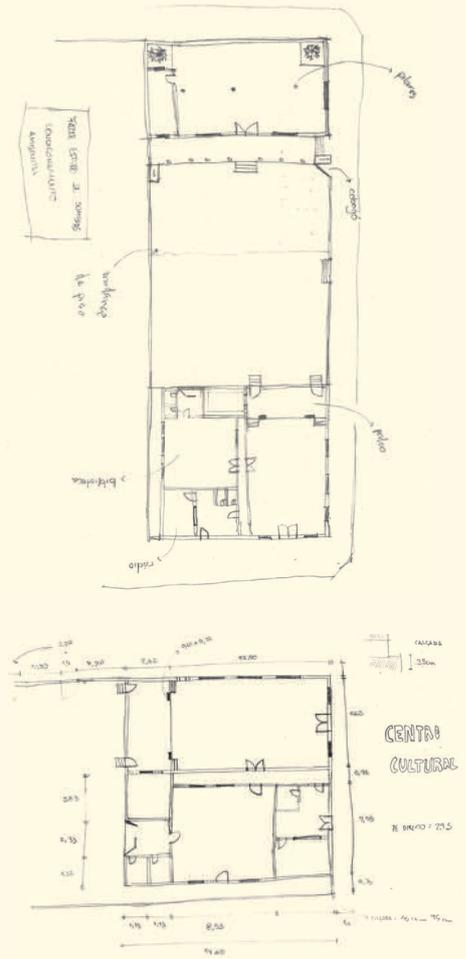
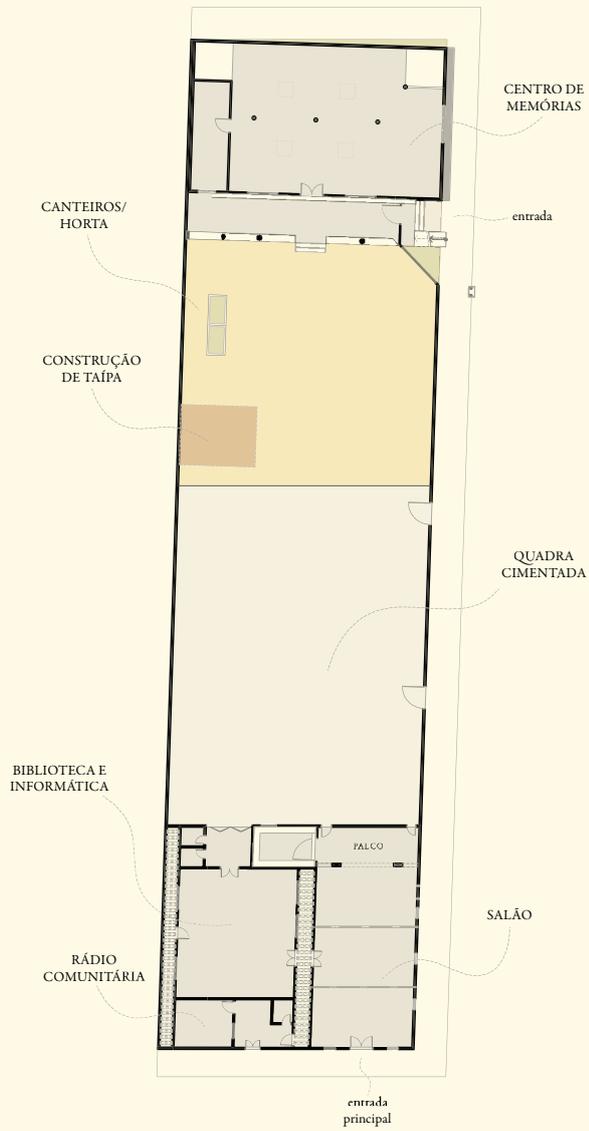


**SALÃO COMUNITÁRIO/
GRÊMIO (1987-2010)**

**CENTRO CULTURAL/ ponto
de cultura (2010-2016)**



CENTRO CULTURAL E DE MEMÓRIAS (2017-)



desenho 03: Levantamento Centro Cultural de Lisieux, 2017.

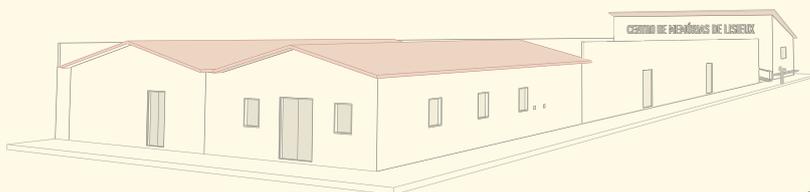
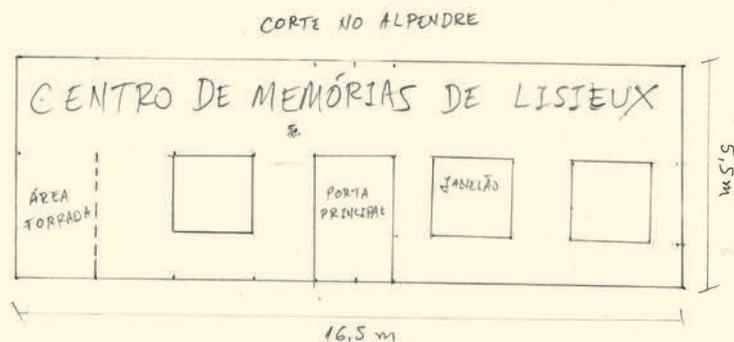


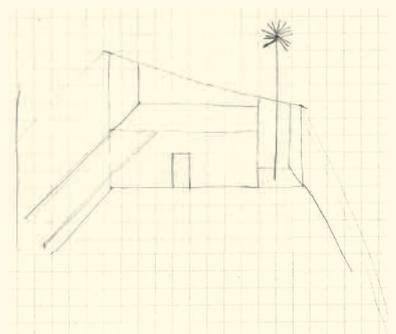
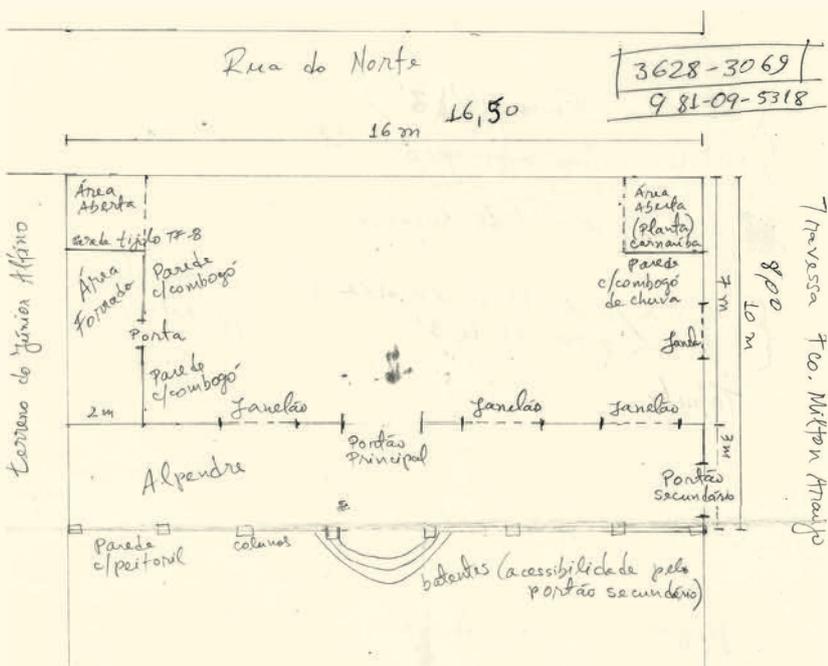
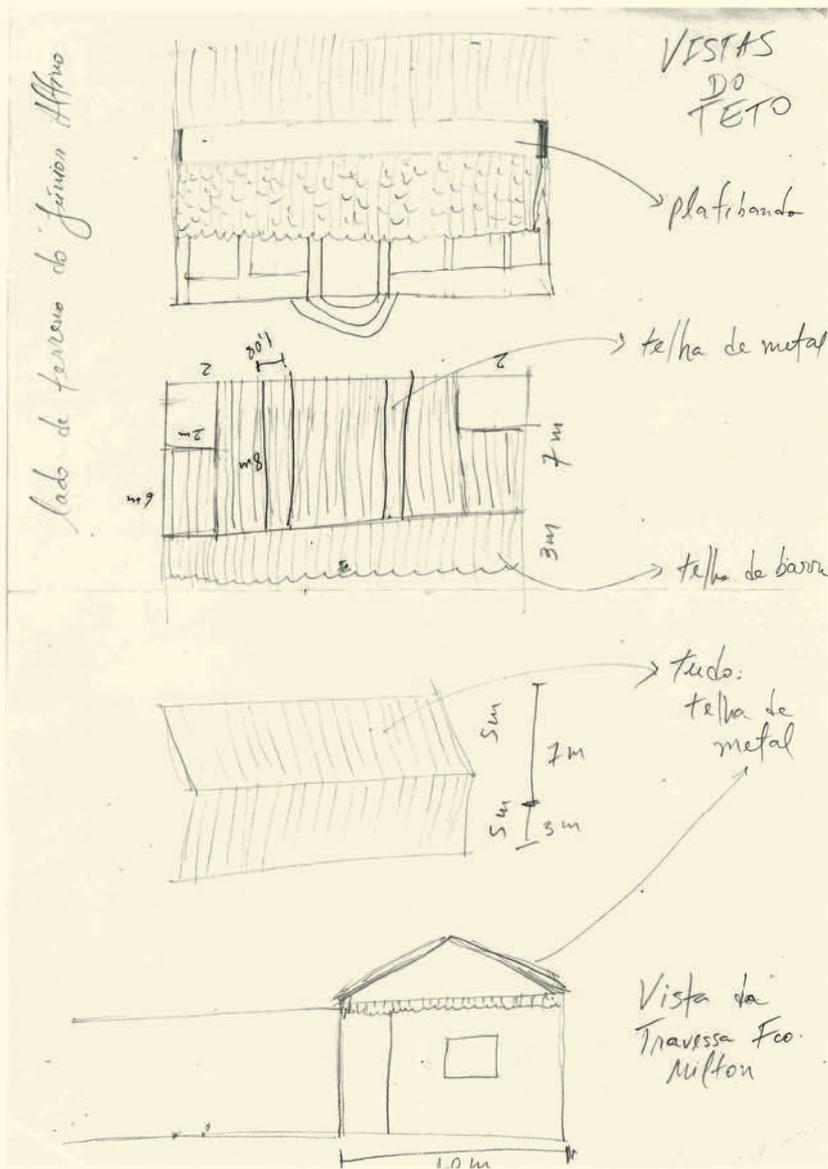
diagrama 01: Expansão do Centro.

[8.3] CENTRO DE MEMÓRIAS DE LISIEUX

Meu contato maior com o Centro de Memórias se iniciou com o pedido, feito através do meu pai, participante ativo do Centro desde a sua fundação, quando ainda morava em Lisieux, para que eu desse sugestões arquitetônicas em cima da proposta de projeto que eles tinham pensando como espaço físico. Isso, creio, já no início de dezembro de 2016, pois eles queriam começar a construção imediatamente. Tinham conseguido arrecadar dinheiro suficiente para levantar as paredes e colocar o telhado. Lembro que foi questão de um ou dois dias depois, que é como normalmente se operam as coisas por lá, não tanto elaboração de conceitos, mas sim experimentando nas tentativas e no que já se conhece.

Apresento aqui, pois, os desenhos que recebi como proposta inicial, os quais traduzo para uma linguagem técnica onde proponho por cima algumas pequenas alterações, visando, principalmente, tornar o espaço acessível (introdução de rampas devido a necessidade de terraplanagem do terreno) e pensar em possibilidades de sua expansão, que, no caso, só seria possível para cima, com a introdução de um mezanino, por exemplo, visto que o restante do terreno já tem outras utilidades.



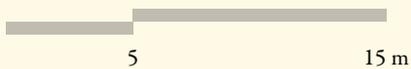
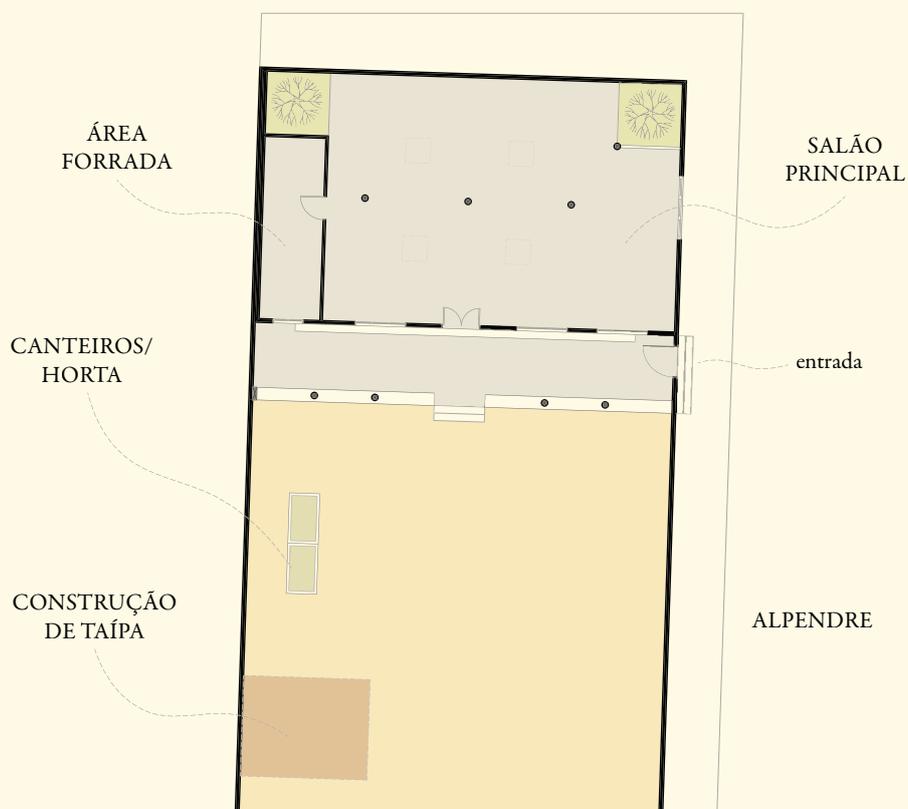


desenhos 04, 05 e 06: Planta, corte e fachadas pensadas pela organização do Centro junto ao mestre de obra responsável, Seu Antônio.

desenho 07: Perspectiva mezanino, sugestão da autora.

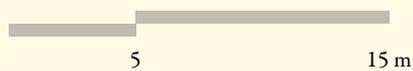
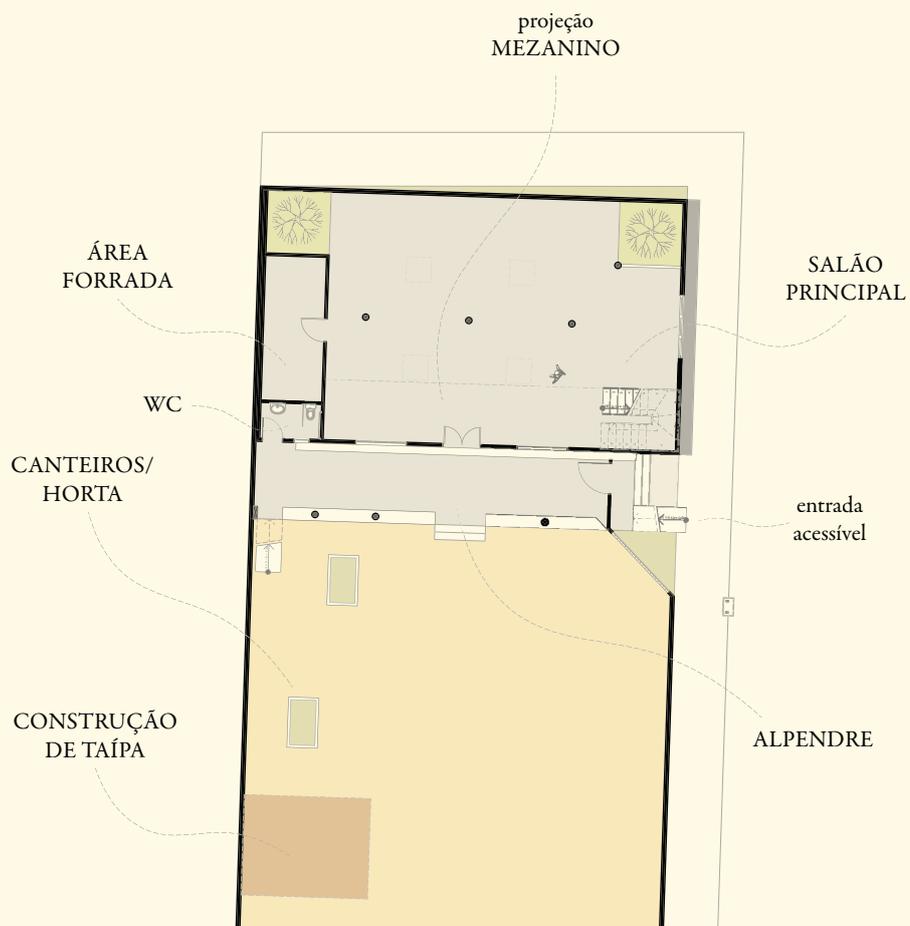
PROPOSTA 01:

- salão principal
- área forrada
- alpendre
- entrada pela rua
- canteiros
- casa de taípa



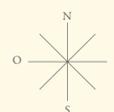
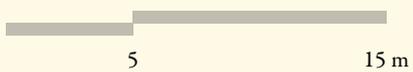
PROPOSTA 02:

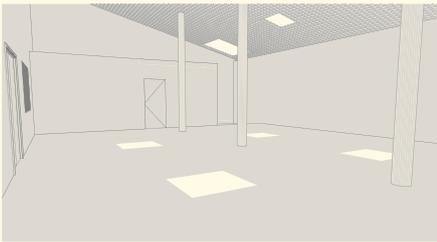
- salão principal
- área forrada
- mezanino
- banheiro (wc)
- alpendre
- entrada acessível
- canteiros
- casa de taípa



CONSTRUÍDO:

- salão principal
- área forrada
- alpendre
- entrada acessível
- canteiros
- casa de taípa





Hoje, um ano desde o início da sua construção, devido ao pouco recurso disponível não foi possível viabilizar a colocação de um banheiro, nem tampouco, estruturar as paredes para receber um mezanino, ganhando alguma estrutura apenas o ambiente forrado que se encontra na lateral esquerda do galpão. Contudo, o Centro já se encontra de pé e com possibilidade de uso⁵. O alpendre, herança construtiva, está presente e foi uma prioridade desde o começo. Seu piso foi revestido com os ladrilhos antigos da Igreja principal, os quais haviam sido retirados e substituídos na sua última reforma por porcelanato, como sugestão do pároco atual, mais um exemplo da ocorrência do que se chega (ainda sob o ideário da modernidade) e se modifica ali.



Pontuo aqui também algumas das ações realizadas por quem faz o Centro visando a arrecadação de verba para a sua construção, já explicitadas em um dos próprios cartazes-ações divulgados do fim do ano passado (ver página seguinte). Junto a estes, cartazes, panfletos e outras formas de divulgação usadas por eles no decorrer dos anos para manter aquele espaço vivo e movimentado, com o objetivo principal de trazer cultura, arte e educação para sua comunidade e seu entorno (rurais).

É importante situar que aqui falo não só da estruturação e implantação física de um espaço, mas do seu processo contínuo como um ambiente vivido e utilizado, que se transforma a partir de micro-políticas existentes e atuantes neste. Logo, parte daí também meu tencionamento dos modos de se pensar e fazer arquiteturas. Ampliação de modos de ver e escancaramento dos possíveis.

⁵ Contudo, até a finalização deste trabalho ainda não havia sido inaugurado.

Convidamos você para a inauguração do som novo e dos jogos do Grêmio Recreativo de Lisieux, neste domingo, dia 03/03, a partir das 09:00 horas da manhã.

Agradecemos sua presença.

Diretoria do GRECELI

CONVITE

Temos o prazer de convidar V. Sa. e família para o tradicional "FORRÓ DAS FÉRIAS" de Lisieux no próximo dia 27/07/91.

Venha se divertir e dançar à vontade ao som da BANDA ASA DELTA.

Agradecemos a Presença
Grêmio Recreativo de Lisieux

CONVITE

Convidamos V. Sa. e família para o "FORRÓ DAS FÉRIAS" dia 22/07/89 animado pelo conjunto ASA DELTA.

PROMOÇÃO:
DIRETORIA DO SALÃO COMUNITÁRIO DE LISIEUX

COMO AJUDAR?

Em 2010 foi aberta uma conta poupança na Caixa Econômica Federal para guardar recursos para a construção do Centro de Memórias. E a primeira doação, com a qual fizemos a abertura da conta foi R\$ 50,00 de um amigo (representante comercial) de Fortaleza-CE.

O QUE JÁ FOI FEITO DESDE ENTÃO PARA ARRECADAR?

- I bazar em setembro/2012
- venda de livros em dez/12 e jan/13
- II bazar em maio/2013
- bingo em mai/2013
- III bazar em ago/2014
- saídas de projetos que desenvolvemos como Ponto de Cultura, Paixão de Cristo, Carrinho da Leitura nas Comunidades, etc.

Todos os recursos foram depositados na conta citada.

O QUE AINDA PODEMOS FAZER?

- exemplos de doações:
 - objetos/material para o acervo
 - material de construção
 - dinheiro
 - participação coletiva de todos

ENTRE EM CONTATO ATRAVÉS DE:

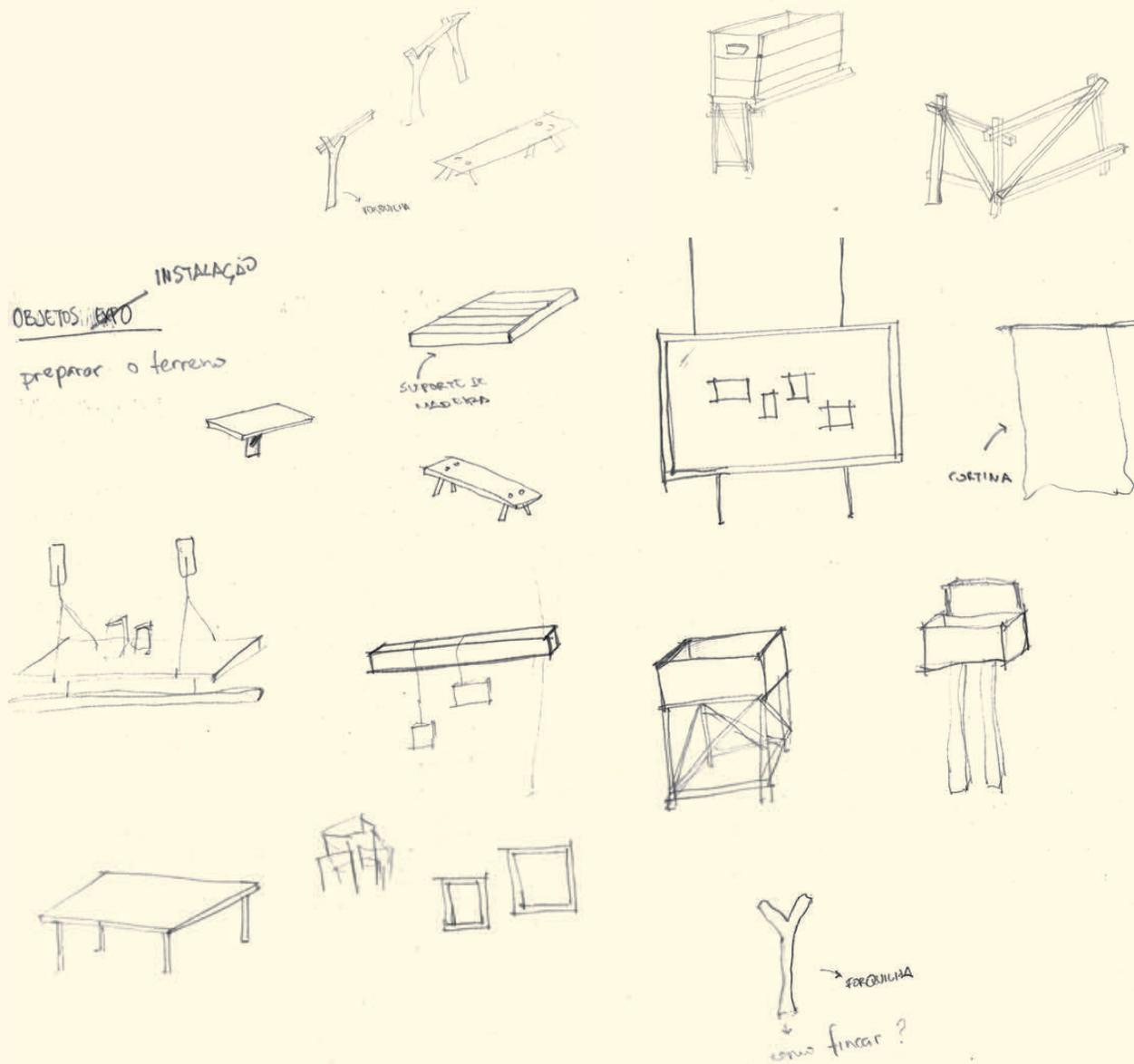
- facebook.com/centroculturaldelisieux/
- centrocultural.lisieux@hotmail.com
- paulorego_moura@hotmail.com
- ivanildo.riardo-lisieux@hotmail.com
- dimaria78@live.com
- danielasantanardrigues@hotmail.com
- toinha_sobral@yahoo.com
- radioprogresso879@hotmail.com
- whatsapp
- 88 9 9929-8285
- 88 9 8139-5147
- 88 9 8137-1224
- 88 9 8154-3433
- 88 9 9929-8913
- 88 34283061



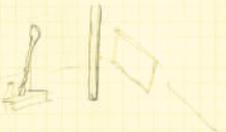
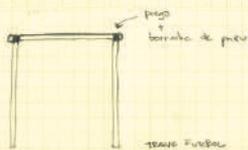
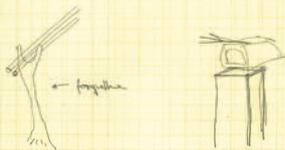
[8.4.] Direito à ficção II

Visando juntar o começo e fim desde trabalho, seja qual for a sua ordem, Atlas e Centro de Memórias, proponho alguns objetos como dispositivos de montagem expositiva, visto que o que os compõem são elementos variados e que podem percorrer um espaço de maneiras distintas: audios, videos, mapas, fotografias, objetos, notas de pesquisa de campo, documentos antigos etc. Os objetos aqui propostos foram desenhados em virtude do que foi observado nas visitas enquanto possibilidades de resignificação do existente e reinvenção a partir dele (ver álbum 2)

É, pois, importante entender a copilação dos cadernos deste livro como um próprio Atlas e o Centro como um também espaço de projeção do que pretendi contar aqui. Uma preparação de terreno, um chão que pode ser movimentado e acrescido.

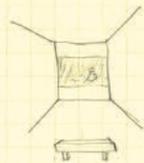
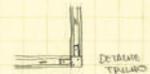
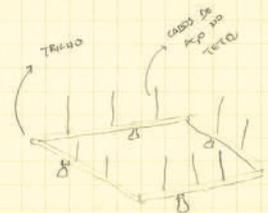
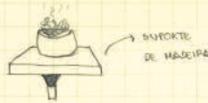


ATLAS + EXPOSIÇÃO = DISPOSITIVO DE INTERFACE



APPROXIMAÇÕES: Liza Lo Bardi e Aby Warburg

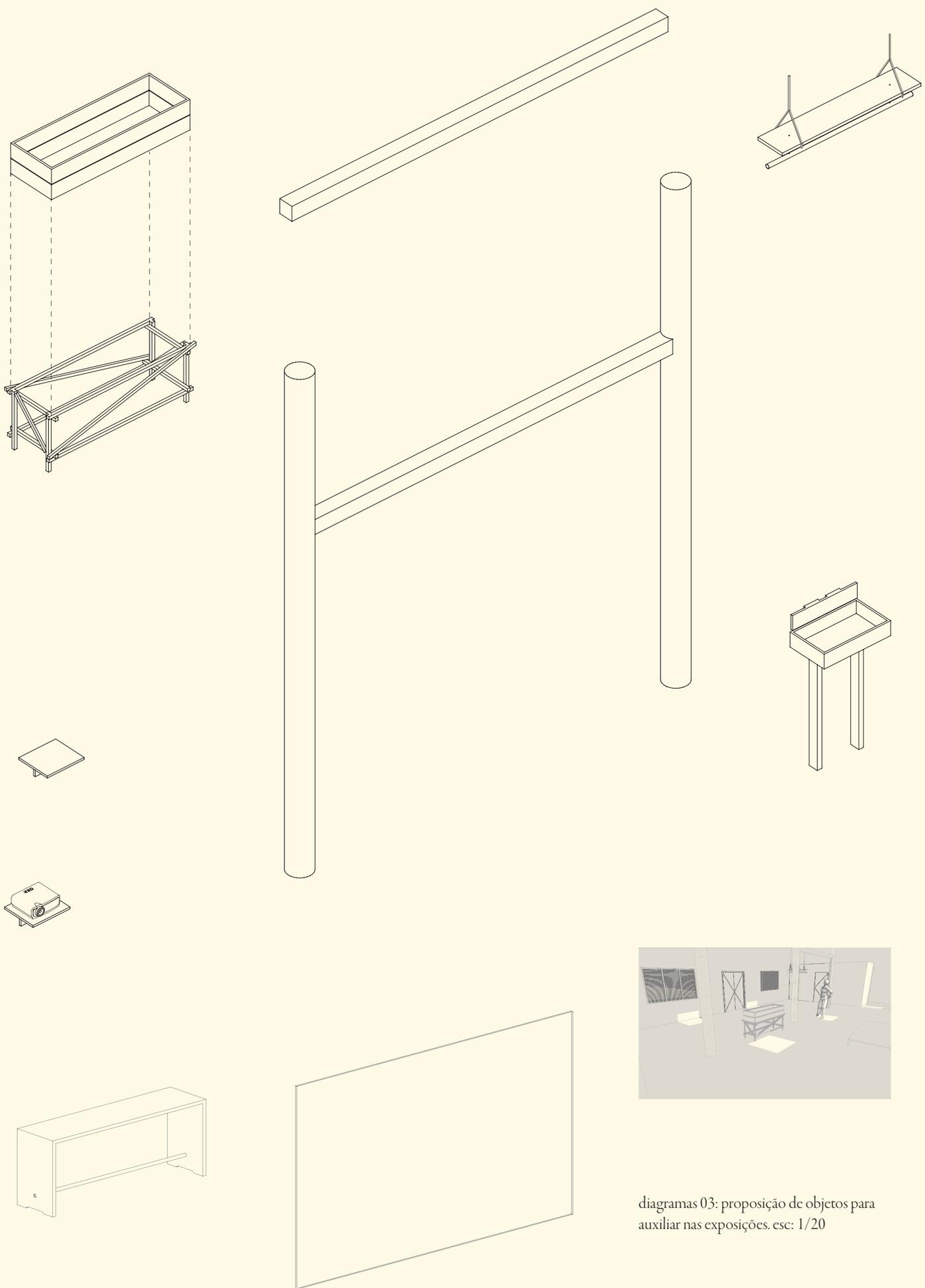
ATLAS: misturar materialidades (foto, texto, objeto, mapa, vídeos, memes)



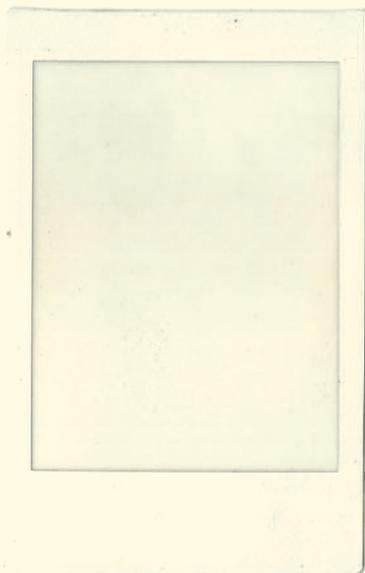
@ Pensar num espec de projeção

AUDIO + VIDEO REGRADO + DESENHOS





diagramas 03: proposição de objetos para auxiliar nas exposições. esc: 1/20



Wisoux 09/08/16

uma estrada é deserta por dois motivos: por abandono ou por desprezo. esta que eu ando nela agora é por abandono. chega que os espinheiros a estão abafando pelas margens. esta estrada melhora muito de eu ir sozinho nela. eu ando por aqui desde pequeno. e sinto que ela bota sentido em mim. eu acho que ela manja que eu fui para a escola e estou voltando agora para revê-la. ela não tem indiferença pelo meu passado. eu sinto mesmo que ela me reconhece agora, tantos anos depois. eu sinto que ela melhora de eu ir sozinho sobre seu corpo. de minha parte eu achei ela bem acabadinha. sobre suas pedras agora raramente um cavalo passeia. e quando vem um, ela o segura com carinho. eu sinto mesmo hoje que a estrada é carente de pessoas e de bichos. emas passavam sempre por ela esvoaçantes. bando de caititus a atravessavam para ir ao rio do outro lado. eu estou imaginando que a estrada pensa que eu também sou como ela: um coisa bem esquecida. pode ser. nem cachorro passa mais por nós. mas eu ensino para ela como se deve comportar na solidão. eu falo: deixe deixe meu amor, tudo vai acabar. numa boa: a gente vai desaparecendo igual quando carlitos vai desaparecendo no fim de uma estrada...

deixe, deixe, meu amor.

manoel de barros

